

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA

**LUTANDO PARA EXISTIR: EXPERIÊNCIA VIVIDA E SOFRIMENTO SOCIAL DE
PESSOAS TRANSGÊNERAS**

CAMPINAS

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA

**LUTANDO PARA EXISTIR: EXPERIÊNCIA VIVIDA E SOFRIMENTO SOCIAL DE
PESSOAS TRANSGÊNERAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título Mestre em Psicologia. Orientadora: Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

150.195 Silva, Gustavo Renan de Almeida da
S586L

Lutando para existir: experiência vivida e sofrimento social de pessoas transgêneras / Gustavo Renan de Almeida da Silva. - Campinas: PUC-Campinas, 2021.

169 f.

Orientador: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Psicanálise - Aspectos psicológicos. 2. Pessoas transgênero - Identidade. 3. Sofrimento. I. Vaisberg, Tânia Maria José Aiello. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 150.195

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
GUSTAVO RENAN DE ALMEIDA DA SILVA
LUTANDO PARA EXISTIR: EXPERIÊNCIA VIVIDA E SOFRIMENTO SOCIAL DE
PESSOAS TRANSGÊNERAS**

Dissertação defendida e aprovada em 21 de janeiro
de 2021 pela Comissão Examinadora



Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg
Orientadora da Dissertação e Presidente da
Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)



Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)



Prof. Dr. Eduardo Name Risk
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, em função das normativas sociais, se vêm guerreiras, combatentes, nas trincheiras que vão se constelando ao longo da vida.

Agradecimentos

Agradeço todas as pessoas transgêneras que lutam continuamente por reconhecimento e respeito em uma sociedade, ainda bastante preconceituosa, violenta e desigual. Obrigado por esmiuçarem normas sociais, combatê-las e, não obstante, pela coragem em compartilhar suas narrativas conosco, sem as quais não seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço às pessoas que estão sempre ao meu lado, e aqui incluo namorado, família e amigos. Obrigado por construírem essa história comigo, uma história com delícias e dificuldades. Amo muito vocês!

Agradeço ao grupo de pesquisa “Atenção psicológica clínica em instituições: prevenção e intervenção”, em especial ao subgrupo do qual faço parte, pelo companheirismo e ricas contribuições desde minha inserção, que antecede o mestrado. Essa é uma construção a “muitas mãos” e com certeza carrego todos vocês nessas páginas.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg. Meu apreço e admiração por você, cujo “espírito inquieto e transgressor” nos motiva a ir sempre além, nutrindo uma postura crítica e ética. Seus ensinamentos, sem dúvidas, transbordam o espaço acadêmico, de modo a nos desenvolvermos como pessoas melhores. MUITÍSSIMO OBRIGADO!

Agradeço a banca de qualificação, representada pela Profa. Dra. Heloisa Aparecida de Souza e pela Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato. As contribuições de vocês foram essenciais para a realização desta pesquisa tal como ela se configura – e aqui ressalto, sobretudo, a valorização das “dramáticas do viver”. Não poderia deixar de comentar também os ensinamentos e carinho da Heloisa, desde meu estágio sobre transgeneridade e trabalho, ainda na graduação, como também os da Tânia e do grupo de estudos organizados por ela, em que dialogamos e refletimos sobre gênero.

Agradeço à banca de defesa, composta pela orientadora e pelos professores Dr. Eduardo Name Risk e Dra. Tânia Mara Marques Granato. Obrigado pelas gentis e valorosas contribuições nessa etapa do trabalho, as quais, sem dúvidas, enriqueceram o resultado final dessa dissertação.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, a todo corpo docente e Secretaria, pelo apoio e esclarecimentos ao longo do curso de mestrado.

Agradeço a todos os espaços em que pude circular nesses anos, nos quais aprendi tanto. Entre eles, insere-se o Centro de Referência LGBT de Campinas, o Ambulatório de Gênero e Sexualidades do Hospital das Clínicas/Unicamp, o Núcleo de Sexualidade e Gênero do Conselho Regional de Psicologia (CRP) de Campinas, o Grupo de Trabalho Gêneros e Sexualidades do CRP de São Paulo, cursos, congressos, eventos etc., bem como autobiografias e narrativas de pessoas transgêneras. Espero fazer contribuições, mesmo que singelas, coerentes com tudo que vivenciei e aprendi em todos esses anos, pautadas em um humanismo radical e em busca de melhores condições de vida.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro indispensável para a realização deste trabalho.

Cordel – Travesti não é bagunça (Jarid Arraes)

*Quase todo mundo sabe
O que é uma travesti
Mas se faz de ignorante
Pra xingar e pra agredir
Porque sente intolerância
Por quem sabe transgredir.*

*Travesti não é uma coisa
Nem um bicho anormal
É somente uma pessoa
Com força fenomenal
Que se assume como é
E que vive tal e qual.
(...)*

*Essa gente amargurada
Desconhece a realidade
Não sabe que a travesti
Enfrenta a dificuldade
Passando por violência
Sem receber caridade.*

*Muitas não podem estudar
Pois na escola vão sofrer
Com deboche e exclusão
De pequena até crescer
Porque a tal educação
Só uns poucos podem ter.*

*As famílias não aceitam
E as expulsam de casa
Muitas que vão para a rua
Foram antes deserdadas
Sem saída e sem carinho
Acabaram abandonadas.*

*Tantas ficam sem escolha
Vão pra prostituição
Pois só assim tem dinheiro
Pra comprar a refeição
Não que isso seja errado*

Mas não há muita opção.

*O estigma é criado
Faz-se o dito popular:
Travesti é tudo puta
Não se pode respeitar
E o povo pra agredir
Chega até a espancar.*

*Muitas são assassinadas
Sem a chance de viver
Só porque não são iguais
Aos que querem prescrever
Um jeito certo pra tudo
Sem a nada compreender.*

*Isso tudo é lamentável
É tão triste e revoltante
Travesti também é gente
Ser humano e importante
Quem não pensa desse jeito
É que é intolerante.
(...)*

*Não tem nada horroroso
Em querer ser diferente
No mundo tem muita regra
Que não se faz coerente
Ser homem ou ser mulher
Não é marca com patente.
(...)*

*Travesti também merece
Uma digna existência
Pois os direitos humanos
Não são de ambivalência
Valem para todo mundo
Com muita polivalência.*

*Se você abrir os olhos
Na internet pesquisar
Acabará encontrando
Muitos fatos de assustar
E verá por conta própria*

Tanto pra se lamentar.

*É espancamento e morte
Preconceito e exclusão
É um ódio muito extremo
Chega dói no coração
Isso tudo é crueldade
Essa é minha conclusão.
(...)*

*Travestis são como eu
Também são como você
Gostam de felicidade
Nisso você pode crer
Vivem procurando paz
Para enfim sobreviver.*

*Travestis são talentosas
Alegres e inteligentes
Criativas e esforçadas
Com espírito insurgente
Sabem vencer a batalha
Contra o ódio incoerente.
(...)*

*Também vou lhe convocar
Para se juntar à luta
E falar aos sete ventos
Provocando essa escuta
Pelo bem, pela igualdade
Pelo fim dessa labuta.
(...)*

Silva, Gustavo Renan de Almeida da. (2021). *Lutando para existir: experiência vivida e sofrimento social de pessoas transgêneras* (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Campinas, SP, Brasil, 164p.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar a experiência vivida de pessoas transgêneras na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. Justifica-se na medida em que formações sociais que se organizam de modo sexista geram sofrimentos que atingem tanto os que se definem em termos de cisheteronormatividade como aqueles que divergem dessas normas, entre os quais se incluem as pessoas transgêneras. Organiza-se metodologicamente como pesquisa qualitativa ao redor do método psicanalítico, operacionalizado em termos de procedimentos investigativos de produção, registro e interpretação do material pesquisado, abordando 13 vídeos do YouTube, nos quais pessoas que se identificam como transgêneras relatam suas experiências de vida. O conjunto dessas manifestações foi transcrito e considerado em duas etapas, focalizando as dramáticas do viver, presentes no campo da consciência dos próprios youtubers, e os campos de sentido afetivo-emocional. Foram identificadas as seguintes dramáticas no viver das pessoas trans: dificuldades nas relações familiares, nas relações amorosas, na escola, no trabalho, na vida cotidiana, no sistema de saúde, na segurança pessoal, na relação com o próprio corpo e ligadas a sensações de falsidade pessoal. Foram interpretativamente propostos dois campos de sentido afetivo-emocional: “Perverso e degenerado” e “Ser ou não ser verdadeiro”. O primeiro é aquele que se organiza ao redor da crença/fantasia de que a recusa de se conformar ao “sexo biológico” corresponde a uma forma de anormalidade moral, livremente escolhida pela pessoa. O segundo é aquele que se organiza ao redor da crença/fantasia de que é importante ser fiel ao próprio sentir. O quadro geral indica um entrechoque de tendências reducionistas, que pensam o humano como mero organismo biológico, com outras que concebem que a sexualidade, como fenômeno suficientemente dissociado da função reprodutiva, corresponde a uma área da experiência passível de ser vivida de modo criativo, autêntico e alinhado a uma ética radicalmente humanista.

Palavras-chave: gênero, transgênero, sofrimento social, método psicanalítico.

Silva, Gustavo Renan de Almeida da. (2021). *Struggling to exist: lived experience and social suffering of transgender people* (Master in Psychology). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Campinas, SP, Brasil, 164p.

Abstract

This work aims to investigate the lived experience of transgender people from the perspective of concrete psychoanalytic psychology. It is justified to the extent that social formations that are organized in a sexist way generate suffering that affects both those who are defined in terms of cisheteronormativity and those who diverge from these norms, including transgender people. It is methodologically organized as a qualitative research around the psychoanalytic method, operationalized in terms of investigative procedures of production, recording and interpretation of the researched material, 13 YouTube videos, in which people who identify themselves as transgender people report their life experiences. The set of these manifestations was transcribed and considered in two stages, focusing on the dramatics living, present in the field of consciousness of the youtubers themselves, and the fields of affective-emotional sense. The following dramatics were identified in the lives of trans people: difficulties in family relationships, in love relationships, at school, at work, in daily life, in the health system, in personal security, in the relationship with one's own body and linked to feelings of personal falsehood. Two fields of affective-emotional sense were interpretively proposed: "Perverse and degenerate" and "To be or not to be true". The first is that which is organized around the belief/fantasy that the refusal to conform to "biological sex" corresponds to a form of moral abnormality, freely chosen by the person. The second is that which is organized around the belief/fantasy that it is important to be faithful to one's own feeling. The overview indicates a clash of reductionist tendencies, which think the human as a mere biological organism, with others that conceive that sexuality, as a phenomenon sufficiently dissociated from the reproductive function, corresponds to an area of experience that can be lived in a creative, authentic way and aligned with a radically humanistic ethics.

Keywords: gender, transgender, social suffering, psychoanalytic method.

Sumário

Apresentação	14
Capítulo 1. Definindo o problema de pesquisa	21
Capítulo 2. Transitando pela literatura científica nacional sobre perversão	31
<i>Considerações iniciais</i>	31
<i>Perversão na SciELO</i>	36
Capítulo 3. Transitando pela literatura científica nacional sobre transgeneridade	47
<i>Considerações iniciais</i>	47
<i>Transgeneridade na SciELO</i>	56
Capítulo 4. Estratégias e fundamentos metodológicos.....	66
<i>Considerações sobre o método psicanalítico na pesquisa qualitativa</i>	66
<i>Conceitos de experiência vivida e de campo de sentido afetivo-emocional</i>	70
<i>Procedimentos investigativos</i>	73
Capítulo 5. Transcrição dos vídeos estudados.....	77
<i>Vídeo 1. [ALUNOS TRANS] Se sentindo isolado por ser trans, Theo não conseguiu voltar à escola</i>	78
<i>Vídeo 2. AS DIFICULDADES DE SER UM HOMEM TRANS (início da transição)</i>	80
<i>Vídeo 3. TRANS: OS DESAFIOS DE SERMOS QUEM SOMOS (Transgêneros)</i>	82
<i>Vídeo 4. Homem trans dificuldades</i>	86
<i>Vídeo 5. Reportagem sobre a dificuldade de inserção de mulheres trans no mercado de trabalho</i>	87
<i>Vídeo 6. É FÁCIL TRABALHAR SENDO HOMEM TRANS? - Pergunte Às Bee 148</i>	88
<i>Vídeo 7. SKARLLET OHARA FALA SOBRE DIFICULDADE DE CONSEGUIR EMPREGO EM RUY BARBOSA POR SER TRANS</i>	93
<i>Vídeo 8. Dificuldades da vida de uma pessoa travesti transexual no mercado laborativo</i>	95
<i>Vídeo 9. Transexuais falam sobre a dificuldade de cirurgia no sistema público de saúde</i>	97
<i>Vídeo 10. Fred Soter é homem Trans e fala sobre as dificuldades no acesso à saúde</i>	99
<i>Vídeo 11. Profissão Repórter (22-06-2016) – Jovens homossexuais e transexuais falam sobre suas dificuldades</i>	99
<i>Vídeo 12. RELACIONAMENTO COM TRANSEXUAL – TRAVESTI SABRINA VELMONT</i>	107
<i>Vídeo 13. Dificuldades de um homem trans Por Tia Claudia</i>	108
Capítulo 6. Dramáticas do viver, interpretações e interlocuções reflexivas.....	112
<i>Dramáticas do viver</i>	113

<i>Interpretações</i>	125
<i>Interlocuções reflexivas</i>	128
Referências	147

Apresentação

Este trabalho tem como objetivo investigar a experiência vivida de pessoas transgêneras na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. Justifica-se na medida em que as normas de gênero, construídas e mantidas coletivamente, acarretam sofrimentos sociais sobre a subjetividade de todos, ainda que atinjam, de modo particularmente violento, aqueles que as transgridem de modo mais explícito, como é o caso das pessoas trans.

Adotando o pensamento blegeriano como fundamento teórico-metodológico há algumas décadas, temos nos debruçado sobre variadas condições de sofrimento humano em busca de determinantes vinculares e sociais, dispensando especial atenção às formas como se articulam com a vida cotidiana de indivíduos e grupos. Iniciamos nosso percurso¹ movidos pela abordagem dos sofrimentos vividos por usuários do sistema público de saúde mental, que houvermos por bem sintetizar em Aiello-Vaisberg (1999a), para seguir investigando o sofrimento social de grupos reconhecidamente alvos de discriminação e exclusão social, tais como pessoas negras (Aiello-Fernandes, 2013, 2018), pessoas em situação de precariedade social e econômica (Montezi *et al.*, 2013; Chinalia, 2012, 2017; Rodrigues, 2016; Corbett, 2014), bem como de grupos mais sutilmente atacados, como adolescentes (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007; Assis, 2014, 2019) e pessoas adotadas (Pontes *et al.*, 2008; Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2005).

Desse modo, podemos afirmar que nosso interesse pelo estudo psicológico de pessoas transgêneras se insere, na trajetória de nosso grupo de pesquisa, num conjunto de trabalhos que se caracterizam por articular condições de gênero com sofrimento social (Corbett, Ambrosio, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2014; Schulte, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2016; Moraes, 2017; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Aching & Granato, 2018; Incerpe, 2018; Ribeiro, 2018; Assis, 2019; Winkler, 2019; Batoni, 2020; Oliveira, 2020; Zavaglia, 2020). No entanto, esta é a primeira vez

¹ Estamos nos referindo ao grupo de pesquisadores que tem sido orientados pela Professora Livre Docente Tania Aiello-Vaisberg. Lembramos que o Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq comporta três subgrupos bastante ativos, incluindo, além daquele em que nos inserimos, outros dois orientados pelas professoras Profa. Dra. Vera Engler Cury e Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato.

que uma temática relativa à dissidência sexual² é abordada em um mestrado³ por um integrante do subgrupo coordenado pela orientadora. A inclusão dessa questão, em nossa produção, vem, portanto, cobrir uma lacuna que, segundo esperamos, contribuirá para o alargamento de nossa visão acerca dos sofrimentos sociais, valendo lembrar aqui que é conhecida e altamente significativa a aproximação existente entre grupos feministas e grupos de combate ao racismo e LGBT+⁴, uma vez que todos se defendem contra normativas sociais que estabelecem que a plena humanidade equivaleria à condição do homem, cisgênero, masculino, branco, classe média/alta etc. – sendo os demais modos de ser/estar no mundo tidos como inferiores. Portanto, na medida em que estamos interessados em questionar a dominação de alguns grupos sobre outros, julgamos importante aprender com pessoas que sofrem por serem trans. Encontramo-nos, portanto, duplamente engajados: a) como psicólogos, devido a existência de sofrimento; e b) porque a própria fonte social do sofrimento afeta também outras pessoas, mesmo as que se constituem em termos cisheteronormativos⁵.

Como sabemos, não é incomum nos depararmos, em nosso cotidiano, com diversas situações e notícias que evidenciam o preconceito e a exclusão de pessoas transgêneras. Tais ocorrências, que se configuram socialmente sob o termo

² Utilizamos o termo “dissidência sexual”, ao invés de “diversidade sexual”, em busca de problematizar e demarcar um posicionamento crítico sobre o tema, uma vez que o segundo inclui um leque de possibilidades da sexualidade humana, inclusive a cisheterossexual, embora comumente retrate apenas sexualidades que fogem dessa enquanto “diversas”. Assim, quando falamos em “dissidência”, esperamos refletir as normativas sociais e as relações de poder que motivam o uso do termo (Succi, 2018), ao passo que utilizaremos diversidade quando, de fato, estivermos falando de todas as possibilidades de viver e experienciar a própria sexualidade.

³ Anteriormente, a questão foi focalizada algumas vezes em nosso subgrupo, onde havia surgido no contexto da problemática da adoção, focalizando a homoparentalidade, como, por exemplo, no estudo de Ferreira-Teixeira, Gallo-Belluzzo e Aiello-Vaisberg (2014). Entretanto, a questão da dissidência sexual ainda não tinha se constituído como objetivo de pesquisa de mestrado ou doutorado a cargo da orientadora do presente trabalho. Por outro lado, orientandos da professora Tânia Mara Marques Granato chegaram a defender interessantes mestrados sobre homoparentalidade: Diniz (2020), Ribeiro (2018) e Jurado (2013).

⁴ Acrônimo utilizado para representar pessoas lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais, transgêneras, *queer*, intersexuais, assexuais, gêneros não binários, dentre outras possibilidades que escapam à cisheteronormatividade.

⁵ O termo cisheteronormatividade, que já vem sendo usado por vários pesquisadores, tais como Morera (2017), surgiu no âmbito de movimentos de defesa da diversidade sexual, para alinhar, em uma mesma equação, as normativas entre corpo, gênero e desejo. Sendo assim, tal conceito faz alusão às normativas sociais segundo as quais existiriam duas formas naturais de gênero, diferentes e excludentes entre si, isto é, pênis-homem-masculino e vulva-mulher-feminino (cisheteronormatividade), devendo a orientação afetivo e sexual dirigir-se exclusivamente para o gênero oposto ao do indivíduo (heteronormatividade).

transfobia, podem se expressar de modo mais velado ou mais explícito, marcando a história das pessoas trans e de outras que compõem o seu entorno.

Recordemos, aqui, que a expectativa de vida de uma pessoa trans é de apenas 35 anos – menos da metade da média de vida brasileira⁶, sendo numerosos os casos de assassinato que acometem esse grupo social (Costa-Val & Guerra, 2019). Ademais, conforme o dossiê de Benevides e Nogueira (2020)⁷, o Brasil ocupa o primeiro lugar no *ranking* mundial de assassinatos contra pessoas trans, tendo sido confirmados, apenas em 2019, 124 assassinatos de 121 travestis e mulheres transexuais e 3 homens trans, informação que deve ser considerada à luz da provável subnotificação desse tipo de ocorrência e da inexistência de estatísticas governamentais sobre o assunto.

Para além da violência explícita, existem aquelas que se configuram, em nossa sociedade, de modo mais sutil. Assim, certas questões, como dificuldades de se manterem na educação formal, em função do preconceito vivenciado (Bento, 2011), o que também contribui para as dificuldades de acesso a postos no mercado formal de trabalho (Souza & Bernardo, 2014), acabam por marginalizar esse grupo, deixando-o em condição de maior vulnerabilidade social.

Para ilustrar essas dificuldades, podemos mencionar dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil – ANTRA, que descrevem que 90% da população travesti e transexual teria na prostituição sua fonte de renda e possibilidade de subsistência (Benevides & Nogueira, 2020). Embora repleta de contradições e da possibilidade de ser vivenciada como decisão pessoal⁸, não temos dúvidas que muitas pessoas trans estão na prostituição devido à falta de oportunidades laborais.

Assim, fazem-se compreensíveis achados como os de Giongo, Menegotto e Petters (2012), que encontraram, em seu estudo, fragilidade na rede de apoio social e afetiva de travestis e transexuais profissionais do sexo. Na mesma esteira, Amorim, Vieira e Brancaloni (2013), ao discutir o processo de intervenção desenvolvido junto a travestis, que moravam e trabalhavam como profissionais do sexo em uma casa-

⁶ Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2018, a expectativa de vida da população brasileira é de 76,3 anos, sendo que, já no ano de 1940, essa correspondia a 45,5 anos.

⁷ Levantamento da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) e do Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), que tem como objetivo a produção de dados sobre a violência enfrentada pela população trans, justificada pela omissão do Estado frente ao assunto.

⁸ Esse tipo de experiência é entretido ao longo de muitas contradições, mas nenhuma delas contradiz a adoção de um posicionamento ético-político de respeito a profissionais do sexo.

pensão, depararam-se com condições de vulnerabilidade social significativa⁹. Ambos os estudos destacaram a importância de ações e políticas públicas para essa população que, a nosso ver, não solucionam sozinhas problemas de tal gravidade, cujo caráter é estrutural, mas correspondem a passos importantes, que podem contribuir para conferir maior visibilidade à questão e garantia de direitos. Portanto, entendemos que ações e políticas públicas compõem o espectro das formas de luta por melhores condições sociais.

Tomando como referência contribuições de autoras como Bento (2017), Wittig (1992/2006) e Butler (2019), podemos pensar que o público LGBTQ+ e, sobretudo, as pessoas trans, vivenciam importantes impactos subjetivos e concretos em suas vidas em função das normas de gênero, quer seja ao romperem com a cisheteronormatividade, quer seja ao se submeterem a tais normativas, conscientemente ou não, o que pode vir acompanhando por concepções de si como pessoas erradas, estranhas e anormais. Entretanto, mesmo admitindo que aqueles que transgridem as normas, ou vivem fortes pressões internas para transgredi-las, enfrentam violência maior contra seu modo de ser, sentir e estar no mundo, não deixamos de perceber que o binarismo prejudica a todas as pessoas, sem exceção, na medida em que requer submissão, já que deixa um espaço muito pequeno para que as pessoas possam criar formas próprias e singulares de vivenciarem essa dimensão da vida relacional.

Diante desse panorama complexo, são várias as vertentes pelas quais podemos pensar a situação das pessoas transgêneras, tais como via cidadania e direito ou, como nós pretendemos aqui, via uma clínica dos sofrimentos sociais. Assim, por meio de uma experiência de reconhecimento, que contribui para a percepção clara e lúcida de que condições concretas injustas estão na raiz do sofrimento humano, buscamos contribuir para que os efeitos de ataques despersonalizantes e desumanizadores, perpetrados por aqueles que se posicionam como guardiões das normas e das relações hierárquicas que geram, possam ser superados, favorecendo a integração e amadurecimento na condição existencial de quem sofre (Aiello-Vaisberg, 2017).

⁹ Amorim, Vieira e Brancaloni (2013) recomendam que grupos que se encontram em situação de vulnerabilidade social não sejam vistos como vítimas passivas de mazelas sociais que lhes são impostas. Concordamos com sua preocupação, porque a história mostra que o ocultamento de posturas de combate e resistência tem sido usado para desqualificar várias lutas, tais como as dos negros brasileiros contra o racismo e as dos judeus contra o antissemitismo.

O presente trabalho almeja produzir conhecimento compreensivo que possa ser útil em dois diferentes âmbitos: no clínico propriamente dito e no social. De um lado, queremos subsidiar iniciativas que possam contribuir para práticas psicoprofiláticas e psicoterapêuticas¹⁰. De outro lado, visamos fornecer subsídios úteis aos debates no âmbito dos movimentos sociais e da sociedade civil, que se travam em busca de melhores condições de vida para a população brasileira, já que uma melhor compreensão acerca da dissidência sexual, bem como de outras condições que são, atualmente, alvo de discriminação e violência, pode contribuir para o amadurecimento ético-político de todos.

Deste modo, concordamos com autoras como Giongo, Menegotto e Petters (2012) e Amorim, Vieira e Brancaleoni (2013), as quais apontam para a necessidade de ações promotoras de saúde e cidadania para as pessoas trans, como também de problematização dos modelos, socialmente construídos, que sustentam estereótipos, preconceitos e discriminações. Salienta-se, ainda, um olhar cuidadoso e atento para a população transgênera, tanto por parte dos profissionais da saúde e da assistência, quanto das políticas públicas, as quais não deveriam visar somente questões epidemiológicas, cuidados físicos e perspectivas informativas ou educativas, mas também atentar aos cuidados psicológicos desses indivíduos, visto que a experiência vivida de pessoas trans, em uma sociedade transfóbica, configura-se como sofrimento social.

Dito isso, optamos por estruturar a presente dissertação em seis capítulos. A seguir, apresentaremos o título de cada um deles, como também uma breve descrição de seus conteúdos.

Buscamos delimitar, no primeiro capítulo, intitulado “Definindo o problema de pesquisa”, o contexto maior do problema de pesquisa a partir do qual recortamos e definimos o nosso objetivo investigativo. Defendemos, nesse, como as normativas sociais podem suscitar sofrimento significativo na vida das pessoas, sendo a transgeneridade um *locus* privilegiado na investigação desse fenômeno. Adotando a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, entendemos as normas como condutas, vale dizer, como resultados de atos humanos, como produções transindividuais que, por sua própria natureza, se dá na esfera ontológica do ser social que, por definição, é passível de transformações (Lukács, 1978/2013).

¹⁰ Psicoprofilaxia e psicoterapia fazem referência a práticas de cuidado de prevenção e intervenção, neste caso, no âmbito das ciências *psí* (psicologia, psiquiatria e psicanálise).

O segundo e o terceiro capítulo, intitulados, respectivamente, “Transitando pela literatura científica nacional sobre perversão” e “Transitando pela literatura científica nacional sobre transgeneridade”, compõem, em conjunto, duas revisões inspiradas no procedimento sistemático-crítico proposto por Aiello-Vaisberg e Assis (2017), no qual se articulam a possibilidade de levantamentos de produções em bases de dados com considerações críticas à luz dos pressupostos epistemológicos e antropológicos da psicologia psicanalítica da conduta (Bleger, 1963/2007). A primeira consiste num exame de artigos empíricos obtidos a partir dos descritores perversão e psiquiatria, psicologia e psicanálise, na ScieElo.br, do qual resultaram 11 trabalhos, distribuídos ao longo dos anos de 1999 e 2020. Justificamos essa iniciativa tendo em vista que questões, que são atualmente designadas como transgeneridade, eram anteriormente consideradas sob o rótulo da perversão. A segunda revisão se deu a partir da combinação dos termos trans e psiquiatria, psicologia e psicanálise, a qual nos possibilitou acessar 13 trabalhos, situados entre 2012 e 2020.

No quarto capítulo, intitulado “Estratégias e fundamentos metodológicos”, tecemos comentários acerca do uso do método psicanalítico em pesquisa qualitativa. Dedicamo-nos também a explicar conceitos metodológicos fundamentais da psicologia psicanalítica concreta, com os quais leitores, que adotam outros referenciais, que diferem do nosso, podem não estar familiarizados, a fim de evitar confusões epistêmico-metodológicas e facilitar a comunicação.

Disponibilizamos a transcrição do material de pesquisa no quinto capítulo, intitulado “Transcrição dos vídeos estudados”. Aí podem ser encontradas as transcrições dos 13 vídeos que acessamos no YouTube, cada qual em sua seção, que levam seus respectivos nomes, por ordem de aparecimento conforme critério de relevância da própria plataforma, ou seja, organizados de modo decrescente, por algoritmos que consideram o número de visualizações, curtidas, comentários, inscritos do canal e palavras utilizadas na busca, dentre outros fatores (Briggs, 2018).

O material de pesquisa foi, então, analisado em duas etapas, as quais estão disponíveis no sexto capítulo, intitulado “Dramáticas do viver, interpretações e interlocuções reflexivas”. Inicialmente, trabalhamos inspirados pela análise temática de Braun e Clarke (2006, 2013). Desse modo pudemos identificar questões que surgem à luz do campo da consciência dos *youtubers*, os quais organizamos nos seguintes temas: dificuldades nas relações familiares, nas relações amorosas, na escola, no trabalho, na vida cotidiana, no sistema de saúde, na segurança pessoal,

na relação com o próprio corpo e sensação de falsidade pessoal. Na sequência, realizamos a interpretação psicanalítica do material, tal como praticada por Herrmann (1979/2001), a qual permitiu a produção de dois campos de sentido afetivo-emocional, considerados como substratos não conscientes dos quais emergem as condutas humanas. Denominamos esses como “Perverso e degenerado” e “Ser ou não ser verdadeiro”. Para a discussão de tais campos, intitulada “Interloquções reflexivas”, valemo-nos dos pensamentos de M. Wittig e D. W. Winnicott, porque percebemos a possibilidade de articulá-los com bases da psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), por nós adotada. Esses dois autores, que trilharam trajetórias aparentemente muito diversas, apresentam, a nosso ver, visões antropológicas próximas, que se harmonizam com as nossas, na medida em que tanto criticam determinações sociais desumanizantes/despersonalizantes, como valorizam a capacidade de agência e criatividade de indivíduos e de grupos que lutam por formas mais respeitosas, mais equitativas e mais solidárias de vida.

Por último, tecemos nossas “Considerações finais”. Aqui, retomamos nossos achados de pesquisa para, sob sua luz, refletir sobre o compromisso da psicologia e, mais especificamente, da psicologia psicanalítica concreta, no combate às normas de gênero e aos sofrimentos sociais.

Capítulo 1. Definindo o problema de pesquisa

Este trabalho, que tem como objetivo investigar a experiência vivida de pessoas transgêneras na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, insere-se na trajetória de nosso grupo de pesquisa como parte das investigações acerca das normas de gênero e sofrimentos sociais. Para ilustrar o percurso que traçamos, citaremos, a seguir, algumas pesquisas empíricas que produzimos ao longo desses últimos anos¹¹.

Primeiramente, vale dizer que as questões de gênero podem ser encontradas, em nosso grupo de pesquisa, mesmo em algumas publicações mais antigas. Exemplo disso é o trabalho de Couto (2007), que buscou investigar psicanaliticamente a experiência de mães com filhos com síndrome de Down, evidenciando as estratégias utilizadas por essas pessoas para se manterem emocionalmente sãs, ou, ainda, a pesquisa de Martins (2007), que estudou o imaginário coletivo de universitários sobre dificuldades sexuais masculinas, as quais, predominantemente definidas como disfunção erétil e ejaculação precoce, relacionam-se a exigências sociais de desempenho, dificuldades no relacionamento estável e indefinições sexuais.

Com o passar dos anos, enriquecidos pela experiência adquirida em nossos trabalhos e pelo contato com novas literaturas na área de gênero, fomos nos aproximando cada vez mais dessa questão. Sem dúvida, um conceito que muito contribuiu em nossa trajetória foi o de interseccionalidade, forjado por Crenshaw (2002)¹² no seio do movimento afro-americano e feminista, o qual propõe que discriminações como de raça e gênero não são mutuamente excludentes, podendo se sobrepor e potencializar sofrimentos significativos. Com esse, pudemos atentar ao gênero e suas interfaces em diferentes contextos. Como exemplo, mencionamos os trabalhos de Maria Julia Chinalia (2012, 2017), a qual buscou investigar psicanaliticamente a experiência emocional de mulheres em privação de liberdade, tanto por meio de seu primeiro estudo, que focalizou o documentário brasileiro

¹¹ Uma visão do conjunto completo dessa produção pode ser obtida no lattes da orientadora: <http://lattes.cnpq.br/4670585523085617>

¹² Hoje sabemos que o mesmo fenômeno já tinha sido independentemente percebido e estudado na França, por Kergoat (1978), sob o termo *consustancialité*. Em nosso país, Heleieth Saffiotti (1993) estudou a imbricação de gênero, raça e classe cunhando o conceito de nó.

“Histórias de Daluana”, como por meio da experiência de mulheres presas por autoria de furto de bagatela, que abordou em seu doutorado. Em conjunto, essas pesquisas permitem perceber que na articulação do gênero com outros marcadores sociais, como raça, pobreza e desigualdade social, surgem, como efeitos subjetivos, sentimentos de humilhação, injustiça e desamparo (Renault, 2010).

Não obstante, é interessante lembrar, aqui, de pesquisas, realizadas em nosso grupo, nas quais estudamos a articulação entre gênero e adolescência/início da vida adulta. Nesse sentido, podemos mencionar as produções de Assis (2019), Winkler (2019) e Tostes et al. (2018). Em pesquisa, cujo objetivo era investigar imaginários coletivos sobre o sofrimento de meninas adolescentes, utilizando, como material, a série televisiva estadunidense “13 Reasons Why”, Assis (2019) constatou um imaginário conservador, que oprime a sexualidade da mulher, a qual deve se comportar de acordo com as expectativas sociais para obter aprovação e reconhecimento, fenômeno que parece se intensificar na adolescência. De modo convergente, Winkler (2019), que estudou imaginários coletivos de mulheres jovens sobre tornar-se adulta, por meio de sete vídeos do YouTube, em que comunicavam pessoalmente essa experiência, concluiu que prevalece uma concepção imaginativa conservadora sobre a transição para a vida adulta, segundo a qual a jovem deve conquistar autonomia financeira e simultaneamente submeter-se às normativas de gênero, a fim de serem socialmente aprovadas e reconhecidas. Tostes *et al.* (2018), por sua vez, buscaram investigar psicanaliticamente a experiência vivida de meninas adolescentes que cortam a própria pele, usando, como material de pesquisa, postagens, em um *blog* pessoal, de meninas que se identificam como adeptas dessa prática. Por esta via, puderam concluir que aquelas que se cortam habitam imaginativamente um mundo hostil, marcado pela culpa e pela privação de afeto, de cuidado e de consideração, o que indica claramente que as adolescentes se movem em ambientes nos quais sofrimentos sociais têm lugar.

Outro tema, que é recorrente em nossas pesquisas, e, sem dúvidas, relaciona-se fortemente com as questões de gênero, é a maternidade. Corbett (2014), por exemplo, em investigação de oito casos clínicos acerca da experiência emocional de mulheres-mães em situação de violência doméstica, obteve, como resultado, que esse problema não atinge apenas mulheres, mas também a vida emocional dos filhos, seja porque esses testemunham ou sofrem agressões, seja porque fica prejudicada uma provisão ambiental que favoreça seu pleno desenvolvimento. Schulte, Gallo-

Belluzzo e Aiello-Vaisberg (2019), quando investigaram a experiência de ser mãe, por meio de *blogs* pessoais, constataram a vinculação entre maternidade e sofrimentos sociais na contemporaneidade, devido às exigências de que as mulheres optem por ter filhos. Na mesma linha, Visintin e Aiello-Vaisberg (2017) já haviam chamado a atenção para a prevalência dessas pesadas exigências às mulheres, favorecendo sofrimentos emocionais socialmente determinados.

Há dois trabalhos, que também versam sobre maternidade, que gostaríamos de destacar. Seriam esses: Tachibana *et al.* (2014) e Ferreira-Teixeira e Aiello-Vaisberg (2017). No primeiro, investigamos o imaginário coletivo de enfermeiras sobre a mulher cuja gravidez foi interrompida, em entrevistas mediadas pelo uso do Procedimento Desenhos-Estórias com Tema. Obtivemos, como resultado, a associação da gravidez interrompida com fantasias de maldade e falta de amor materno, o que pode relacionar-se a dificuldades no cuidado das pacientes que são internadas por haverem sofrido óbito fetal. No segundo, pesquisamos o imaginário coletivo sobre a mãe que abandona o bebê estudando notícias jornalísticas sobre o assunto, o que permitiu que se descortinasse um quadro geral em que tais mulheres figuram, imaginativamente, como autoras de atos tidos como delinquentiais, que seriam motivados por deficiências de caráter, crueldade, uso abusivo de drogas e/ou dificuldades em enfrentar problemas. Novamente, percebemos uma visão da mulher que não considera condições macrossociais, como desigualdades socioeconômicas e de gênero, contribuindo para sofrimentos sociais e comprometendo o cuidado com essas pessoas.

Diante do exposto acerca de nossos interesses e trajetória, podemos afirmar que nos encontramos, hoje, fortemente preocupados e dedicados a estudar as questões de gênero e os sofrimentos sociais, nos mais diversos contextos. Prova disso são os três trabalhos mais recentes, defendidos no grupo, como dissertações de mestrado, a saber, Oliveira (2020), Batoni (2020) e Zavaglia (2020), sobre os quais falaremos brevemente a seguir.

Oliveira (2020), em investigação do imaginário coletivo de trabalhadores de um serviço público de saúde mental, sobre a usuária de drogas, conclui que, imaginativamente, o uso de drogas se vincula a contextos de vida precários, como pobreza e desigualdades sociais, sendo o gênero uma importante faceta quando a condição materna está em jogo, pois essa seria concebida, pelos profissionais, como possível solução da drogadição. Já Batoni (2020), com o objetivo de investigar o

imaginário coletivo de universitárias sobre a dupla jornada feminina, por meio da entrevista psicológica com 30 estudantes, mediada pelo uso do Procedimento Desenho-Estória com Tema, constatou que as participantes imaginam a mulher bem-sucedida como aquela que alcança independência financeira para usufruir de conforto e lazer, parecendo escapar da dupla jornada por meio da priorização no atendimento das próprias necessidades, o que em muitos casos se concebe evitando a maternidade e o casamento. Zavaglia (2020), por sua vez, realizou entrevistas psicológicas individuais, mediadas pelo Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, com quatro mães de crianças diagnosticadas como autistas, visando compreender psicanaliticamente a experiência vivida de mulheres com filhos que apresentam “condições especiais”, isto é, que exigem cuidados constantes e duradouros, que podem se estender por toda a vida. Como resultado, a autora obteve que a maternidade, nesse contexto, pode ser vivenciada sob o signo de fortes exigências e pressões, autodirigidas ou vindas do ambiente externo, no sentido de dedicação total e irrestrita, ou ainda fluir como gesto espontâneo e autêntico de cuidado, gerador de carinho e gratificação.

Enfim, como se pode notar, na pequena amostra que realizamos de nossas produções, aproximamo-nos há algum tempo das questões de gênero, entendendo-as como possível causa de sofrimentos sociais, isto é, daqueles sofrimentos que "trazem, em seu bojo, questões de desigualdade, injustiça, humilhação e desamparo" (Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013, p.177). Constatar sofrimentos que têm, em sua raiz, o social é algo que vai na contramão da patologização do indivíduo, visto como doentio por conta de algo que estaria estragado, danificado, no seu corpo ou no seu psiquismo. Adotando a psicologia psicanalítica concreta como referencial, entendemos que toda abordagem tributária de visões antropológicas, nas quais o ser humano figura de modo natural, abstrato e descolado das condições concretas da vida social, corresponde a grave equívoco que origina consequências desastrosas (Bleger, 1963/2007)¹³. Nessa linha, não cabe entender como meramente internos os problemas vividos por pessoas que pertencem a grupos sociais que são alvo de discriminação e preconceito. Por outro lado, a mesma visão deve ser empregada quando focalizamos intolerantes, autoritários, racistas, transfóbicos etc., considerando sua violência não como questão meramente individual, numa linha que

¹³ Lembramos aqui que a articulação que faz entre psicanálise e materialismo dialético coloca Bleger (1963/2007) em absoluta concordância com a ontologia do ser social proposta por Lukács (1978/2013).

contribui para mascarar o fato de se constituírem como problemas sociais estruturais. As normas que criam o supremacista, o racista ou o sexista, por exemplo, correspondem a problemas estruturais, coletivamente produzidos, cuja superação plena terá caráter coletivo, ainda que, em registro individual, as pessoas possam desenvolver formas amadurecidas e saudáveis de lidar com a realidade social¹⁴.

Assim, os diferentes trabalhos apresentados nos levam a pensar que as normas de gênero podem ser transgredidas de diferentes maneiras, impactando todas as pessoas, não apenas mulheres que lutam para ter seus direitos humanos reconhecidos e respeitados, mas também pessoas que, de muitas formas, transgridem modos que são vistos como naturais, ou seja, postos por deidades¹⁵ ou pelas leis biológicas, como é o caso daquelas que não se sentem pertencentes ao gênero designado ao nascimento, isto é, das pessoas transgêneras¹⁶.

A bem da clareza, utilizamos o termo transgênero ou trans como um termo “guarda-chuva”, fazendo referência a todas as pessoas que não se identificam, em tempo integral, parcial ou em momentos e/ou situações específicas de sua vida, com o gênero que lhes foi designado ao nascimento (Lanz, 2015). Desse modo, fazemos uso estratégico da categoria por abarcar variadas possibilidades de subversão das normativas de gênero, sócio culturalmente construídas, sendo exemplo dessas mulheres e homens transexuais, travestis, gêneros não binários¹⁷ ou fluídos, *drag queens*, *drag kings*, andróginos, dentre outras possibilidades de identidade e expressão de gênero que subvertem as normas mencionadas. Vale também destacar que a transgeneridade não se confunde, pois, com orientação sexual, que diz respeito ao desejo afetivo e/ou sexual das pessoas. Assim, pessoas trans ou cis¹⁸ podem, por

¹⁴ Pessoas capazes de perceber que enfrentam problemas estruturalmente determinados, ao se tornarem mais capazes e mais amadurecidas, no âmbito da vida individual, em geral contribuem no processo de superação em registro coletivo.

¹⁵ Embora existam socialmente discursos preconceituosos e conservadores, que se utilizam de uma justificativa religiosa, gostaríamos de salientar a possibilidade de prática religiosa por pessoas LGBTQ+, conforme é possível verificar nos trabalhos de Guimarães, Zerbinati e Bruns (2019) e Araújo (2014).

¹⁶ Chamamos a atenção para o fato de que, tal como são concebidas, as normas de gênero se apresentam como assentadas na esfera do ser biológico, que tem como regra fundamental, conforme definição de Lukács (1978/2013), a produção do mesmo. A ontologia do ser social, esfera especificamente humana, é o lugar de produção incessante do singular e do novo, constituindo-se, portanto, como território inerentemente avesso ao binarismo sexual normativo.

¹⁷ A forma grafada com “e” advém dos movimentos não binários, como alternativa à usual generalização no gênero masculino, na língua portuguesa, bem como para representar pessoas que não se sentem abarcadas pelo binarismo masculino/feminino (cf. <https://diversitybbox.com/pt/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/>).

¹⁸ De acordo com Lanz (2015), o prefixo “cis” deriva do grego e significa “em conformidade com”. Logo, cisgênero, cisgeneridade ou simplesmente “cis” é utilizado para designar pessoas que se sentem

exemplo, se identificarem como homossexuais, heterossexuais, bissexuais, assexuais ou pansexuais. Em outros termos, transgeneridade faz alusão à identidade ou expressão de gênero de uma pessoa, quando diverge do designado ao nascimento, enquanto orientação sexual refere-se à inclinação do desejo¹⁹.

Podemos pensar que a designação do gênero ao nascimento é acompanhada por importantes expectativas sociais acerca de que lugar a pessoa deve ocupar, o que provavelmente será sentido como cobrança, conforme essa cresça e amadureça. Caso a pessoa tenha um pênis, por exemplo, espera-se que se desenvolva como um homem, tenha comportamentos considerados masculinos e desejo afetivo e sexual direcionado exclusivamente para mulheres cisgêneras. Por sua vez, caso tenha uma vulva, espera-se que o indivíduo se desenvolva como uma mulher, tenha comportamentos considerados femininos e desejo afetivo e sexual exclusivamente por homens cisgêneros. Evidentemente, tais expectativas não se apresentam como eventos isolados; ao contrário, integram, de modo absolutamente relevante, o modo como se organiza a vida social. De fato, grande parte do imaginário social se organiza ao redor da crença de que existiriam apenas duas possibilidades de constituição dos sujeitos, a qual pressupõe uma linearidade entre corpo, gênero e desejo. Assim, pouco se pensa em dissidência sexual e outras formas de ser/estar no mundo que, rompendo com os padrões estabelecidos, acabam por ocupar espaços de abjeção (Butler, 2019)²⁰.

No entanto, lembramos também que a sociedade em que vivemos se divide nos assuntos acerca da dissidência sexual. Exemplo disso foram os resultados obtidos por Gama (2019), a qual buscou investigar o debate parlamentar sobre a permissibilidade de psicólogos oferecerem terapias de conversão sexual, popularmente conhecidas como "cura gay", entre os anos 2009 e 2013, notando discursos que ora manifestavam concepções negativas sobre a homossexualidade, fortemente associados a posições evangélicas e conservadoras, ora valorizavam a

confortáveis em constituírem-se de acordo com as expectativas sociais em relação ao gênero que lhes foi designado em seu nascimento.

¹⁹ Entendemos que tanto a heterossexualidade como a homossexualidade podem se inscrever, na vida individual, como gesto espontâneo, inerentemente criador, ou como submissão às normas, a depender da história pessoal, dos campos de sentido afetivo-emocional e dos contextos sociais em que se inserem. Pode-se ser saudável e criativo tanto a partir de um posicionamento heterossexual como a partir de um posicionamento homossexual, o que também ocorre em outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero.

²⁰ Para Butler (2019), o abjeto constituiria o domínio do desumanizado, do estranho, do "Outro", em diferenciação ao próprio humano, sendo essas fantasias estabelecidas pela ordem cultural.

diversidade sexual humana, alinhando-se ao feminismo e movimentos LGBTQ+. Paralelamente, podemos pensar que, nos dias de hoje, há tanto novos espaços para afirmar-se como transgênero, como pessoas lutando contra essa possibilidade, uma vez que a sociedade não é homogênea, isto é, ao mesmo tempo em que existem locais em que essas pessoas podem ser acolhidas, aceitas e valorizadas, existem aqueles em que elas não são toleradas, o que repercute subjetivamente de modo diverso nessa população.

A psicologia, como criação de pessoas e grupos, também se encontra perpassada por essas questões. Lembremos figuras como o psicanalista Ernst Jones (1879-1958), por exemplo, que insistia na incapacidade de analistas homossexuais em atuar como ideal de eu para seus pacientes, pois não teriam alcançado um nível suficiente de desenvolvimento libidinal, não podendo exercer a profissão (Binkowski, 2019). Ainda hoje, encontramos ambiguidades nessa ciência, a qual ora critica as normativas de gênero e ora contribui para a sua perpetuação (Pacheco, 2017; Gaspodini & Falcke, 2018; Mizael, Gomes & Marola, 2019)²¹.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível pensar o gênero como um importante organizador social o que, evidentemente, não é uma ideia nova no campo da antropologia, tornando desnecessária a lembrança dos estudos clássicos de autores como Mead (1935/2009), Lévi-Strauss (1958) ou Clastres (2017). A importância antropológica do gênero não surpreende, uma vez que a questão da reprodução ocupa lugar altamente relevante na vida de todos os povos na medida em que é a forma pela qual se obtém a continuidade social. Entretanto, no que diz respeito à sociedade contemporânea, parece-nos que se tornaram incontornáveis certas concepções de Butler (2019), em função da notoriedade que alcançaram. Assim, de acordo com a autora, gênero corresponderia a uma identidade que se constrói no contexto histórico e cultural, por meio de repetições contínuas de atos performativos que produzem, legitimam, impõem e estabilizam, de acordo com as práticas

²¹ Recordemos aqui de posicionamentos do Conselho Federal de Psicologia (1999, 2018, 2020), como as resoluções 01/99 e 01/18, que dispõem sobre as normas de atuação para psicólogas/os em relação à questões de orientação sexual e às pessoas transexuais e travestis, visando a não patologização, preconceito e/ou discriminação dessas pessoas, e, mais recentemente, a resolução 08/20, que estabelece normas de exercício profissional em relação às violências de gênero, seja contra pessoas cis ou trans, e o compromisso dos profissionais no acolhimento e ações protetivas em caso de violação de direitos. Salientamos que essas medidas revelam que uma porção dos profissionais adere a visões mais abertas da questão, mas enquanto ciência, a psicologia tende a patologizar os indivíduos e muitas vezes deixa de fazer uma crítica da realidade social.

reguladoras de coerência de gênero, o ideal de masculinidade e de feminilidade em nossa sociedade. De tal modo,

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo*²² do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (Butler, 2019, p.244, *grifos da autora*).

Vale a pena sinalizar que a adoção da perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, que se funda numa articulação entre psicanálise não metapsicológica e materialismo dialético, apresenta várias divergências em relação ao posicionamento teórico da americana, que tende a tomar Foucault e Lacan como representantes magnos do pensamento francês (Fassin, 2005)²³. Ora, tais autores tendem a subscrevem teorias que lidam com a questão do poder de modo bastante abstrato, em clara oposição ao que perseguimos quando tomamos Politzer (1928/2004) e Bleger (1963/2007) como referenciais teórico-metodológicos. Essa tendência a pensar a sociedade em termos fortemente abstratos é o que lhes permite deixar passar, em suas análises sobre o poder e as normas, elementos que devem ser claramente vinculados aos sistemas patriarcal e colonial. Assumindo essa via, não nos surpreende que cheguem a enunciações que parecem críticas, mas não estimulem, antes o contrário, combates que visem a transformação da realidade social.

Sendo assim, é importante sinalizar que concordamos com a ideia segundo a qual o gênero deriva de *performances* simplesmente porque assumimos os mesmos

²² No contexto da psicologia psicanalítica concreta, que adotamos, o gênero é assumido como performático de saída, na medida em que é entendido como ato humano que se dá no registro da ontologia do ser social (Lukács, 1978/2013), valendo lembrar que essa esfera ontológica não é regida pela legalidade da esfera orgânica. A invocação do orgânico para explicar o sócio humano é uma manobra de cunho francamente ideológico, que equaciona facilmente as leis da natureza com a vontade divina, tendo em vista estimular a adoção de posicionamentos conservadores, autoritários e violentos.

²³ Inicialmente, a Butler (1990) aderiu ao lacanismo porque tinha uma expectativa de que o sentido do registro simbólico estivesse mais próximo do conceito inglês de cultura (Fassin, 2005). Este fato veio a ser problematizado pela própria autora (Butler, 2014). Assim, esclarecemos que nossa crítica tomou por base a tradução para o português, editada em 2019, de sua obra mais conhecida e divulgada, o texto fundamental "Problemas de gênero", do original publicado em 1990.

pressupostos ontológicos adotados por Bleger (1963/2007) e explicitados por Lukács (1978/2013), segundo os quais toda a realidade social é criada a partir de atos humanos. Assim, na medida em que o gênero é uma criação humana, subordinada à legalidade da esfera social da existência humana, que ultrapassa largamente os fenômenos reprodutivos que têm lugar na esfera da ontologia biológica, não há como discordar de Butler (2019) quanto ao caráter performático do gênero. Contudo, se pretendermos, como pretendemos, produzir conhecimentos que possam favorecer práticas clínicas emancipadoras e movimentos que visem a transformação da realidade social, estaremos, a nosso ver, melhor fundamentados se pudermos utilizar contribuições oriundas dos feminismos materialistas, que consideram o poder e as normas concretamente inseridos em contextos macrossociais e históricos.

Sabemos que todas as condições de opressão e violência afetam indivíduos e coletivos discriminados, gerando sofrimentos sociais. De acordo com Renault (2010), essas situações, que vigoram objetivamente na realidade social, motivam sentimentos de desamparo, humilhação e injustiça. Entretanto, nossos estudos empíricos têm mostrado que apesar de apresentarem pontos em comum, certas opressões possuem características peculiares, que merecem ser conhecidas, na medida em que estamos interessados em transformações sociais e no combate ao sofrimento. Assim, se os vários grupos oprimidos se conformam alvos do mesmo grupo dominador, que se apresenta como a realização máxima do humano, do qual os demais grupos seriam formas degradadas, degeneradas ou desnaturalizadas, a verdade é que os ataques que recebem apresentam diferentes características. Se, por exemplo, o negro tem sido historicamente animalizado (Fanon, 1952/2008), as mulheres ora são animalizadas como procriadoras (Federici, 2018), ora são objetivadas como máquinas geradoras de prazer para o homem cisheterossexual (Bartky, 1991/2015). Cabe aqui, portanto, a indagação acerca das formas por meio das quais as pessoas trans são atingidas nos ataques desumanizantes/despersonalizantes (Aiello-Vaisberg, 2017) de que, ao que tudo indica, são alvo, visto que ainda persiste em nosso país um cenário de intensas violências, exclusões e discriminações para com elas.

Sendo assim, optamos por estudar o sofrimento a partir de pessoas trans por três diferentes motivos. Primeiramente, porque buscamos, com essa pesquisa, produzir conhecimentos que subsidiem práticas de cuidado emocional em vertentes psicofiláticas e psicoterapêuticas. Em segundo lugar, porque esperamos que nossos achados também possam reverberar nos movimentos sociais, em prol de um

compromisso com práticas que não visem despersonalizar/desumanizar outrem (Aiello-Vaisberg, 2017), rumo a um humanismo radical. Por fim, porque pensamos as pessoas transgêneras como casos emblemáticos, ou seja, semelhantes aos sujeitos típicos, nos termos de Celso Frederico (1979), pois evidenciaríamos, de modo contundente, as normas de gênero e seus desdobramentos subjetivos, que se vinculam a violências e exclusões que sofrem como transgressores explícitos do binarismo.

Diante do exposto, consistindo a presente pesquisa qualitativa com método psicanalítico em iniciativa de produção de conhecimento no âmbito da psicologia, por meio da qual cumprimos as exigências para obtenção do título de mestre, cremos ser oportuno, como próximo passo, apresentar o que pudemos apurar acerca das formas pelas quais a transgeneridade vem sendo retratada na literatura científica nacional. Para isso, realizamos uma revisão sistemático-crítica (Aiello-Vaisberg & Assis, 2017), a qual será mais bem descrita nos dois capítulos a seguir.

Capítulo 2. Transitando pela literatura científica nacional sobre perversão

Visamos, neste segundo capítulo, obter familiaridade com o debate científico que se articula, atualmente, no campo da psicologia, ao redor da questão da perversão, termo sob o qual se inserem estudos sobre fenômenos que referimos atualmente como transgeneridade. Desta feita, o presente capítulo forma uma unidade com o terceiro capítulo, que dedicaremos à revisão da literatura científica nacional sobre transgeneridade.

Optamos por organizar o presente capítulo em duas seções. A primeira delas, intitulada “Considerações iniciais”, consiste numa breve introdução do conceito de perversão, tal como tem sido utilizada em dois campos do saber, a psiquiatria e a psicanálise. Não pretendemos ser aqui exaustivos, mas colocar uma aproximação inicial de um termo que, de saída, alude à patologia, quando, como sabemos, muitos são os esforços no sentido da despatologização da transgeneridade (Bento & Pelúcio, 2012). A segunda seção, intitulada “Perversão na SciELO”, traz um levantamento sistemático de artigos empíricos, que pretendíamos, inicialmente, considerar segundo as recomendações de Aiello-Vaisberg e Assis (2017) relativas ao que denominam revisão sistemático-crítica. Contudo, quando granjeamos suficiente familiaridade com os trabalhos, percebemos que seria mais apropriado inserir uma modificação no processo de análise estrutural dos artigos empíricos, substituindo a análise dos itens constituintes das comunicações de pesquisas empíricas por uma questão mais abrangente. Agindo desse modo conseguimos obter um quadro bastante interessante, como teremos oportunidade de demonstrar em algumas páginas.

Considerações iniciais

Tendo sido classicamente usada para referir não apenas a perversidade ou maldade, mas principalmente as sexualidades que destoam do padrão tido como normal, a noção de perversão carrega consigo um halo associativo evidentemente negativo, que de saída dificulta a emergência de sentimentos contratransferenciais no sentido do cuidado e do respeito. Trata-se, portanto, de um capítulo evidentemente

problemático, principalmente quando nos movemos no campo psicanalítico, cuja vocação inicial seria justamente a de impor, a uma psiquiatria clássica forjada a partir do “índice de não compreensão do observador” (Bercherie, 1980), uma postura fundamentalmente inclusiva.

Como sabemos, na medida em que os progressos tecnológicos tornaram a produção científica mundial facilmente acessível por internet, o pesquisador pode ver-se diante de um volumoso caudal de produções. Portanto, não surpreende que novas formas de manejar a literatura científica tenham vindo à luz. Assim, vários modos de organizar bancos de dados e formas de uso estão, atualmente, disponíveis. Por outro lado, mesmo havendo forte pressão no sentido de unificar todas as ciências sob as mesmas práticas, certas especificidades justificam a introdução de algumas diferenças numa ou noutra fase do trabalho de pesquisa.

Uma das questões mais básicas diz respeito ao fato das ciências, que estudam os fenômenos que se dão nas esferas ontológicas inorgânica e orgânica (Lukács, 1978/2013), conhecerem uma convergência epistemológica e metodológica que, ao que tudo indica, não deriva de sua maior antiguidade, mas da natureza dos objetos de estudo. Entretanto, no que diz respeito às ciências humanas, a possibilidade de chegar a uma unificação, em termos de paradigmas epistemológicos e metodológicos, já não parece, atualmente, possível. Além disso, o que é mais interessante, sequer é considerada desejável. Na verdade, compreendemos hoje que quando tomamos o ser humano como fenômeno acerca do qual intentamos produzir conhecimento, partimos inevitavelmente de posicionamentos, que podem estar mais ou menos claros e conscientes para o pesquisador, acerca do ser em geral (ontologia) e do ser humano (antropologia). Sendo assim, devemos, a todo momento, fazer opções que levem em conta a peculiaridade das ciências humanas e as exigências dos nossos próprios posicionamentos.

Tendo em vista nossa opção pelo paradigma epistemológico crítico (Guba & Lincoln, 1994), pela psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007) e pelo método psicanalítico (Herrmann, 1979/2001), dispusemo-nos a realizar uma revisão sistemático-crítica de pesquisas empíricas, conforme diretrizes formuladas por Aiello-Vaisberg e Assis (2017). Esse tipo de revisão consiste na combinação do rigor dos procedimentos sistemáticos – tais como a formulação de uma pergunta inicial a ser respondida, a busca de trabalhos em bases de dados coerentes com o objetivo estabelecido, a adoção de critérios de inclusão e de seleção, bem como a realização

de análise do delineamento dos estudos acessados, com a adoção de uma perspectiva crítica²⁴ em relação aos pressupostos antropológicos e ético-políticos sobre os quais se fundamentam.

Contudo, como se verá, percebemos, quando nos familiarizamos com os artigos, que não seria tão proveitoso nos determos no delineamento dos estudos empíricos, em termos da análise de objetivos, justificativa, método, resultados e discussão, seguindo o procedimento geralmente adotado pelos periódicos científicos para orientação dos pareceristas. Por outro lado, tentamos avaliá-los por meio de uma apreensão mais globalizada e abrangente que, a nosso ver, revelou-se mais interessante nesse momento, dadas as condições que nos são dadas no mestrado acadêmico. Assim, como se verá, articulamos o presente estudo por meio de um procedimento que consiste na tentativa de responder à seguinte questão em relação a cada uma das publicações que examinamos: “Como esta publicação aborda a perversão”?

Antes de tudo, vale destacar que o termo perversão, no campo psiquiátrico contemporâneo, que se organiza predominantemente em torno de manuais classificatórios, figura como diagnóstico psicopatológico já nas primeiras edições do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), da Associação Americana de Psiquiatria (APA): I (1952), II (1968) e III (1980). No DSM-IV-TR (2002)²⁵, o termo foi substituído por parafilia e o diagnóstico de homossexualidade foi suprimido. Dentre as parafilias, podíamos encontrar: exibicionismo, voyeurismo, fetichismo, fetichismo transvéstico, sadismo sexual, masoquismo sexual, pedofilia, necrofilia, zoofilia, coprofilia, clismafilia (enemas), urofilia, frotteurismo (tocar ou esfregar-se em outra pessoa), parcialismo e escatologia telefônica. O DSM-V (APA, 2014), por sua vez, trouxe mudanças sutis, porém fundamentais, ao separar os comportamentos sexuais atípicos dos comportamentos sexuais atípicos decorrentes de transtorno mental, permitindo distinguir, ao menos conceitualmente, a possibilidade de práticas sexuais “atípicas” não patológicas e consensuais (Lucena & Abdo, 2014).

²⁴ Alguns pesquisadores usam o termo crítico para se referir a avaliações relativas à escolha do método e do modo como é efetivamente utilizado pelo pesquisador. Por esta razão, vale a pena destacar que nosso olhar crítico é dialeticamente informado com vistas à detecção do alinhamento ético e ideológico de cada estudo, no sentido do conhecimento produzido se manter coerente com o respeito à dignidade humana e com a busca de transformações sociais que nos aproximem de sociedades mais justas, democráticas e equitativas (Aiello-Vaisberg & Assis, 2017).

²⁵ O DSM-IV-TR (2002) corresponde a uma versão revista do DSM-IV (1995), mas não suficientemente substancial, a ponto de constituir como DSM-5.

O manual diagnóstico da Organização Mundial da Saúde, conhecido como CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), também é amplamente utilizado, inclusive como base para definição de diretrizes de cuidado no sistema de saúde brasileiro, a partir de acompanhamento epidemiológico sobre doenças e transtornos. Atualmente, em sua décima versão (CID-10)²⁶, o manual traz, no capítulo referente às doenças mentais, um item correspondente aos Transtornos da Preferência Sexual, no qual se incluem, entre outros, transtornos da preferência sexual, fetichismo, pedofilia e sadomasoquismo (Organização Mundial de Saúde, 1993).

No campo da psicologia, o termo perversão surgiu como conceito psicanalítico. Inicialmente, Freud (1905/1962) alinhou conceitos como sexualidade, desejo, pulsão e inconsciente, contexto no qual se utilizou da expressão “sexualidade perverso-polimorfa” para descrever a sexualidade infantil, base da sexualidade humana em geral. Posteriormente, o autor retomou o termo para referir um fenômeno que seria, a seu ver, fundamentalmente masculino, constituindo-se como uma defesa ante a angústia de castração (Freud, 1927/1973). Quando consultamos o Vocábulo de Psicanálise, de Laplanche e Pontalis (1967), referência clássica no campo psicanalítico, encontramos a seguinte definição:

Perversão é desvio em relação ao ato sexual “normal”, definido como coito que visa a obtenção de orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto. Diz-se que existe perversão quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais (homossexualidade, pedofilia, bestialidade, etc.), ou por outras zonas corporais (coito anal, por exemplo) e quando o orgasmo é subordinado de forma imperiosa a certas condições extrínsecas (fetichismo, travestismo, escotofilia e exibicionismo, sado-masoquismo); estas podem mesmo proporcionar, por si sós, o prazer sexual. De forma mais englobante, designa-se por perversão o conjunto de comportamento psicosssexual que acompanha tais atipias na obtenção do prazer sexual (p.432).

²⁶ A CID-10 está prestes a ser substituída pela CID-11, lançado em 2018 para entrar em vigor em 2022. Contudo, persistirá o referido diagnóstico, enquanto distúrbios parafílicos, em um novo eixo, referente as condições relacionadas à saúde sexual (World Health Organization, 2019).

Não obstante, o Dicionário de Psicanálise de Roudinesco e Plon (1998)²⁷, outra obra clássica, publicada 30 anos após o livro de Laplanche e Pontalis (1967), menciona que:

Perversão é termo derivado do latim *pervertere*, empregado em psiquiatria e pelos fundadores da sexologia para designar, ora de maneira pejorativa, ora valorizando-as, as práticas sexuais consideradas como desvios em relação a uma normal social e sexual. A partir de meados do século XIX, o saber psiquiátrico incluiu entre as perversões práticas sexuais tão diversificadas quanto o incesto, a homossexualidade, a zoofilia, a pedofilia, a pederastia, o fetichismo, o sadomasoquismo, o travestismo, o narcisismo, o autoerotismo, a coprofilia, a necrofilia, o exibicionismo, o voyeurismo e as mutilações sexuais. Em 1987, a palavra perversão foi substituída, na terminologia da psiquiatria mundial, por parafilia, que abrange práticas sexuais nas quais o parceiro ora é um sujeito reduzido a um fetiche (pedofilia, sadomasoquismo), ora o próprio corpo de que se entrega à parafilia (travestismo, exibicionismo), ora um animal ou um objeto (zoofilia, fetichismo). Retomado por Sigmund Freud a partir de 1896, o termo perversão foi definitivamente adotado como conceito pela psicanálise, que assim conservou a ideia de desvio sexual em relação a uma norma. Não obstante, nessa nova acepção, o conceito é desprovido de qualquer conotação pejorativa ou valorizadora e se inscreve, juntamente com a psicose e a neurose, numa estrutura tripartite (p.584).

Como se vê, várias questões bastante discutíveis entrecruzam-se quando as chamadas perversões são abordadas, não sendo difícil perceber que o padrão organizador do entendimento desse diagnóstico seria o ato sexual propiciador da concepção. Ora, mesmo quando nos limitamos a considerar apenas as práticas cisheteronormativas, a aproximação entre sexualidade normal e reprodução revela-se claramente equivocada e discrepante da experiência vivida pelas pessoas. Em nossa concepção, essa noção confundiria o sexual, que corresponde a uma dimensão do viver, com um certo tipo de teorização afastada da concretude humana, que reduz a sexualidade a pouco mais que um fisiologismo, desconsiderando a possibilidade do

²⁷ O dicionário de Roudinesco e Plon (1998), alinhado ao pensamento lacaniano, surpreende pela maneira aparentemente leviana com a qual parece querer impingir uma definição de perversão enquanto desvio da norma sexual sem incorrer em juízo de valor ou em desaprovação social. Na ausência de uma argumentação minimamente plausível, concluímos que os autores se apercebem de quanto é problemática a sustentação de um esquema psicopatológico, mas não se dispõem a criticá-lo.

erotismo vir a ser vivenciado de forma lúdica e criativa (Machado & Aiello-Vaisberg, 2004).

De todo o modo, queremos frisar que a condição trans, pela qual nos interessamos na presente pesquisa, estava incluída, até pouco tempo, sob o rótulo da perversão. Sendo assim, justificamos nossa iniciativa de incluir, na presente pesquisa, um estudo acerca de como a perversão sexual vem sendo abordada atualmente no campo das ciências "psi" (psicologia, psiquiatria e psicanálise), tendo em vista reconhecer se seguem vigentes antigas concepções sobre desvios sexuais ou se novas reflexões vêm sendo propostas.

Perversão na SciELO

Diante do exposto, optamos por fazer um levantamento de artigos empíricos na base de dados ScieELO.br, que reúne trabalhos relevantes de diferentes países da América Latina e oferece acesso livre a textos completos, facilitando o procedimento de revisão bibliográfica. Na presente revisão, utilizamos a combinação do descritor perversão com os descritores psicologia, psiquiatria e psicanálise, um par por vez. Essa busca resultou em 28 trabalhos, sendo 17 teóricos e 11 empíricos. Dado ser o início de uma aproximação com essa literatura, decidimos focalizar apenas os artigos empíricos, porque o tipo de estudo necessário para uma leitura suficiente de artigos teóricos, que habitualmente exigem uma razoável desenvoltura no conhecimento de variados conjuntos de conceitos, exigiria um tempo maior do que o disponível. O conjunto do material foi analisado a partir da tentativa de responder à pergunta abrangente “como esta publicação aborda a perversão?” e considerado à luz dos fundamentos epistemológico-críticos da psicologia psicanalítica concreta de José Bleger (1963/2007).

No Quadro 1, podemos apreciar o número de artigos encontrados por ano de publicação:

Quadro 1. Número de artigos por ano de publicação.

Ano de publicação	Número de artigos
1999	1
2001	1
2005	1
2012	1
2013	2
2014	1
2016	2
2017	1
2020	1

Conforme é possível notar, os trabalhos acessados, sobre perversão, datam desde 1999²⁸, persistindo uma tímida mas contínua publicação sobre o assunto, até os dias mais atuais. A distribuição das produções estudadas por área de conhecimento pode ser apreciada no quadro a seguir:

Quadro 2. Distribuição de artigos por área de conhecimento.

Área de conhecimento	Número de artigos
Psiquiatria	00
Psicologia	04
Psicanálise	07

Notamos, aqui, que o termo prevalece, nos trabalhos científicos e empíricos acessados na SciELO.br, nas áreas de psicologia e psicanálise. A seguir, apresentaremos o total dos artigos encontrados em um quadro matriz, elaborado após análise criteriosa dos estudos, destacando autores, ano de publicação, tipo de contribuição proposta – estudo empírico-crítico ou estudo clínico-conceitual, bem como o modo que a perversão é abordada.

²⁸ É interessante lembrar que a base SciELO entrou em funcionamento no ano de 1996.

Quadro 3. Análise dos artigos em ordem alfabética do sobrenome dos autores.

Número	Autor (Ano)	Título	Categoria	Como aborda a perversão?
AP1	Alberti & Martinho (2013)	Sexuação, desejo e gozo: entre neurose e perversão	Estudo clínico-conceitual	Investigando estrutura/sintomas perversos em estudos de caso revisados por Lacan à luz da teoria lacaniana.
AP2	Ferrari (2016)	Mulheres encarceradas e seus filhos: exercício da perversão no mundo capitalista?	Estudo clínico-conceitual	Investigando estrutura/sintomas perversos na relação de mulheres apenas com seus filhos à luz da teoria lacaniana e da crítica ao sistema capitalista.
AP3	Gómez (2020)	"The piano teacher" and the question of perversion	Estudo clínico-conceitual	Investigando estrutura/sintomas perversos em uma produção cinematográfica à luz da teoria lacaniana.
AP4	Hachet (2005)	Agressores sexuais: é possível um tratamento psicanalítico sob prescrição judicial?	Estudo clínico-conceitual	Investigando estrutura/sintomas perversos em agressores sexuais apenas à luz da metapsicologia freudiana.
AP5	Lima Filho & Facundes (2014)	A perversão no território: os efeitos do desmentido	Estudo clínico-conceitual	Investigando estrutura/sintomas perversos em caso de abuso sexual infantil à luz da teoria lacaniana.
AP6	Martínez (2001)	A nudez	Estudo clínico-conceitual	Investigando estrutura/sintomas perversos por meio do estudo de um mito irlandês à luz da teoria freudiana.

AP7	Naves (1999)	O papel da recusa nas relações entre o narcisismo e a perversão	Estudo clínico-conceitual	Investigando estrutura/sintomas perversos e sua relação com o narcisismo, em casos clínicos à luz da teoria lacaniana.
AP8	Orejuela, Piedrahita & Renza (2012)	La práctica/estilo de vida de swinger: ¿una práctica social-sexual perversa?	Estudo empírico-crítico	Investigando prática sexual não convencional à luz das teorias do ritual de Augé e Turner, para criticar o uso do conceito de perversão.
AP9	Roggia & Bastos (2016)	Perverse manifestations in the melancholic structure	Estudo clínico-conceitual	Investigando estrutura/sintomas perversos em estudo de caso à luz da teoria de Bergeret.
AP10	Rosa Junior & Poli (2013)	Literatura, perversão e psicanálise	Estudo clínico-conceitual	Investigando estrutura/sintomas perversos em obras literárias à luz da teoria lacaniana.
AP11	Suárez & Romero (2017)	Hijas del desamor. Efectos de la perversión femenina materna en la constitución subjetiva de sus hijas	Estudo clínico-conceitual	Investigando estrutura/sintomas perversos na experiência de filhas de mães consideradas perversas à luz da teoria lacaniana.

O exame do Quadro 3 permite que dele sejam extraídas certas características que facilitam a percepção de convergências e diferenças entre as unidades que compõem o conjunto dos artigos estudados.

Para começar, podemos apreciar, no Quadro 4, os tipos de estudo encontrados:

Quadro 4. Tipos de estudo por número de artigos.

Tipo de estudo	Número de artigos
Estudo clínico-conceitual	10
Estudo empírico- crítico	01

Como vemos, predominam estudos de tipo clínico-conceitual, vale dizer, que se delineiam segundo o exame clínico de fenômenos tais como relação de presidiárias com seus filhos, produção cinematográfica, mitos, caso de abuso sexual infantil, entre outras, tendo em vista discutir os achados empíricos à luz de teorias psicanalíticas bem estabelecidas. É importante que se chame a atenção para o fato de que 9 desses estudos não se configuram a partir do interesse em verificar o poder heurístico da teoria, pois este parece estar garantido de antemão. Na verdade, podem ser considerados como modos submissos de se vincular a teorias (Aiello-Vaisberg, 1999b), que chegam, no final, a uma mera demonstração de que o pensamento de determinado autor explica satisfatoriamente aquilo que a empiria examinada aporta²⁹.

Se levarmos em conta esse aspecto da empreitada científica, vale dizer, o modo como o pesquisador se relaciona com o conhecimento teórico acumulado, não teremos dificuldade em distinguir vínculos de submissão, que consistem na adesão ao pensamento deste ou daquele autor, do que resulta ser a teoria utilizada como doutrina, em oposição aos vínculos dialógicos, que ocorrem quando as teorias são usadas como fruto do trabalho humano, tendo seu valor reconhecido mas não idealizado como se fossem revelações de seres superiores. No conjunto de artigos aqui examinados, encontramos os dois tipos de vínculo com a teoria e uma clara tendência a dispensar um tratamento reverencial em relação a Freud e a Lacan. Os demais autores invocados, vale dizer, Bergeret (1974/2006), Turner (1988) e Augé (2004), são usados de um modo aparentemente mais realista, como interlocutores.

²⁹ Silva (1994) estudou o mesmo fenômeno lançando mão das figuras do adepto, do rebelde e do aprendiz. De acordo com sua perspectiva, os autores lacanianos que assinaram os trabalhos aqui focalizados adotam um posicionamento de adeptos.

Quadro 5. Teorias utilizadas por número de artigos.

Teoria/modo de utilização	Número de artigos
Teoria lacaniana como doutrina	07
Teoria freudiana como doutrina	02
Teoria bergeretiana como interlocutora	01
Teorias do ritual como interlocutoras	01

Percebemos, portanto, que mais da metade da produção aqui estudada (Alberti & Martinho, 2013; Ferrari, 2016; Gómez, 2020; Lima Filho & Facundes, 2014; Naves, 1999; Rosa Junior & Poli, 2013; Suárez & Romero, 2017) adota a teoria estrutural lacaniana que, partindo do pensamento freudiano, concebe que a perversão, ao lado da neurose e da psicose, constitui-se como uma das possibilidades por meio das quais o sujeito pode se organizar em termos de personalidade. Além disso, notamos que dois estudos se orientam diretamente pela teoria freudiana como guia para o entendimento da perversão (Hachet, 2005; Martínez, 2001).

O Quadro 5 também se completa com o trabalho de Roggia e Bastos (2016), que se valem das teorias de Jean Bergeret (1974/2006), autor que insistiu sobre a necessidade de distinguirmos o plano sintomático, que se dá num registro comportamental, do plano da estrutura da personalidade, que concebe em termos de estruturalismo genético, vale dizer, segundo uma visão que não converge com a noção lacaniana de estrutura.

O modo como figura, no conjunto de artigos que compõe o Quadro 2, a articulação entre pesquisa e psicanálise coloca, a nosso ver, um grave problema, porque consiste num movimento de aplicação de enunciados teóricos altamente valorizados, por terem sido estabelecidos por grandes nomes no movimento psicanalítico, ao entendimento de material empírico. O resultado, ao que tudo indica, é a reafirmação de que os grandes mestres estavam realmente corretos, o que certamente não contribui para o avanço do conhecimento científico, nem para o desenvolvimento de práticas psicológicas e psicanalíticas que atendam às necessidades contemporâneas.

De nossa parte, cabe salientar que esse desenho de pesquisa corresponde ao que consideramos o modo menos produtivo de uso da psicanálise na pesquisa

acadêmica. Entendemos – e é o que será feito na pesquisa ao redor da qual é elaborada essa dissertação, que a psicanálise, quando tomada como o método investigativo, constituiu-se como opção bastante fecunda no campo da pesquisa qualitativa em psicologia³⁰.

Por outro lado, discernimos, nesse conjunto de artigos, que responderam à busca com o termo perversão, apenas uma produção que não se organiza como estudo clínico-conceitual. Trata-se do trabalho de Orejuela, Piedrahita & Renza (2012), que realizaram um estudo de cunho empírico-crítico, por meio da abordagem do *swinger*, uma prática não convencional que, por escapar ao que habitualmente é visto como normalidade sexual, tem sido considerada por muitos como perversão. Realizando pesquisa empírica, baseada em entrevistas de três casais, em observações etnográficas realizadas em bares e no exame de sites e portais voltados a adeptos do *swinger*, os autores problematizam a patologização de uma prática de caráter consensual, propondo-se pensá-la em termos do que Giddens (1993) designou com transformações da intimidade na sociedade atual. Assim, reconhecendo a complexidade da questão colocada por um modo diferenciado de viver a sexualidade, realizam uma reflexão interdisciplinar, na qual confluem considerações sociológicas, antropológicas e psicanalíticas, apontando de modo muito firme a tendência de muitos psicólogos a perfilarem-se conservadoramente a favor das normas de gênero. Esse estudo contrasta marcadamente com a visão que nos proporcionam os 9 artigos assinados por lacanianos e freudianos que compõem o conjunto das produções que aqui estamos considerando.

De fato, quando examinamos o total dos 9 artigos assinados por lacanianos e freudianos, não temos dificuldade em vislumbrar que um alto teor conservador se encontra em jogo. Assim, parece-nos correto afirmar que, malgrado um relativo *aggiornamento*, realizado por Lacan quando articulou a psicanálise ao estruturalismo francês, encontramos-nos, aqui, em um terreno francamente falocêntrico, que não chega sequer ao binarismo sexual, uma vez que admite apenas a plena existência da condição masculina, já que o feminino é equacionado como castrado.

A nosso ver, o fato do material utilizado pelos pesquisadores lacanianos variar entre a reconsideração de casos atendidos pelo próprio Jacques Lacan ou ser

³⁰ Retomaremos essa questão no quarto capítulo, quando apresentarmos os fundamentos e os procedimentos investigativos que usamos na pesquisa ao redor da qual desenvolvemos a presente dissertação.

produzido a partir da abordagem de questões enfrentadas por presidiários e presidiárias, agressores sexuais ou ainda do estudo de materiais culturais, como o mito ou o cinema, merece reparo. De um lado, não temos aí uma inovação, no que diz respeito ao uso de materiais culturais, na medida em que segue estritamente uma esteira já inaugurada por Freud (1997), em estudos como o da *Gradiva* de Jensen. Por outro lado, a iniciativa de trabalhar em contextos institucionais, ocupando cargo de psicólogo, não deixa de apontar uma certa abertura para incluir usuários da saúde pública entre os beneficiários do saber psicanalítico. Entretanto, a disposição dos lacanianos brasileiros de atuar na saúde pública, expondo-se a uma experiência profissional bastante variada, parece não impedir que sigam aderidos a teorias que, sem dúvida, são datadas e não acompanham as profundas transformações sociais que o século XX e o início do século XXI conheceram, muitas delas derivadas da própria difusão do saber psicanalítico.

Quando o lacanismo propõe a teoria dos gozos diferenciados, conforme o qual o homem gozaria falicamente e a mulher alcançaria um gozo suplementar, como objeto de desejo do homem, está efetivamente considerando o gozo feminino como dependente do reconhecimento e do amor masculino. Sendo assim, duas possibilidades se apresentariam diante da mulher: se amada, alcançaria o êxtase, se não amada viveria uma experiência de devastação (Cossi & Dunker, 2017). Nota-se, portanto, um pensamento binário, falocêntrico e patriarcal, falsamente alegado como uma mudança teórica que superaria a mesma marca, claramente presente na produção do mestre nas primeiras décadas do seu chamado ensinamento. Ora, como, de acordo com o pensamento laciano, toda a vida psíquica se funda na sexualidade, não podemos usar seu pensamento sem subscrever suas posições conservadoras em relação às normas de gênero.

Por esse motivo, sendo numericamente predominantes os estudos clínico-conceituais que tomam as proposições discutíveis de Lacan e Freud, sobre a mulher, como referencial teórico, podemos concluir que se descortina um quadro anacrônico e conservador quando levantamos artigos sobre perversão nas áreas “psi”, na medida em que se funda numa adesão à cisheteronormatividade. Essa constatação nos parece bastante relevante, principalmente se reconhecermos que confirma uma compreensão mais ampla, que antecede esse levantamento e que ganha força com o que encontramos, de que a perversão é criada pelo estabelecimento da norma, ou seja, surge no momento em que essa se configura. Baseando-se numa visão que

reduz as manifestações sexuais legítimas ao registro reprodutivo, a norma vigente acaba apresentando uma grande competência na produção de desvios.

Quando os autores se dispõem a realizar pesquisas sobre perversão, considerando-a como um fenômeno patológico, estão de fato referendando o binarismo normativo e contribuindo, ainda que de modo velado, para a perpetuação das normativas de gênero. Ao considerar “homens” e “mulheres” de modo natural e binário, ao utilizarem conceitos que pressupõem famílias tradicionais e relações prioritariamente heterossexuais, ao conceberem mulheres objetificadas, obrigatoriamente maternais ou “incompletas” e “homens fálicos”, tais estudos fortalecem um equívoco, de graves repercussões, que consiste em tomar questões, que pertencem à esfera sócio humana do ser, que é eminentemente inventiva e inovadora, como se estivessem sob as determinações que regem a ontologia do ser orgânico (Lukács, 1978/2013). Trata-se de um erro de graves consequências, porque vai privilegiar posicionamentos favoráveis à repetição do mesmo, ou seja, do que aí está, e combater transformações na vida concreta dos seres humanos.

Portanto, podemos pensar na perversão como um rótulo que marca e diferencia aqueles que fogem de normas sociais, dentre as quais se insere a cisheteronormatividade, como se suas experiências não fizessem parte do acontecer humano, do que decorreria imediatamente sua desumanização/despersonalização (Aiello-Vaisberg, 2017). Nesse ponto, lembramos autores como Hilário e Cunha (2012) e Cunha (2016), quando se propõem a retomar criticamente a categoria da perversão, destacando seu vínculo com os contextos sócio históricos e o seu papel na normatização da experiência sexual e na disciplinarização e controle das pessoas, estabelecendo fronteiras entre o que corresponderia ao humano, ao “normal”, e o que dele se desviaria. Desse modo, os autores utilizam esse conceito enquanto instrumento de crítica social, questionando a ordem vigente e possibilitando novos modos de relações consigo e com os outros, o que bem sintetiza Cunha (2016):

considerando tal vinculação com a moralidade e o contexto histórico, o fio que une as diversas formas da experiência subjetivas designadas em diferentes contextos como perversas não estaria em um modo particular de economia ou estruturação psíquica, mas na colocação em risco do reconhecimento possível do outro enquanto ser humano (...) Desse modo, o recurso à perversão se daria precisamente nos momentos em que percebemos ameaçada nossa

compreensão do humano e dos seus limites, ou seja, momentos em que nossa ideia ou ideal de homem não parece dar conta do tipo de experiência subjetiva com a qual nos defrontamos na clínica ou fora dela (p.88).

A clara colocação de Cunha (2016) converge com a visão antropológica da psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), no âmbito da qual a afirmação de que a perversão não corresponderia a uma experiência propriamente humana pode ser considerada, no registro axiológico³¹, como manobra anti-humanista ético-politicamente inaceitável. Deste modo, podemos considerar que a própria admissão da existência de uma estrutura perversa³² nos coloca diante de visões autoritárias e hierarquizantes que não tomam o respeito e a solidariedade entre pessoas e grupos como valores significativos. A essas se contrapõem posicionamentos, social e historicamente condicionados, que valorizam a diversidade e potencialidades da experiência humana, o que inclui a sexualidade, vivenciada não como norma/patologia, mas uma das vias de relacionamento consigo próprio e com o outro, em um mundo intersubjetivamente construído.

No entanto, fica claro, a partir dos artigos aqui focalizados, que o resultado da adoção do constructo de perversão tende a ligar-se imediatamente à ideia de uma estrutura fixa que fala de um ser defeituoso³³. Nesse contexto de pensamento, as manifestações que não correspondam à obediência às normativas cisheterossexuais apenas exteriorizam efeitos de uma estrutura metapsicológica, situada no interior do próprio indivíduo e fundante de sua personalidade, apontando para um pensamento em que existiriam estruturas naturais, universais e abstraídas de seus contextos históricos e macrossociais (Bleger, 1963/2007), transformando “regras formais intelectivas (...) em realidade objetiva existente acima dos homens concretos” (Coutinho, 1943/2010). Ou seja, seria a perversão algo anormal, imutável, estrutural e estruturante, que naturalizaria “homens” e “mulheres”, bem como fenômenos

³¹ Aqui tomamos o termo tal como posto por Bleger (1963/2007), vale dizer, significando o que é relativo aos valores.

³² Cabe observar que, contrariando lacanianos, Bergeret (1974/2006) não aceita a existência de uma estrutura perversa, mas apenas de sintomas passíveis que são descritivamente identificáveis como tais, que ocorreriam no contexto das chamadas anestruturações, que define precisamente como condições psíquicas desprovidas da estabilidade daquilo que se concebe como estrutura.

³³ A utilização descritiva do conceito é fato raro, exceção que confirma a regra, quando lembramos que a obra relativamente extensa de Bergeret (1974/2006), um dos poucos estudiosos que se dedicaram à elaboração sistemática de uma psicopatologia psicanalítica, nunca alcançou impacto significativo entre pesquisadores das ciências “psi”.

sociais, tais como a violência contra indivíduos e coletivos (Wittig, 1992/2006), num movimento de tentativa de anulação da capacidade de agência, o que dificultaria, evidentemente, as reais possibilidades de transformação da realidade humana.

Diante desse cenário conservador, que mal concebe a existência de dois gêneros, isto é, que descreve as pessoas não como positivamente femininas ou masculinas³⁴, mas como fálicas ou castradas, faz-se compreensível que nenhum dos artigos acessados, por meio do descritor perversão, tenha pensado explicitamente a transgeneridade. Constatamos, assim, que malgrado as mudanças, que vem sendo obtidas por movimentos sociais de defesa da dissidência sexual, numa linha que, à luz da ontologia do ser social de Lukács (1978/2013), pode pensar a diversidade como expressão da criatividade humana e do respeito à autonomia individual, as ciências “psi” permanecem estacionadas na reprodução de uma visão que, sob certa sofisticação conceitual, mantém-se indisfarçadamente patriarcal.

³⁴ Não defendemos, aqui, uma concepção binária dos gêneros. Apenas gostaríamos de chamar a atenção que essa vigora no imaginário social, porém é desconsiderada, ainda que veladamente, na concepção freudiana e lacaniana das pessoas enquanto “castradas” e “não castradas”. Evidentemente, essa é uma visão que reflete o imaginário social da época em que foi cunhada. Todavia, nos surpreende a vigência atual de tais concepções, nos campos psicológico e psicanalítico.

Capítulo 3. Transitando pela literatura científica nacional sobre transgeneridade

Tendo em vista nos aproximarmos dos modos por meio dos quais a transgeneridade tem sido cientificamente abordada, dedicamo-nos a nos familiarizar com as publicações acessíveis por meio da SciELO.br. Lembramos aqui que essa base, que oferece artigos na íntegra, sem custo financeiro àquele que a utiliza, corresponde a uma iniciativa exitosa, em termos de políticas públicas de pesquisa, que efetivamente auxilia o pesquisador brasileiro, especialmente quando se encontra em formação.

Antes, porém, de realizar um levantamento sistemático, conforme recomendado por Aiello-Vaisberg e Assis (2017), decidimos organizar nossas leituras em termos do que pode ser apropriadamente considerado como uma revisão narrativa, de caráter mais livre, no curso da qual as leituras feitas como que indicavam as próximas leituras a se fazer. Essa nos preparou, segundo cremos, para um estudo mais crítico da produção científica.

Acompanhando nossa trajetória de leituras sobre transgeneridade, dividimos o presente capítulo em duas partes. A primeira, intitulada “Considerações iniciais”, busca situar o leitor em relação ao tema e de um certo modo compartilha com ele a nossa própria experiência como leitor interessado no assunto. A segunda parte, intitulada “Transgeneridade na SciELO”, traz uma revisão que consiste num uso modificado, segundo necessidades da própria pesquisa, enquanto parceria entre orientando, orientadora e integrantes do grupo de pesquisa, do procedimento recomendado por Aiello-Vaisberg e Assis (2017).

Considerações iniciais

Na história da humanidade, a variedade de experiências humanas em relação ao que hoje concebemos como gênero não é um fenômeno recente. Como exemplo, podemos citar os povos nativos norte-americanos “Dois espíritos” (*Two-Spirit*), isto é, pessoas que vivem os dois gêneros ou ainda um terceiro gênero, ou as “*Alyha*” e os “*Hwame*”, mulheres e homens transexuais, respectivamente, da região do Rio

Colorado, no Deserto de Mojave (Jesus, 2018). No entanto, categorias como “travesti”, “transexual” e “transgênero” são de uso relativamente moderno no Brasil, remontando aos anos de 1970 e se estendendo até os dias atuais, onde ainda se encontram no palco de debates sociais e políticos (Carvalho & Carrara, 2013).

Primeiramente, vale lembrar que o termo “transexual” foi cunhado apenas em 1966, nos Estados Unidos, pelo sexólogo alemão Harry Benjamin, que criou procedimentos de identificação e cuidado a pessoas transexuais, concebendo os procedimentos cirúrgicos e terapia hormonal como terapêutica. Encontramos em Diaz (2020) uma sucinta mas clara explicação acerca da visão do médico:

A Síndrome de Harry Benjamin é uma condição intersexual na qual os processos de diferenciação sexual a nível cerebral e anatômico não se correspondem. De fato, estudos científicos realizados nas últimas décadas do século passado e primeira década do século XXI permitiram concluir que há um claro processo de diferenciação sexual no cérebro humano, que determina que ele apresente diferentes características anatômicas e fisiológicas dependendo se o cérebro pertence a um homem ou a uma mulher. No entanto, os cérebros das pessoas afetadas pela Síndrome de Harry Benjamin mostram características físicas do sexo contrário aquele que foi designado ao nascimento, ou seja, seu sexo cerebral não corresponde ao seu sexo genital (Diaz, 2020, p.2, tradução nossa).

E prossegue, buscando focalizar uma das possibilidades que seria a de meninas cujos cérebros femininos não coincidem com o sexo anatômico:

Em palavras mais simples, pode-se dizer que uma menina afetada pela Síndrome de Harry Benjamin, (que apresenta sexo cerebral feminino), é erroneamente identificada como um menino ao nascer, em função de seus genitais masculinos, e, conseqüentemente, é criada como um menino. No entanto, a clara discordância entre seu sexo cerebral e seu sexo genital a levará a rejeitar, desde pequena, o sexo masculino que foi erroneamente atribuído a ela, expressando sua convicção de ser uma menina presa em um corpo errado (Diaz, 2020, p.2, tradução nossa).

Assim, podemos perceber com clareza que ainda que Benjamin (1966) conceba a transexualidade como uma patologia, a seu ver resultante de um descompasso entre o cérebro e o equilíbrio hormonal durante o período da formação

fetal, baseando sua perspectiva terapêutica na primazia do cérebro sobre a genitália, acaba por atender o sentir da pessoa trans. Os genitais perdem, aqui, seu valor de verdade orgânica.

Segundo Bento (2017), a recepção às ideias de Benjamim (1966) ocorreu, em nosso país, de modo parcial e tardio. Como exemplo, pode-se citar o caso emblemático do médico Roberto Farina, processado pelo Conselho Federal de Medicina por lesões corporais graves, após realizar a primeira cirurgia de afirmação de gênero no Brasil, em 1971³⁵. Assim, vemos vigorar a crença do “sexo biológico” como destino, argumento que ainda perdura em nossa sociedade, juntamente com concepções da transgeneridade como patologia e abjeção (Jesus, 2018).

Entretanto, consideramos bastante importante salientar que a visão de Benjamin (1966) difere enormemente daquela que vigorou durante muito tempo na psicanálise – e ainda se encontra vigente em algumas de suas vertentes. Essa última afirmação se sustenta na medida em que se conserva na psicanálise uma visão sobre a sexualidade e sobre as diferenças psíquicas derivadas da anatomia, fortemente tingidas por um inegável conservadorismo sexista (Freud, 1972).

Vale a pena aqui abrir um parêntese, para atentar, ainda que de modo breve, para o fato de que muitos psicanalistas não admitem visões que, desde o surgimento da escola culturalista e das concepções kleinianas, questionam as posições freudianas – e posteriormente lacanianas, sobre a mulher. Curiosamente, tendem a alegar que a atribuição de conservadorismo sexista à psicanálise seria fruto de um entendimento superficial, quando fazem afirmações tais como as de Silva e Folberg (2008):

Consideramos oportunos estes esclarecimentos [sobre concepções relativas à sexualidade feminina], bem como nosso olhar evolutivo/histórico sobre a obra freudiana, pois encontramos na literatura e no senso comum diversos equívocos quanto ao aproveitamento dos entendimentos

³⁵ Apenas em 1997 o Conselho Federal de Medicina permitiu a realização de cirurgias de afirmação de gênero no Brasil, embora, já em 1979, a Classificação Internacional de Doenças, CID-9, tenha incluído o diagnóstico de “transexualismo”, no eixo de transtornos mentais, indicando o procedimento cirúrgico como tratamento – o que, apesar de patologizante, possibilitava, na prática, médicos fazerem a intervenção sem serem acusados por lesão corporal (Jesus, 2018). Nota-se, aqui, que duas lógicas, ambas patologizantes, entrecruzam-se, uma vez que a visão do sexólogo é a de que falhas hormonais, durante a gestação, teriam resultado numa genitália não convergente com o sexo cerebral, do que decorria considerar válido o sentir da pessoa trans, enquanto o diagnóstico de doença mental colocaria o sentir da pessoa sob suspeita. Por este motivo, as cirurgias transexualizadoras são permitidas se puderem ser médica e psicologicamente autorizadas.

freudianos em relação à questão do Édipo feminino, quando autores fazem recortes teóricos pontuais da perspectiva freudiana, sem levar em consideração esta evolução histórica (Silva & Folberg, 2008, p.50).

Entretanto, curiosamente, as autoras, após colocarem em prática uma perspectiva evolutiva/histórica, desde as concepções freudianas sobre a sexualidade feminina, centradas, em última instância, na visão da mulher como ser castrado, que inveja o pênis, até as últimas formulações lacanianas sobre o assunto, chegam à seguinte conclusão:

A partir desta releitura, vemos que a posição feminina se caracteriza basicamente por sua capacidade de se dirigir a um Outro inominável, presentificado pelo que há de divino ou de demoníaco no universo feminino, e que possibilita à mulher se satisfazer com um gozo suplementar, ao voltar-se para si mesma ou para o místico, ao mesmo tempo em que pode lançar seu olhar para o campo masculino, à procura do falo. Desse modo, não é o pai o objeto de amor em si, mas aquilo que ele possa lhe dar. A procura feminina continua na direção de conquistar um objeto que lhe sustente a idéia de possuir um pênis, o que, por extensão, permite que, no encontro enganoso com esse objeto, a relação com o pai possa ser colocada em segundo plano (Silva & Folberg, 2008, p.58, grifos nossos).

Ou seja, a nosso ver, os argumentos utilizados não são convincentes porque nada ensinam de realmente novo, de modo que mantemos a assertiva de que esses autores continuam subscrevendo um sexismo patriarcal. De fato, seus textos, supostamente renovadores, parecem exercícios retóricos, que buscam tornar o discurso mais sofisticado e mais hermético, numa manobra mais ou menos sutil de dominação do leitor, por meio da insinuação de que aqueles que criticam suas visões seriam pessoas ignorantes e incapazes de ultrapassar o senso comum para adentrar na aristocracia de um pensamento superior.

Mas, o fato das posições teóricas freudianas, e posteriormente lacanianas, sobre a mulher permanecerem essencialmente inalteradas, ao longo das décadas, não esgota todo o problema no que tange ao modo como a transgeneridade é pensada no âmbito da psicanálise. Outro aspecto da questão, sumamente importante, que cabe não negligenciar, diz respeito à hipótese, levantada no estudo de um caso de paranoia, de que esta seria uma defesa contra a homossexualidade (Freud,

1911/1996). Claro que não se trata, nesse momento do percurso freudiano, de afirmar que a homossexualidade seria psicótica, mas tornar próximas essas duas condições acaba, como se verá, favorecendo enormemente a patologização da condição homossexual. Por esta via se chegará, com facilidade, a uma formulação teórica, que abrange tanto pessoas homossexuais como transgêneras, na qual se misturam ideias de que corresponderiam a sujeitos perversos, com ideias outras que aí identificam uma dificuldade em se manter o juízo de realidade, que toma a genitália³⁶ como balizador. Portanto, há que reconhecer a coerência entre um pensamento que considera que a sanidade possível consiste em adaptar-se à realidade – de modo submisso, já que esta seria dada e não vista como produto da atividade humana³⁷, com a ideia de que um sentir, diverso do esperado frente à anatomia genital, seja considerado como equivalente a um transtorno psicótico. Nesse contexto, a genitália seria critério de verdade. Portanto, quando os próprios genitais e outras características secundárias são vividos como algo que não pode ser incluído no *self* pessoal, pode-se aventar, nessa perspectiva, que a cura³⁸ consistiria na negação do próprio sentir.

Não se sentir identificada com os genitais, cuja visão subjaz à designação do gênero, significaria, antes de mais nada, uma oposição à realidade – que aqui não é considerada como algo produzido pelos seres humanos na esfera ontológica sócio humana, e sim como algo fixo e imutável, numa linha politicamente conservadora. Assim, notamos que o sentir da pessoa é pura e simplesmente desqualificado, o que inclusive torna possível que se avenge iniciativas como a chamada “cura gay”, que consistiria em tratamento psicológico voltado à conversão da pessoa homossexual à heterossexualidade (Gama, 2019).

Entretanto, cabe salientar que, independentemente do debate científico, dividido entre essas duas perspectivas, a de Benjamin (1966), que resulta em atender as demandas de transformação corporal a partir de tecnologias médicas disponíveis,

³⁶ Embora a homossexualidade tenha relação com o desejo, cabe lembrar que esse também se baliza pela genitália, isto é, pelo “parecer” em relação ao corpo. Assim, para a cisheteronormatividade, deve-se ter o desejo afetivo e sexual orientado exclusivamente para o gênero oposto ao do indivíduo, em uma lógica claramente binária, que recorre ao uso ideológico da biologia para compreender e explicar os fenômenos humanos.

³⁷ Lembremos, por oportuno, que no pensamento ontológico de matriz dialética, que subscrevem Bleger (1963/2007) e Lukács (1978/2013), a questão da possibilidade de transformação da realidade depende da esfera do ser considerada. Assim, a esfera sócio humana, sendo criada por atos humanos, pode, em princípio, ser sempre transformada. Por outro lado, os avanços das ciências biológicas tornam certas transformações, na esfera do ser orgânico, possíveis na atualidade, não sendo nem aí absolutamente verdadeira a condição de imutabilidade que exigiria adaptação submissa.

³⁸ Lembremos aqui da chamada “cura gay”.

e a da psicanálise mais metapsicológica e ortodoxa, os movimentos sociais de defesa de direitos de pessoas LGBT+ seguiram ativos, chegando, nas décadas de 1970 e 1980, ao debate sobre a diferenciação entre orientação sexual e identidade de gênero, permitindo que comecem a ser distinguidos entre si os fenômenos da homossexualidade e da transvestilidade (Carvalho & Carrara, 2013)³⁹.

A questão da transgeneridade também resulta de uma série de discussões, nesse caso, entre travestis e transexuais, inserindo-se num processo de busca de apoio financeiro, sobretudo estrangeiro, no fito de possibilitar a obtenção de tratamentos médicos. Aliás, é importante lembrar que a transgeneridade tornou-se mais visível, no Brasil, mais recentemente, tendo emergido entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, bastante influenciada pelo saber/fazer médico-psiquiátrico e pelas demandas por hormonização e modificações corporais. Podemos ter uma noção cronológica mais clara, acerca da questão, pontuando que o Conselho Federal de Medicina retirou o caráter experimental das cirurgias de afirmação de gênero genital, para mulheres e homens transexuais, em 2008 e 2010, respectivamente (Carvalho & Carrara, 2013).

De todo o modo, queremos destacar que a transgeneridade comparece na Classificação Internacional de Doenças, 10ª versão (CID-10), da Organização Mundial de Saúde (1993), como transtorno mental, mais especificamente “transtorno da identidade sexual”, dentre os quais se inserem o “transexualismo”, o “travestismo bivalente” e o “transtorno da identidade sexual na infância”. Como já divulgado, a 11ª edição do manual, que entrará em vigor a partir de 2022, contará com um eixo relativo às “condições relacionadas à saúde sexual”, no qual será inserido o item a “incongruência de gênero” (World Health Organization, 2019). Já o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, DSM-V, reconhecida referência na área psiquiátrica, elaborada pela Associação Americana de Psiquiatria (2014), refere-se ao fenômeno como “disforia de gênero”⁴⁰. Torna-se, desse modo, interessante notar que, enquanto o DSM-V opta por evidenciar a disforia, isto é, o mal-estar psicológico em relação ao gênero designado ao nascimento, a CID-10 passa a focalizar a incongruência entre gênero designado e o próprio sentir da pessoa

³⁹ Essa segunda bastante organizada em torno do combate à violência policial, sobretudo nos locais de prostituição, e à luta contra as IST/HIV/AIDS, a saber, infecções sexualmente transmissíveis, vírus da imunodeficiência humana e síndrome da imunodeficiência adquirida (Carvalho & Carrara, 2013).

⁴⁰ Termo originalmente cunhado por John Money, em 1973 (Bento & Pelúcio, 2012).

transgênera, apresentando considerável avanço em relação à nona versão do mesmo manual, em que se incorria numa lógica explicitamente patologizante e identitarista.

Entendemos que, apesar dos esforços de profissionais, inclusive participantes da elaboração dos próprios manuais, que questionam a patologização de diversas condições – e não apenas aquelas ligadas à sexualidade como, por exemplo, o luto – que podem ser interpretadas de outro modo, os avanços dos manuais continuam francamente insuficientes. Portanto, não surpreende saber que vem sendo profundamente questionados, inclusive por especialistas que assinaram petições, fizeram declarações à mídia e escreveram artigos científicos sobre as falhas dessas obras. Assim, parece correto assumir que os manuais diagnósticos servem competentemente à medicalização da vida, que segue sendo amplamente praticada, o que contribui inclusive para o atual posicionamento da psiquiatria quando admite que os psicofármacos não visam interferir nas causas dos transtornos, mas agir apenas sintomaticamente, em prol do bem-estar dos pacientes – o que, convenhamos, muito agrada à indústria farmacêutica, que passa a ter sua clientela significativamente ampliada.

No que diz respeito especificamente à despatologização da condição transgênera (Bento & Pelúcio, 2012), não se pode afirmar que tenha sido realmente alcançada ou que ganhos altamente relevantes tenham sido obtidos, mesmo que alguns passos tenham sido dados nesta direção. A questão é complexa não apenas entre os profissionais da saúde, mas também nos movimentos sociais, já que, em função de contradições do sistema capitalista, tanto lutam pela despatologização como pelo acesso à saúde pública para efeito de realizar transformações corporais de modo mais seguro. Lembramos que fortalecendo concepções conservadoras, ao fim e ao cabo, os manuais psiquiátricos colaboram com a patologização de pessoas transgêneras, quer considerando-as como transtornadas mentalmente, quer considerando-as transtornadas sexualmente. Tendo isso em vista, nos parece plausível considerações como de Jesus (2018, p.387), de que tais manuais recorrem à configurações genéticas, senão meramente genitais, reduzindo o gênero ao campo da biologia, ao “sexo biológico”, além de torná-lo diagnosticável, em clara oposição ao que seria um funcionamento “normal”, vale dizer, a cisgeneridade.

Em um país com uma tradição judaico-cristã, como o nosso, não poderíamos deixar de comentar, mesmo que brevemente, sobre as influências da religião⁴¹ no reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQ+ e na ocorrência de violências contra elas. Consideradas sobre o prisma do conceito religioso de pecado, tais pessoas são concebidas como ameaça à família tradicional e aos chamados valores cristãos da sociedade. Como exemplo, Duarte e Santana (2018) lembram do “Escola sem Partido”, que se posiciona pela eliminação de discussões sobre gênero e orientação sexual das escolas brasileiras. Mencionamos também a famigerada “ideologia de gênero”, expressão cunhada por grupos ultraconservadores para promover descrédito das discussões críticas de gênero e sexualidade junto à sociedade, com a justificativa que essas promoveriam “a destruição da diferença sexual e, no limite, da família tradicional (heterossexual, cisgênera, nuclear), ao pressupor que o indivíduo pode escolher, arbitrariamente, seu gênero” (Mattos, 2018, p.577).

Obviamente, essas crenças não vêm de tempo recente. Já vimos configurações semelhantes desde outro importante marco brasileiro: o período ditatorial. Embora sujeitos LGBTQ+ não tenham sido os principais alvos de perseguição da ditadura militar no país, o governo autoritário da época, acirrado pelo pânico em torno de uma suposta e iminente revolução comunista por via cultural, entendia a dissidência sexual como alvo de controle, visto exporem explicitamente a transgressão a rigorosos códigos de moralidade social, baseados em um ideal de masculinidade e virilidade. Assim, amparados por uma ideologia cristã de família e moral, foram realizadas verdadeiras caças a homossexuais e travestis no Brasil, por meio de “rondões”, batidas policiais, ações de censura, processos judiciais mal-intencionados e arbitrários e mensagens midiáticas de incitação ao ódio e à violência⁴². Observamos, assim, na ditadura – embora, socialmente, seus fundamentos já estivessem socialmente atuantes em períodos anteriores da história brasileira –, uma visão segundo a qual a dissidência

⁴¹ Este é um vasto assunto que merece ser futuramente retomado em nossas pesquisas. Basta, no momento, lembrar de que as instituições religiosas tendem a aderir à crença de que a vontade de Deus se expressa nas esferas do ser inorgânico e orgânico, vale dizer, na criação, na natureza. Desse modo se constrói um imaginário de que tudo o que é estável e segue o que parece se impor por sua própria natureza deve ser preservado sem modificação. Se a reprodução se dá na penetração da mulher pelo homem, esse é o modo natural, aquele que Deus quer e tudo o que disso se afastar será pecaminoso. A esfera sócio humana, que se caracterizaria, de acordo com Lukács (1978/2013), pela inovação criada pela pessoa humana a partir de sua capacidade imaginativa, não coincide com a visão religiosa, que acredita que devemos nos deixar inspirar pela natureza, para usá-la como modelo a ser imitado.

⁴² Conforme recordam Vieira e Fraccaroli (2018), as experiências de dissidência são plurais e heterogêneas, uma vez que se relacionam com outros marcadores sociais, como idade, localização geográfica e condições sociais, econômicas e familiares.

sexual corresponderia à patologia e desordem social, tornando necessária a regulação do espaço público para o controle da população (Vieira & Fraccaroli, 2018).

Com o declínio do período ditatorial militar e com a redemocratização do país, modelos tradicionais, tais como os de raça e gênero, passaram a ser questionados, ao mesmo tempo em que surgiam novas tecnologias científicas e midiáticas e se retomava a atuação de movimentos sociais. Nesse contexto, surgem personagens icônicas no cenário brasileiro. Apenas para citar alguns exemplos, temos a travesti Rogéria, cujos espetáculos na década de 1970 possibilitaram que conquistasse sua sobrevivência, reconhecimento social e lugar de referência do corpo feminilizado pela biomedicina, ou Roberta Close, jovem transexual⁴³ carioca, cujo ensaio erótico para a revista *Playboy* data de 1984 e com sua “feminilidade quase perfeita”, próxima ao modelo ideal de “mulher de verdade”, despertava curiosidade e fascínio em torno de sua figura na época (Veras, 2018).

Interessante notar que a visibilidade público-midiática, obviamente favorecida por lutas no contexto macrossocial, contribuíram para o processo de reconhecimento de pessoas trans como sujeitos, assim como para desnudar o caráter performativo do gênero, antes mesmo de maior organização dessas pessoas em associações, movimentos e ONGs (Veras, 2018), sobretudo nos anos 90 e começo do século XXI, no Brasil (Jesus, 2018). A nosso ver, esse é um aspecto muito relevante.

Hoje, para além dos estudos científico-acadêmicos e discursos produzidos pelas militâncias, contamos também com uma variedade de materiais culturais sobre transgeneridade, como livros autobiográficos, por exemplo, “Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois”, de João Nery (2011), ou “Vida trans: a coragem de existir”, de Amara Moira *et al.* (2017), apenas para citar algumas ilustrações. Encontramos ainda uma série de manifestações pessoais em outros âmbitos, como nas redes sociais, dentre as quais se insere o YouTube, plataforma utilizada na presente pesquisa.

⁴³ Embora tenha se classificado publicamente como transexual, Roberta Close era referida por grande parte da imprensa como “travesti” (Veras, 2018). No entanto, em debates mais atuais, talvez isso se invertesse, uma vez que, historicamente, a travesti foi associada à menor passabilidade, à prostituição, à criminalidade e às situações de precariedade social (Carvalho & Carrara, 2013).

Transgeneridade na SciELO

Diante a variedade de materiais supracitada, tendo em vista nos inteirarmos acerca daquilo que vem recebendo a atenção dos pesquisadores das áreas psi, em nosso país, sobre a questão da transgeneridade, realizamos, então, em julho/2020, uma busca no SciELO.br, com a combinação dos termos trans⁴⁴ com psicologia, psicanálise e psiquiatria. Essa providência derivava da ideia de realizar uma revisão sistemático-crítica da literatura, segundo os moldes preconizados por Aiello-Vaisberg e Assis (2017) que, como veremos abaixo, foi substituída por outro procedimento, na mesma linha adotada diante do estudo da perversão, conforme apresentamos no capítulo anterior.

Deparamo-nos com um total de 41 resultados, dos quais 28 produções foram excluídas, de modo que examinamos 13 artigos empíricos, efetivamente dedicados à questão da transgeneridade, publicados entre 2012 e 2020, conforme o Quadro 6, a seguir. Dentre os trabalhos excluídos, estão 6 estudos teóricos, 2 revisões bibliográficas, 1 que versa sobre a problematização do uso de palavras-chaves para indexação de estudos sobre transgeneridade⁴⁵ e 19 que utilizam o prefixo trans na composição de palavras que se referem a outros assuntos, usando vocábulos tais como transcultural, transframe, transgeracional, transdisciplinar, transpessoal, transnacional, transferência e transtornos⁴⁶, dentre outras possibilidades.

Quadro 6. Número de artigos por ano de publicação.

Ano de publicação	Número de artigos
2012	1
2013	1
2016	1
2017	2
2019	5

⁴⁴ Utilizamos o termo trans como palavra-chave em nossa busca em vias de abarcar diferentes possibilidades, como transgênero, transgeneridade e transexualidade, por exemplo.

⁴⁵ Trata-se de uma questão indiscutivelmente importante, que será abordada direta ou indiretamente em todos os artigos da revisão, porém o trabalho em si, de Braz *et al.* (2019), incide sobre questões técnicas de concernentes à biblioteconomia, abordando um tipo de detalhamento que nos desviaria do nosso propósito, motivo pelo qual foi excluído do conjunto de produções que estamos examinando.

⁴⁶ Quando a palavra transtorno apareceu referindo a transgeneridade, o material evidentemente não foi descartado.

2020	3
------	---

Conforme é possível notar, não encontramos trabalhos anteriores ao ano de 2012 na busca realizada, apontando para o uso relativamente recente do termo na literatura. Aqui podemos falar um pouco sobre o fato de que parece que a questão se tornou problema de pesquisa em função da maior visibilidade que obteve, a partir dos movimentos sociais.

A distribuição das produções estudadas por área de conhecimento pode ser apreciada no Quadro 7:

Quadro 7. Artigos acessados no SciELO.br, a partir da combinação dos termos trans e psicologia, psiquiatria e psicanálise.

Área de conhecimento	Número de artigos
Psicologia	13
Psiquiatria	00
Psicanálise	00

É interessante destacar que encontramos aqui um predomínio de artigos que nos chegam por meio da conjugação dos descritores trans e psicologia⁴⁷. Considerando, como veremos a seguir, que encontramos em todos eles posicionamentos favoráveis ao respeito às pessoas trans, podemos cogitar que a motivação dos pesquisadores dessa área mantenha uma relação direta com o posicionamento ético-político do Conselho Federal de Psicologia – CFP (1999, 2018, 2020) em relação à transgeneridade, tal como ilustrado pelas resoluções 01/99, 01/18 e 08/20, ou pelo Documento de orientação CRP 06 nº 002/19 do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (2019). Apesar de caberem críticas quanto à formação dos psicólogos, no tocante à dissidência sexual – conforme Mizael, Gomes e Marola (2019), não há dúvidas de que a categoria profissional tem se posicionado de modo a preparar os psicólogos em termos éticos para lidar com pessoas trans, reconhecendo que a categoria já se equivocou no passado, quando contribuiu para a patologização

⁴⁷ Um dos artigos, o AT9, apareceu em duas buscas, em psicologia e em psicanálise, mas decidimos considerá-lo no conjunto das produções da psicologia pelas seguintes razões: a) para evitar abrir uma tabela com um único elemento; b) por considerarmos que foi produzido no contexto institucional de um curso de psicologia.

da transgeneridade, mas modificou seu posicionamento no sentido da despatologização e compromisso com a defesa dos direitos humanos. Portanto, tal tema foi objeto de reflexão e debate entre psicólogos e talvez explique nos encontrarmos melhor definidos para abordar a questão em pesquisas.

Quando combinamos trans e psicanálise, obtivemos, dentre os retornos, apenas um artigo empírico, AT9, de Ribeiro e Silveira (2020), o qual também resulta da busca por trans e psicologia. Vale destacar que essa produção, que adota o referencial lacaniano, contém uma visão da transfobia como condição derivada do fato da pessoa trans “funcionar como uma lente de aumento sobre o gozo não codificado pela linguagem, essa espécie de aberração que espreita todo ser falante, mas da qual nada queremos saber” (p.66). Há claro reconhecimento de que transfóbicos podem prejudicar de fato pessoas trans, mas notamos, ao mesmo tempo, o cultivo de um certo fatalismo, porque parece que o mundo “é o que é”, impossível de ser transformado, seguindo desenho comum nas pesquisas sob perversão.

Quando combinamos os termos trans e psiquiatria, só obtivemos o retorno de um único artigo teórico – cujo qual também foi excluído. Esse, entretanto, é um texto bastante importante, assinado por Bento e Pelúcio (2012), cientistas sociais que abordam a questão da despatologização da condição trans. Trata-se de um tema de grande interesse, que retomaremos abaixo, porque muitos estudos coincidem no reconhecimento de que consiste em assunto que merece reflexão cuidadosa.

Passaremos, agora, a examinar o panorama geral que obtivemos ao estudar os 13 artigos que compõem o conjunto que aqui nos propomos examinar. Antes, porém, cabe uma explicação relativa ao próximo quadro.

Quando nos voltamos para o estudo da literatura científica nacional, nos campos “psi”, relativa à transgeneridade, deparamo-nos com uma questão análoga àquela que enfrentamos ao consultar os trabalhos sobre perversão, vale dizer, percebemos, desde as primeiras leituras, que teríamos dificuldade em seguir as recomendações de Aiello-Vaisberg e Assis (2017) no sentido de combinar uma primeira etapa de análise da estrutura de cada artigo, segundo a lógica científica que se expressa em sua habitual organização, em termos de apresentação do problema de pesquisa, enunciação de objetivos, procedimentos investigativos, resultados e discussão, com uma segunda etapa de caráter crítico, que toma a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta como baliza. Tal dificuldade, aliás, significaria, a nosso ver, não a mera exigência de mais esforço e dedicação, e sim a previsão de

que produziríamos um quadro com muitas lacunas inevitáveis. Por esse motivo, preferimos nos guiar, no exame de cada produção, por meio da busca de resposta para uma questão mais global e abrangente, o que se revelou, a nosso ver, produtivo para uma primeira aproximação em relação a essa literatura. Então, fizemo-nos a mesma pergunta-guia que empregamos para estudar a literatura sobre perversão: Como a transgeneridade é abordada nos artigos que acessamos na base de dados utilizada?

A partir dessa pergunta, elaboramos um quadro matriz, que apresentamos abaixo:

Quadro 8. Quadro matriz dos artigos sobre transgeneridade.

Número	Autor/ano	Título	Tipo de Pesquisa	Como abordam a transgeneridade
AT1	Alexandre e Santos (2019)	Experiência conjugal de casal cis-trans: contribuições ao estudo da transconjugalidade	Estudo empírico qualitativo	Abordam-na pelo estudo da transconjugalidade combatendo discriminação e preconceito
AT2	Amorim, Vieira e Brancaleoni (2013)	Percepções acerca da condição de vida e vulnerabilidade à saúde de travestis	Estudo empírico interventivo	Abordam-na investigando intervenção psicológica de atendimento combatendo discriminação, e preconceito, defendendo autonomia
AT3	Angonese e Lago (2017)	Direitos e saúde reprodutiva para a população de travestis e transexuais: abjeção e esterilidade simbólica	Estudo etnográfico e documental	Abordam-na a partir de direitos em geral e de saúde reprodutiva em particular combatendo discriminação e preconceito, e defendendo autonomia
AT4	Barrientos (2016)	A situação social e legal de gays, lésbicas e pessoas trans e a discriminação contra essas	Estudo empírico documental	Abordam-na criticando discriminação, preconceito,

		populações na América Latina		
AT5	Carrara <i>et al.</i> (2019)	A construção do corpo e itinerários da saúde: um estudo entre travestis e pessoas trans no Rio de Janeiro	Estudo empírico positivista	Abordam-na pela demanda de cirurgia e tratamentos hormonais defendendo autonomia e direitos
AT6	Giongo, Menegotto e Petters (2012)	Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da psicologia	Estudo empírico qualitativo	Abordam-na via estudo de demandas em saúde mental defendendo melhor atendimento, combatendo preconceito e discriminação
AT7	Mizael, Gomes e Marola (2019)	Conhecimento de estudantes de psicologia sobre normas de atuação com indivíduos LGBTs	Estudo empírico qualitativo	Abordam-na pelo estudo de concepções de estudantes, defendendo despatologização e combatendo preconceito e discriminação
AT8	Oliveira e Romanini (2020)	(Re)escrevendo roteiros (in)visíveis: a trajetória de mulheres transgênero nas políticas públicas de saúde	Estudo empírico qualitativo	Abordam-na pelo estudo do acesso à saúde, defendendo sua melhoria combatendo preconceito, discriminação defendendo autonomia e despatologização
AT9	Ribeiro e Silveira (2020)	Transfobia e abjeção: diálogos possíveis entre a psicanálise e a teoria queer	Estudo clínico conceitual	Abordam-na pelo estudo da transfobia
AT10	Rocon <i>et al.</i> (2017)	(Trans)formações corporais: reflexões sobre saúde e beleza	Estudo empírico qualitativo	Abordam-na pelo estudo de demandas do processo transsexualizador, defendendo autonomia
AT11	Rocon <i>et al.</i> (2019)	Desafios enfrentados por pessoas trans para	Estudo empírico qualitativo	Abordam-na pelo estudo das dificuldades de acesso ao processo

		acessar o processo transsexualizador do SUS		transsexualizador, defendendo autonomia e combatendo a discriminação
AT12	Rocon <i>et al.</i> (2020b)	Vidas após cirurgia de redesignação sexual: sentidos produzidos para gênero e sexualidade	Estudo empírico qualitativo	Abordam-na ouvindo pessoas que realizaram cirurgia defendendo despatologização e combatendo discriminação e preconceito
AT13	Zucchi <i>et al.</i> (2019)	Bem estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no estão de São Paulo	Estudo empírico qualitativo	Abordam-na pelo estudo da condição emocional defendendo autonomia e combatendo a discriminação

No total dos 13 artigos, encontramos 6 tipos de estudos, cuja distribuição pode ser visualizada no Quadro 9, a seguir:

Quadro 9. Número de artigos por tipo de estudo.

Tipo de estudo	Número de artigos
Estudo empírico-documental	1
Estudo etnográfico e documental	1
Estudo empírico qualitativo	8
Estudo empírico interventivo	1
Estudo empírico positivista	1
Estudo clínico conceitual	1

Como se vê, deparamo-nos com uma ampla variedade de opções do ponto de vista metodológico. Entendemos que essa pluralidade indica o reconhecimento de que a transgeneridade se configura, nos dias atuais, como uma questão reconhecidamente importante nas áreas “psi”, capaz de motivar pesquisadores

provavelmente ligados a diferentes referenciais teórico-metodológicos. Essa diversidade metodológica se faz acompanhar também por um consenso aparente: todas as produções explicitam posicionamentos contrários à patologização, à discriminação e à tutela que, sob pretexto de cuidado, de fato, limita a autonomia das pessoas trans. Mostram-se, portanto, explicitamente concordes com os posicionamentos do Conselho Federal de Psicologia de defesa dos direitos das pessoas trans.

Além disso, todos os estudos acessados reconheceram e/ou obtiveram, como resultado, que ainda persiste, em nosso país, um cenário de intensas violências, exclusões e discriminações, especialmente com relação às pessoas trans, embora tenham ocorrido mudanças sociais importantes acerca da população LGBTQ+. Em conjunto, esses estudos apontam as seguintes dificuldades: empobrecimento e ruptura nas relações interpessoais, familiares e com a sociedade; sentimentos vivenciados de abandono e solidão; dificuldades de acesso à profissionalização formal, restando muitas vezes a prostituição enquanto única possibilidade de trabalho; exclusão dos sistemas educacionais; ausência de um plano de vida ou de perspectiva futura, tanto economicamente quanto afetivamente; dificuldade do uso de documentos civis básicos conforme a identidade de gênero; dificuldades de acesso a serviços de saúde, assim como à cultura, ao lazer e à segurança pública. Esse quadro seria responsável por intenso sofrimento socialmente determinado, marcando a existência dessas pessoas, afetando a sua saúde mental e o modo como concebem a si, suas relações e o mundo.

Por outro lado, no que diz respeito às mudanças, apontadas pelos estudos, é importante lembrar que a história é perpassada por movimentos sociais, como o feminista e o LGBTQ+, os quais tensionaram práticas e saberes sobre sexualidade, contribuindo para deslocá-la da vida íntima e privada para a esfera política, na esteira do debate significativamente fortalecido por Fraser (1990), questionando assim discursos binários e essencialistas sobre o tema (Neves, 2019). Como um dos reflexos desse percurso, pudemos nos deparar, nos estudos acessados, com constatações e/ou resultados acerca da diminuição paulatina da discriminação às pessoas LGBTQ+, maior visibilidade e reflexão sobre dissidência sexual e direitos dessa população, tais como nome social, união estável, matrimônio, parentalidade, criminalização da LGBTQ+fobia (Barrientos, 2016), direitos sexuais e reprodutivos (Angonese & Lago, 2017); e maior acesso à saúde, por exemplo pela população trans nos processos de

afirmação de gênero, acesso ao uso de hormônios e procedimentos cirúrgicos no sistema público de saúde brasileiro (Carrara *et al.*, 2019), ainda que com todas as suas contradições.

A questão da despatologização corresponde, a nosso ver, a algo nuclear, que perpassa todos os artigos, de modo mais ou menos manifesto. Patologizar, no caso, consiste em tratar a transgeneridade como doença mental e/ou como desvio sexual, no sentido de desqualificar a pessoa, colocando-a sob tutela dos saberes/fazeres “psi”, mesmo que não em um manicômio propriamente dito. Isso difere de reconhecer que se trata de um fenômeno da esfera do ser sócio humano, produzido pela norma vigente da cisheteronormatividade.

Ainda que muitos entendam ser conveniente aceitar que a transgeneridade seja considerada uma condição de saúde, tendo em vista usar tal definição estrategicamente na conquista de atendimentos na saúde pública, não se pode negar que a patologização tem pesados efeitos sobre a população trans, cuja autonomia decisória fica abalada na medida em que certas decisões só podem ser implementadas se medicamente autorizadas. Esse problema foi abordado por Butler (2009), que apontou o custo de uma estratégia que compromete algo tão importante como a autonomia pessoal. Esse paradoxo se expressa, no material bibliográfico, em um total de 9 produções (AT2, AT3, AT4, AT5, AT8, AT10, AT11, AT12, AT13) e certamente demonstra que coexiste, ao sistema de saúde, uma organização em função da doença.

Ao mencionarem o movimento internacional “Pare a Patologização!”, Bento e Pelúcio (2012) destacam que o objetivo perseguido requer que cinco importantes pontos sejam contemplados, a saber: a) a retirada da transgeneridade dos manuais diagnósticos de saúde; b) a retirada da menção do sexo em documentos oficiais; c) a abolição de tratamentos de normalização binária para pessoas intersexuais; d) o livre acesso aos tratamentos hormonais e cirúrgicos, sem tutela médica⁴⁸; e e) a luta contra a transfobia em todos os espaços sociais. As autoras também destacam que a patologização interfere na possibilidade de garantia de direitos humanos e sociais de fato, contribuindo para que a transgeneridade seja pensada como experiência

⁴⁸ Esclarecemos que sem tutela médica não equivale a não ser acompanhado por profissionais da área da saúde, uma vez que entendemos que o uso incorreto de hormônios, por exemplo, pode implicar em sérios problemas para o indivíduo. No entanto, defendemos, como as autoras, que tais procedimentos não fiquem restritos ao poder/saber biomédico.

catalogável, curável e passível de normalização. Ademais, favorece a qualificação de determinados saberes científicos como únicos capazes de responder de forma assertiva às demandas dessas pessoas, colocando-as sob sua tutela (Bento & Pelúcio, 2012).

Assim, na prática, parece que a patologização decorre, principalmente, das resoluções médicas, de práticas comuns no setor da saúde e de políticas públicas. Para ilustrar, citamos a resolução CFM 2265/19 (Conselho Federal de Medicina, 2019), que parece defender a autodeterminação de gênero, mas refere travestis como pessoas que aceitam a sua genitália, em clara oposição ao “transexual de verdade” (Bento & Pelúcio, 2012), enquadrando pessoas transgêneras em posições identitárias rígidas e biologizantes, quando não a apenas uma genitália. Além disso, defendem que os projetos terapêuticos sejam elaborados conjuntamente com a pessoa transgênera, mas, na prática, continuam deixando-as sob o poder final da área médica e afins – das quais, inclusive, participam alguns profissionais da própria psicologia (Pacheco, 2017). Sobre isso, Bento e Pelúcio (2012) apontam que:

Em última instância, são as normas de gênero que contribuirão para a formação de um parecer médico sobre os níveis de feminilidade e masculinidade presentes nos demandantes. Serão elas que estarão sendo citadas, em séries de efeitos discursivos que se vinculam às normas, quando, por exemplo, se julga ao final de um processo se uma pessoa é um(a) “transexual de verdade”. Não existem testes clinicamente apropriados e repetíveis ou testes simples e sem ambiguidades. O que assusta é perceber que tão pouco conhecimento, credenciado como científico, tenha gerado tanto poder (p.573).

Para nós, da psicologia psicanalítica concreta, são de suma importância posicionamentos como de Bento e Pelúcio (2012) em prol da despatologização das transgeneridades. Nos estudos acessados, essa posição está presente, como em Silva, Souza e Bezerra (2019), que justificam o respeito e consideração às pessoas trans como uma exigência humanista. Vemos tais considerações como um respeito à ontologia do ser social (Lukács, 1978/2013), uma vez que a diversidade sexual invoca essa esfera do ser, o que significa que a cisheteronormatividade é fenômeno social e historicamente condicional e não uma verdade supratemporal imutável. Reconhecer que a sexualidade humana ultrapassa a esfera orgânica do ser, significa admitir que

a própria evolução do ser humano, como indivíduo e como humanidade, propicia a possibilidade de criação de novas formas e estilos de vida, nas mais variadas áreas, incluindo, evidentemente, o gênero.

Capítulo 4. Estratégias e fundamentos metodológicos

Este trabalho, assim como as demais investigações científicas desenvolvidas em nosso grupo de pesquisa, caracteriza-se como um estudo qualitativo e empírico com o uso do método psicanalítico⁴⁹. A fim de cultivar rigor científico e clareza na transmissão das estratégias e fundamentos metodológicos por nós empregados, optamos por organizar este capítulo em três partes.

Na primeira seção, buscamos tecer considerações acerca do uso do método psicanalítico na pesquisa qualitativa. Na segunda seção, apresentamos os conceitos de “experiência vivida” e “campo de sentido afetivo-emocional”, por entendê-los necessários para o estudo do objetivo aqui proposto, vale dizer, compreender a experiência vivida por pessoas transgêneras na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. A terceira e última seção destinou-se à descrição dos procedimentos investigativos, ou seja, a operacionalização das estratégias metodológicas por nós empregadas. Seriam esses: procedimentos investigativos de produção, registro e interpretação do material de pesquisa. Além disso, definimos também o procedimento investigativo de interlocuções reflexivas, momento em que retomamos nossos resultados interpretativos à luz das contribuições de outros autores.

Considerações sobre o método psicanalítico na pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa caracteriza-se como estudo investigativo que visa a compreensão dos fenômenos e da experiência humana (Park, 2006), considerando também os contextos vinculares e macrossociais nos quais esses transcorrem. Há algumas décadas, a pesquisa qualitativa vem ganhando reconhecido espaço no meio acadêmico, como abordagem alternativa na produção de conhecimento científico, em um movimento crítico aos modelos positivista e neopositivista (Guba & Lincoln, 1994). Tal crítica tem como ponto de partida o reconhecimento de que é impossível produzir

⁴⁹ Nosso modo de pesquisar com o método psicanalítico na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta tem sido reconhecido por parceiros, como em Rosa *et al.* (2019).

conhecimento no campo das ciências humanas partindo de posicionamentos neutros, isentos e objetivos, já que sempre pesquisamos a partir de referenciais teórico-metodológicos, tais como a fenomenologia, o materialismo dialético, o estruturalismo ou a psicanálise, por exemplo. Tais referenciais, por seu turno, sempre se fundamentam em visões ontológicas, antropológicas, epistemológicas e ideológicas, tenhamos ou não consciência desse fato.

No campo em que nos movemos, vale dizer, na psicologia psicanalítica concreta, o referencial teórico foi definido por Pichon-Rivière (2005) sob sigla ECRO, que significa esquema conceitual referencial operativo:

O ECRO é instrumento de apreensão do setor da realidade que nos propomos estudar [...] Como modelo, o ECRO permite a compreensão de cada fato específico a partir de uma organização ou articulação de conceitos universais. O caráter referencial alude ao campo, ao seguimento da realidade sobre o qual se pensa e opera, assim como aos conhecimentos relacionados com esse campo ou fato concreto a que vamos nos referir na operação. Um elemento fundamental de nosso ECRO é o critério de operatividade. Em nosso esquema conceitual, a operatividade representa aquilo que, em outros esquemas, faz o critério tradicional de verdade (adequado do pensado ou enunciado ao objeto). Que significa isso? Se com nosso ECRO enfrentamos uma situação social concreta, não nos interessa tão-somente que a interpretação seja exata, mas fundamentalmente a adequação em termos de operação. Isto é, a possibilidade de promover uma modificação criativa ou adaptativa segundo um critério de adaptação *ativa* à realidade. Entre os elementos fundamentais incluídos no ECRO, indicamos o conceito de realimentação permanente entre teoria e prática (Pichon-Rivière, 2005, p.251).

Consistindo numa articulação entre a psicanálise e o materialismo dialético, a psicologia psicanalítica concreta parte da ontologia do ser social (Lukács, 1978/2013), reconhecendo a existência de três esferas do ser, a inorgânica, a orgânica e a social, regidas por diferentes tipos de legalidade. A partir dessa base, Bleger (1963/2007) reconhece que todas as ciências humanas compartilham o mesmo e único objeto de estudo, que são os atos dos seres humanos concretos, diferenciando as várias disciplinas a partir dos sentidos que abordam, sejam esses econômicos, culturais, religiosos, geopolíticos, históricos, afetivo-emocionais, entre outros. Cabendo à psicologia, como ciência singular, o estudo de sentidos afetivo-emocionais de atos de

personalidades individuais ou coletivas⁵⁰, a pesquisa requererá um método capaz de acessar a dimensão afetivo-emocional, o que faz do método psicanalítico uma das melhores escolhas tendo em vista a produção de conhecimento psicológico.

Assim sendo, como pesquisadores qualitativos do campo da psicologia, que adotam a psicologia psicanalítica concreta como referencial, temos utilizado o método psicanalítico em nossas investigações, já que é uma das vias possíveis de apreensão de sentidos afetivo-emocionais de fenômenos humanos⁵¹. Constituído pela observância de duas regras fundamentais, a atenção flutuante e livre associação de ideias (Laplanche & Pontalis, 1967), esse método foi inicialmente usado no atendimento de pacientes histéricas, mas, posteriormente, revelou sua ampla e profunda vocação investigativa sobre os sentidos afetivo-emocionais das condutas humanas, sejam verbais ou não verbais⁵².

A bem da clareza, acreditamos ser fundamental diferenciar o método psicanalítico, por nós empregado, das teorias psicanalíticas e do método terapêutico. Tomando por base as declarações de Freud (1923), Laplanche e Pontalis (1967) afirmam que a psicanálise corresponderia a três dimensões, discerníveis, mas interligadas entre si:

A) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode entender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.

B) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e o especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como

⁵⁰ De acordo com essa perspectiva, sempre que nos ocupamos de sentidos afetivo-emocionais, estejam esses referidos ao indivíduo singular ou a personalidades coletivas, de caráter transindividual, como o eleitor paulistano, o torcedor do Corinthians ou a brasileira com grau superior de instrução, estaremos estudando psicologia (Bleger, 1963/2007).

⁵¹ É conveniente esclarecer que entendemos que a psicanálise corresponde a um referencial teórico-metodológico que tem, no seu método, e não na adesão pouco crítica a teorias ou a modos, mais ou menos estereotipados de atuar clinicamente, o seu verdadeiro valor. Não consideramos a psicanálise como ciência porque, a nosso ver, o inconsciente, que é um constructo teórico, não pode ser tomado como objeto de estudo sem comprometer o processo de produção de conhecimento compreensivo e fenomenologicamente concreto.

⁵² De fato, os estudos freudianos cedo revelaram que toda e qualquer conduta humana pode ser psicanaliticamente compreendida, quer se expresse de modo simbólico, pela linguagem, quer se expresse como experiência corporal ou como atuação no mundo externo que pode inclusive gerar toda sorte de produtos, de artefatos a hábitos e instituições (Bleger, 1963/2007).

sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou análise).
 C) Um conjunto de teorias psicanalíticas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento (p.495).

Convergentemente, Herrmann (1979/2001) chama a atenção para o fato de que a psicanálise seria primariamente metodológica, sendo esse seu elemento invariante e definidor. Neste sentido, sendo ação metodológica, a interpretação psicanalítica corresponderia ao caminho pelo qual podem ser criadas teorias, pulsionais ou relacionais (Greenberg & Mitchell, 1983/1994). O primeiro, corresponde àquelas teorizações de caráter metapsicológico, abstratas, universalizantes e descoladas da realidade social. Já o segundo, ao qual aderimos, busca tecer formulações vinculares, dramáticas, experienciais, locais e maximamente ligadas ao ambiente humano e aos contextos macrossociais. Politzer (1928/2004) já apontara a existência desses dois paradigmas nas obras freudianas, elaborando uma crítica à metapsicologia, que Bleger (1963/2007) subscreve, a qual deve ser considerada como altamente relevante porque corrige, de modo eficaz, equívocos ontológicos que comprometem o potencial transformador da psicanálise⁵³.

Dito isso, inserimo-nos, como pesquisadores qualitativos, entre aqueles que concebem a psicanálise enquanto método investigativo dos fenômenos concretos, a partir dos quais são criados/encontrados sentidos afetivo-emocionais, considerados em seus contextos sociais, históricos e culturais. Reconhecemos a potencialidade heurística desse método na produção de conhecimento científico sobre os fenômenos humanos, visto favorecer a comunicação e a expressão de manifestações subjetivas do ser humano e não se descuidar das condições de vida que estão na raiz dos sofrimentos sociais.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo investigar a experiência vivida de pessoas transgêneras na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, tomando a transgeneridade como recurso metodológico, entendendo-a como caso típico ou emblemático acerca do impacto subjetivo das normas de gênero em nossa sociedade,

⁵³ Referimo-nos aqui ao fato da metapsicologia considerar fenômenos da esfera ontológica sócio humana segundo a legalidade da esfera biológica, o que gera argumentos e permite manobras de fortalecimento de posições conservadoras. No âmbito das questões que aqui nos interessam, a sexualidade e o erotismo deixam de ser vistos como parte da dramática do viver, no sentido propriamente existencial, para serem reduzidos à questão biológica da reprodução sexuada, que será adotada como padrão de normalidade.

próximo do sentido que esses termos assumem em Celso Frederico (1979). O referido autor, ao estudar a questão da consciência de classe de operários de uma indústria automobilística, optou pela pesquisa em situação que parecia funcionar como “lente de aumento” dos traços do capitalismo industrial brasileiro, na maior e mais moderna fábrica da área. Ou seja, não escolheu uma fábrica representativa do setor por ser parecida com muitas outras, mas sim porque nela vários aspectos estariam melhor definidos do que na maioria das outras. De modo semelhante, podemos dizer que optamos por estudar a transgeneridade, pois, usando uma analogia, essa se apresenta como uma espécie de caricatura na qual certos aspectos se acentuam tornando-se maximamente visíveis.

Sendo assim, pode ficar claro que não estamos estudando a transgeneridade tendo em vista aumentar conhecimentos psicológicos específicos sobre tal condição, embora possam surgir como um subproduto interessante do presente trabalho. Estamos usando metodologicamente a questão da transgeneridade porque nela ficam maximamente explícitos e bem definidos certos efeitos das normas de gênero, sobre as subjetividades, que provocam sofrimentos sociais severos. Para isso, abordamos manifestações de pessoas transgêneras, buscando receber, de modo sensível, empático e interessado, tudo que emergir desse encontro inter-humano, assumindo, como já habitual em nossa prática profissional, uma postura ética e radicalmente humanista diante dessas vivências.

Conceitos de experiência vivida e de campo de sentido afetivo-emocional

Antes de descrevermos os conceitos de experiência vivida e campo de sentido afetivo-emocional, cremos ser importante retornarmos ao nosso ponto de partida, ou seja, na adoção de uma perspectiva concreta tal como elaborada por Politzer (1928/2004) e detalhada por Bleger (1963/2007). Como vimos, de acordo com esse segundo autor, todas as ciências humanas compartilham do mesmo objeto de estudo, isto é, os seres humanos reais e concretos. Esse pode ser compreendido a partir de diferentes perspectivas, tal como a econômica, a histórica e a geográfica, apenas para citar alguns exemplos. A perspectiva psicológica é aquela que focaliza os sentidos afetivo-emocionais das condutas humanas, ou seja, o que Politzer (1928/2004) denomina dramática do viver (Bleger, 1963/2007; Aiello-Fernandes, 2013).

Corresponde, portanto, a uma psicologia da primeira pessoa (Politzer, 1928/2004), que busca produzir conhecimentos compreensivos sobre a experiência vivida.

Tendo em vista nossa aproximação com a fenomenologia, já que o método psicanalítico exige o cultivo de uma atitude fenomenológica, acreditamos ser pertinente primeiro retomarmos o conceito de experiência para aquela abordagem. Guiando-se por indícios etimológicos, Amatuzzi (2007) concluiu que o termo "experiência" tem um significado que se desdobra em duas possíveis direções: "um conhecimento adquirido com a prática e a vivência emocional que é subjacente a esse conhecimento acumulado" (p.8). O termo "vivência", por sua vez, refere-se a "sentir o impacto de um encontro" (Amatuzzi, 2007, p.10), anterior a qualquer elaboração mental que possa ser realizada posteriormente⁵⁴. Segundo o autor, um conhecimento que se propõe experiencial só seria possível quando produzido diretamente pelo contato com o real.

Dentro dessa maneira de conceituar, o autor nos leva a refletir, enquanto psicólogos voltados à clínica e à pesquisa qualitativa, sobre um modo de escuta e atenção psicológica que coincide, basicamente, com o que é valorizado pela psicanálise intersubjetiva, que praticamos quando abandonamos criticamente as formulações metapsicológicas. Em suas palavras:

Uma coisa é focar os comportamentos tentando estabelecer uma rede de causas e efeitos. Outra coisa é focar o mundo vivido pela pessoa (no contexto da intercomunicação). Na primeira alternativa o psicólogo entra como técnico ou perito. Na segunda ele entra como um companheiro de buscas que antes de mais nada precisa compreender como as coisas se apresentam para a pessoa (...) Em termos genéricos, temos, de um lado, uma relação sujeito-objeto, e, de outro, uma relação sujeito-sujeito. Na segunda relação o sujeito se redefine totalmente, pois agora ele não está diante de um objeto manipulável, mas diante de outro sujeito que pode

⁵⁴ À guisa de esclarecimento, lembramos que ocorre reflexão quando os sentidos afetivo-emocionais podem surgir no campo da consciência da pessoa. Quando o acontecer do encontro inter-humano se traduz como impacto afetivo-emocional, sem ocorrência de reflexão, Amatuzzi (2007) prefere usar o conceito de vivência, reservando a noção de experiência para designar algo que nasce a partir do contato vivencial com a realidade que, alcançando o campo da consciência, pode se tornar experiência vivida. No campo da psicologia psicanalítica concreta, usamos esses conceitos de modo um pouco diferente, considerando que o vivido, sempre maior do que o pensado, corresponde à experiência vivida, enquanto aquilo que se passa no campo da consciência seria experiência vivida e pensada. Na linguagem psicanalítica, não precisamos estar conscientes de uma situação para vivê-la intensamente – antes o contrário.

ampliar seus horizontes no contexto da intercomunicação. (Amatuzzi, 2007, p.13).

Para a psicologia psicanalítica concreta, o conceito de experiência vivida também é fundamental, uma vez que envolve compreender os sentidos afetivo-emocionais dos atos humanos, de indivíduos e coletivos. Esse anseio converge com o pensamento de Amatuzzi (2007, p.8), quando o autor expõe que "há, sem dúvida, um trabalho grande e às vezes árduo a se fazer no mundo das ideias. Mas ele não substitui a experiência, a vivência direta; integra-se com ela, isso sim". Nesse sentido, nossas preocupações constelam-se em torno de compreender a realidade tal como ela é apreendida pelas pessoas, não como um fato objetivo, mensurável e passível de ser submetido à lógica causal, como é comum em algumas ciências, inclusive em vertentes da própria psicologia – o que traz, como pano de fundo, uma visão positivista de ciência e de mundo real, conforme lembra Amatuzzi (2007, 2009).

Correspondendo a uma visão relacional e intersubjetiva do inconsciente, o conceito de campo de sentido afetivo-emocional, pensado pela psicologia psicanalítica concreta, substitui definitivamente o inconsciente recalcado, pulsional e intrapsíquico das teorizações metapsicológicas. Sendo assim, a visão blegeriana considera que as condutas humanas não são meras exteriorizações do psiquismo individual, mas manifestações que emergem a partir de campos eminentemente vinculares e inseridos em contextos sociais, históricos e culturais.

Salientamos, aqui, um pressuposto essencial na psicologia psicanalítica concreta, fio condutor a partir do qual se operacionaliza o método psicanalítico, apresentado na próxima seção deste capítulo, de que não existe manifestação humana desprovida de sentido. Em outras palavras, toda e qualquer manifestação humana, por mais absurda, bizarra ou cruel que pareça, é considerada como portadora de sentido, pois se relaciona à dramática do viver, ao acontecer humano (Poltzer, 1928/2004; Aiello-Vaisberg, 1999a). Nesse sentido, tal pressuposto apresenta uma clara convergência com posturas fenomenológicas e humanistas, tais como as assumidas por Amatuzzi (2009) quando afirma que:

As pesquisas que estão a serviço desta forma humanista de atendimento são principalmente qualitativas, descritivas de vivências subjetivas, buscando explicitar seus significados potenciais em relação a algum contexto e habilitando o profissional com uma visão mais ampla do ser humano, pois é

isso que o torna mais apto a oferecer aquela relação libertadora. Quanto à pesquisa básica, ela tende a fornecer uma base mais segura para um conhecimento do ser humano, conhecimento este que não é concebido como acúmulo de informações quantitativas, mas como compreensão cada vez mais abrangente dos significados envolvidos e dos contextos (p.98).

Enfim, em nosso entendimento, faz-se necessária a consideração da dramática, ou seja, da experiência vivida por indivíduos e grupos, quando queremos contribuir para transformações consistentes dos campos relacionais e da realidade social segundo linhas que valorizam posicionamentos ético-políticos solidários e respeitosos.

Procedimentos investigativos

Visando cumprir os procedimentos de pesquisa, alinhados com a proposta de Ambrosio, Aiello-Fernandes e Aiello-Vaisberg (2013), as indicações metodológicas de Bleger (1963/2007) e as contribuições de Herrmann (1979/2001), operacionalizamos nossa estratégia metodológica em termos de procedimentos investigativos de produção, registro e interpretação do material. O processo da investigação termina por meio do estabelecimento de interlocuções reflexivas com outros autores acerca dos resultados interpretativos criados/encontrados, que são os campos de sentido afetivo-emocional.

Para cumprirmos o procedimento investigativo de produção do material, observamos os seguintes critérios de seleção dos vídeos: a) estarem disponíveis na plataforma YouTube; b) resultarem da busca que combina os termos trans e dificuldades⁵⁵, sem uso de aspas; c) conterem relatos pessoais de pessoas autodeclaradas como transgêneras; d) serem recentes, no sentido de que incluídos na plataforma a partir de 2015, ou seja, nos quatro últimos anos; e) atenderem ao chamado critério de relevância da própria plataforma, ou seja, selecionamos itens que foram organizados de modo decrescente, por algoritmos que consideram o número de visualizações, curtidas, comentários, inscritos do canal, palavras utilizadas na

⁵⁵ A nosso ver, “dificuldades” é um termo mais amplamente utilizado na sociedade, quando comparado a “sofrimento”, nos aproximando do nosso objetivo de investigar a experiência vivida por pessoas transgêneras e de uma clínica dos sofrimentos sociais.

busca, dentre outros fatores (Briggs, 2018); f) apresentaram progressivos sinais de saturação (Fontanella, Ricas & Turato, 2008), indicando um número suficientemente expressivo de vídeos sobre o fenômeno pesquisado, aceitável para uma pesquisa qualitativa⁵⁶. Ademais, optamos pela utilização do YouTube por ser uma plataforma em que as pessoas podem, espontaneamente, publicar suas produções e conteúdo, de forma gratuita e com amplo acesso de usuários. Além disso, trata-se de um material *online* público, os quais já vêm sendo utilizados em nosso grupo de pesquisa com resultados profícuos.

O procedimento investigativo de registro do material se deu por meio do *download* e transcrição dos respectivos vídeos. Tais providências são indispensáveis, uma vez que os vídeos dessa plataforma podem tornar-se indisponíveis a qualquer momento e sem aviso prévio.

Realizamos coletivamente o procedimento investigativo de interpretação do material, em reuniões do subgrupo de pesquisa. Vale frisar que esse aconteceu em dois momentos. No primeiro deles, buscamos nos ater, inspirados na análise temática de Braun e Clarke (2006, 2013), às manifestações assumidas pelos internautas, valorizando o que mantém, sobre o tema pesquisado, no campo da consciência (Bleger, 1963/2007). Assim, aproximamo-nos das dificuldades conscientemente percebidas pelos autores dos vídeos, considerando eticamente relevante não descurar desse aspecto. No segundo momento, sabendo que campos de sentidos afetivo-emocional podem manter-se predominantemente não-conscientes, buscamos criá-los/encontrá-los, em estado de atenção flutuante e livre associação de ideias (Laplanche & Pontalis, 1967). Nessa etapa, deixamo-nos guiar pelas palavras de ordem de Herrmann (1979/2001, p.40): “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido afetivo-emocional emergente”. Desse modo, suspendemos conhecimentos prévios, segundo o cultivo de uma atitude fenomenológica, para nos colocar de modo aberto diante da possibilidade de sermos

⁵⁶ Considerando trabalhos como os de Schulte, Gallo-Belluzzo e Aiello-Vaisberg (2016), Ferreira-Teixeira e Aiello-Vaisberg (2017), Tostes *et al.* (2018), Winkler (2019) e Silva *et al.* (no prelo), vale lembrar que, quando trabalhamos com manifestações de internautas, não sabemos, a princípio, a quantidade de material que encontraremos. Porém, sempre tentamos determinar um número de manifestações que possam permitir um estudo psicanalítico compatível com os prazos institucionalmente estabelecidos. Nessa medida, buscamos determinar um número de manifestações, no presente caso, de vídeos, que seja rico e variado, mas já tendente a se repetir, na linha do fenômeno da saturação (Fontanella, Ricas & Turato, 2008).

impactados afetivamente pelo material, com vistas a chegar à sua compreensão interpretativa.

Ao proceder dessa maneira, realizando o tratamento do material em dois momentos, esperamos colocar o leitor a par dos aspectos correspondentes aos problemas e dificuldades percebidos e relatados nos vídeos, o que pode ser considerado como uma valorização de sua experiência consciente, bem como alcançar planos motivacionais que podem não se apresentar à consciência dos internautas, mesmo exercendo fortes impactos subjetivos. Sabemos que a busca da motivação não consciente não significa deixar de reconhecer o que os autores dos vídeos percebem conscientemente. Entretanto, não queremos descurar da advertência de um dos mais importantes autores da área dos estudos de sofrimentos sociais, Renault (2010), que insiste na lembrança de que opressões sociais podem passar despercebidas, tanto porque a vítima pode usar a negação como defesa, como pelo fato de certas violências, por apresentarem caráter socialmente estrutural, circularem como expressão do que estaria de acordo com a natureza. Assim, ao associar a análise temática (Braun & Clarke, 2006, 2013) com a interpretação psicanalítica, tal como praticada por Herrmann (1979/2001), provavelmente chegaremos a um quadro mais compreensivo acerca da experiência vivida que estudamos na presente pesquisa.

Após finalizarmos a realização dos procedimentos investigativos, passamos às interlocações reflexivas. Nesse momento, que é usualmente denominado como discussão, consideramos os campos de sentido afetivo-emocional criados/encontrados, concebendo-os como resultados interpretativos na pesquisa qualitativa com método psicanalítico. Para tanto, suspendemos o cultivo da atenção flutuante e da associação de ideias para dar início a uma empreitada intelectual que, apesar de pretender obter um conhecimento local, não deixa de se configurar como momento de teorização. A partir desse ponto, os esforços convergem no sentido de uma retomada das interpretações do material – os campos de sentidos afetivo-emocional – à luz da contribuição de outros autores, psicanalistas ou não, que tenham pensado sobre as questões neles expressas (Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013). O caráter dialógico e reflexivo dessa etapa visa produzir conhecimento compreensivo que possibilite tanto pensar sobre questões humanas contemporâneas, como subsidiar práticas psicoprofiláticas e psicoterapêuticas.

Visando atender aos procedimentos investigativos de produção e registro do material de pesquisa, aqui explicitados, disponibilizamos, no capítulo a seguir, a transcrição dos 13 vídeos utilizados neste trabalho.

Capítulo 5. Transcrição dos vídeos estudados

Em nossa busca inicial realizada na plataforma do YouTube, em abril/2019, realizada segundo os critérios explicitados no capítulo anterior, obtivemos um número elevado de resultados, superior a 50 vídeos, quantidade inadequada para o tratamento qualitativo minucioso que o método psicanalítico requer, no prazo de trabalho institucionalmente estabelecido. Entretanto, como havíamos previsto o uso do critério de saturação, pudemos, diante das características dos vídeos, determinar um número total de 13 vídeos como suficiente. Esse número foi escolhido dentre os vídeos filtrados pelo critério de relevância da própria plataforma do YouTube (Briggs, 2018), que se baliza por meio da quantidade de visualizações, curtidas, comentários, inscritos do canal, palavras utilizadas na busca, dentre outros fatores. Dito isso, apresentamos, a seguir, os vídeos selecionados (Quadro 10).

Quadro 10. Vídeos que compõem o material de pesquisa.

#	Título dos Vídeos*	Data de Upload
1	[ALUNOS TRANS] Se sentindo isolado por ser trans, Theo não conseguiu voltar à escola	30-jul-18
2	AS DIFICULDADES DE SER UM HOMEM TRANS (início da transição)	27-jan-17
3	TRANS: OS DESAFIOS DE SERMOS QUEM SOMOS (Transgêneros)	9-mar-18
4	Homem trans dificuldades	16-mar-18
5	Reportagem sobre a dificuldade de inserção de mulheres trans no mercado de trabalho	10-jul-17
6	É FÁCIL TRABALHAR SENDO HOMEM TRANS? - Pergunte Às Bee 148	23-jan-17
7	SKARLETT OHARA FALA SOBRE DIFICULDADE DE CONSEGUIR EMPREGO EM RUY BARBOSA POR SER TRANS	11-jan-18
8	Dificuldades da vida de uma pessoa travesti transexual no mercado laborativo.	3-mai-18

9	Transexuais falam sobre a dificuldade da cirurgia no sistema público de saúde	9-set-15
10	Fred Soter é homem Trans e fala sobre as dificuldades no acesso à saúde	12-abr-16
11	Profissão Repórter (22-06-2016) - Jovens homossexuais e transexuais falam sobre suas dificuldades	4-jan-18
12	RELACIONAMENTO COM TRANSEXUAL - TRAVESTI SABRINA VELMONT	7-abr-18
13	Dificuldades de um homem trans Por Tia Claudia	3-jun-16

* Organizado por ordem de aparecimento na Plataforma YouTube

Dito isso, este capítulo tem como finalidade apresentar a transcrição dos vídeos estudados, conforme a ordem de aparecimento na própria plataforma do YouTube⁵⁷. Vale frisar que o material audiovisual foi transcrito tal como aparece nos vídeos, isto é, mantendo-se o conteúdo falado. Não introduzimos alterações para adequar o material às normas cultas do português, porque tal prática não encontra sustentação em referenciais psicanalíticos que pregam, antes o contrário, tendo em vista a possibilidade de ocorrência de atos falhos. Para melhor organização do trabalho, cada vídeo será apresentado em suas respectivas seções, cujos subtítulos correspondem ao título do vídeo que representam.

Vídeo 1. [ALUNOS TRANS] Se sentindo isolado por ser trans, Theo não conseguiu voltar à escola

Eu tinha cabelo mais comprido e aí eu cortei ele bem “Joãozinho”, bem, né... e aí eu entrei assim na diretoria, tava passando pela diretoria, e aí ela falou que não ia olhar na minha cara até meu cabelo crescer, porque cabelo de menina é cabelo comprido. Toda vez que eu pisava na escola, eu tinha uma crise de pânico, eu passava mal e assim, a escola tratava isso como frescura e tinha gente na sala rindo

⁵⁷ Reconhecemos a importância de aspectos como raça, classe social, idade, dentre outros marcadores, na compreensão dos fenômenos humanos. No entanto, em função do desenho de pesquisa, não se faz possível sistematizar essas informações, uma vez que os vídeos, muitas vezes, não traziam tais elementos.

de mim, falando que eu tava querendo chamar a atenção – “não, só quer ir embora, sabe?! Tá fazendo isso só para ir embora”.

Mãe do Theo: Sofre bullying mesmo, sofre discriminação, não se conversa sobre isso – é como se a escola dissesse assim “não podemos falar sobre isso, porque aqui não tem bullying”, entendeu, até a hora que eu decidi... ele tava em depressão já, em casa sempre no sofá quietinho, eu mesma apesar de médica demorei para entender o que tava acontecendo e aí eu resolvi tirar da escola. Bullying vem das crianças e vem dos professores. A criança nem percebe que ela tá sendo deixada de lado. Ela acha que é escolha dela não ficar com os outros.

Theo: Se você é diferente, as pessoas não vão te ajudar, elas só vão te dificultar. É que eu acho que a escola particular também protege muito os alunos, sabe?! Na escola pública eu não passei por praticamente nada assim, a única vez que me desrespeitaram, o professor brigou com o aluno – e nas escolas particulares que eu estudei, nenhuma dessas aconteceu.

Tia do Theo: A escola em geral, a escola pública, a escola privada, as pessoas em geral – e a escola é reflexo das pessoas – não está preparada para lidar com qualquer tipo de diversidade.

Mãe do Theo: Se a escola fosse formada e os professores e todo mundo fosse treinado para lidar com tudo isso, meus filhos não teriam sofrido o que sofreram. Não há dúvida de que o que a criança vive na escola interfere na vida dela, na forma como ela vai formar a personalidade dela, na pessoa que ela vai ser. Criança, eu acho que é sem gênero, quem dá o gênero são os pais e se você deixa a criança à vontade para ela ser quem ela quer, não tem, assim, era assim ou assado, era uma criança, era uma criança que brincava feliz, que ia muito bem na escola, até um determinado ponto...

Theo: repeti o primeiro ano desse ano que eu fiquei mal e aí eu tentei fazer à noite também depois outro ano...

Mãe do Theo: entrou novamente em depressão, entrou em síndrome do pânico, começou atendimento, teve que tomar remédio e não conseguia mais ir para a escola.

Theo: eu não era, tipo, nem menino nem menina na minha cabeça. E aí quando eu, tipo, eu ficava olhando assim os meninos evoluindo e eu queria evoluir que nem eles, eu não queria evoluir que nem as meninas. E você tá mostrando uma coisa que você escondeu por muito tempo pros outros. É quem eu sou agora, sabe, antes era

uma máscara, parecia que eu estava o tempo inteiro de fantasia e aí tirar essa fantasia na frente de todo mundo é tipo ficar pelado na frente de alguém.

Theo: antes de eu começar a minha hormonização e tudo mais, é desconfortável para mim entrar no banheiro feminino, mas também é desconfortável para mim entrar no banheiro masculino, ainda mais se ninguém que tá dentro daqueles banheiros tem um preparo para me receber lá dentro, sabe. Parecia que alguma coisa tava faltando assim, tanto no ambiente escolar tanto em mim, né. Tanto que depois eu descobri que (sorriso)...

Mãe do Theo: também surgiu uma novela naquele momento que começou a falar sobre isso e já se começa a ouvir mais falar disso, a estudar mais...

Theo: na vida tem pessoas trans, tem pessoas gays, tem pessoas de tudo que é tipo e as pessoas tem que aceitar, não é por que você não aceita alguém que você pode destratar alguém e as pessoas não aprendem isso... Eu penso em me formar, tanto que eu tô correndo atrás disso, mas voltar para estudar para a escola não.

Vídeo 2. AS DIFICULDADES DE SER UM HOMEM TRANS (início da transição)

Então, no vídeo de hoje eu vou falar sobre as dificuldades de ser um homem trans. Então, por exemplo, a gente nasce numa sociedade transfóbica e aquela transfobia, ela é inserida na gente e a gente acaba se tornando também transfóbicos, porque a gente não sabe que é a gente também é trans, a gente só vê que não nos encaixamos em nada, em nenhum padrão, e talvez até uma criança nascida com o sexo feminino pense “eu sou um homem, eu queria ser um homem”, mas ela não consegue ainda dar um termo para ela, porque não é fácil dar esse termo. Como é que uma pessoa tão pequena vai conseguir pensar tanto, ter tempo, tanto autoconhecimento sobre si, para já se definir como trans. Então tu nasce na sociedade transfóbica que já te passa uma transfobia. Só que tu é daquele jeito, então tu... Aquilo acaba te... tu acaba te reprimindo mais e mais, além de todo mundo já te falar não pode fazer isso porque tu não é um homem, além daquilo tem tu mesmo se dizendo “aí, eu não posso fazer isso. Queria muito fazer isso, mas eu não posso fazer isso porque eu não tenho um genital”. Além de se reprimir de fazer certas coisas, também tem o repúdio pela imagem e desconforto intenso. Então imaginem só, tu é trans, ou seja, tu tá num “corpo errado” e tu tem que olhar todos os dias para o espelho e ver

uma imagem que não é tua. Não só tu vê uma imagem que não é tua, mas todo mundo também vê aquela imagem. Tu queria se mostrar para o mundo e não tem como porque ninguém te vê de verdade. Então tem esse primeiro ponto.

O segundo seria o desconforto intenso com partes do corpo que tu não pode se livrar, não tem um jeito de se livrar, tem como amenizar de alguma certa forma, mas não tem como se livrar. Então se tu tem um desconforto com o peito, tu tá preso aquilo e aquilo, pelo menos no meu caso, trazia uma sensação de sufoco enorme, tipo, e me batia um desespero e uma tristeza enorme. Seria a disforia.

Uma das maneiras que, para mim, existiu de me “livrar” (sinaliza-se aspas com a mão) seria se me isolando de todo mundo. Ao me isolar, eu não tinha que ficar ouvindo muito que eu era, para a sociedade, uma mulher. Então minha vida toda, por ter sido criado nessa sociedade transfóbica, uma luta entre eu me aceitar, porque é difícil tu se aceitar, imagina toda uma sociedade falando que isso aqui é doença, isso aqui errado, isso aqui não existe e tu é aquilo. Então, é uma luta mental muito grande, assim, que tu fica e porque tu acaba internalizando que ser trans, por exemplo, uma das coisas que eu acabei internalizando, sei lá, que ser trans é feio e que é errado e que as pessoas acham esquisito e esse tipo de coisa, eu acabei internalizando e até que, por sorte, eu consegui resolver isso na minha cabeça. E daí, nesse momento em que eu aceitei, “não, eu sou trans”, é que desceu um alívio muito grande de toda aquela pressão que eu me colocava. Então finalmente eu consegui cortar o meu cabelo e aí eu consegui comprar roupas masculinas, que alívio enorme – mas também, ao mesmo tempo que eu consegui cortar o cabelo, me aceitar como trans, mesmo assim, na rua, ainda voltava todos aqueles pensamentos antigos que eu tinha de que, “ah, ser assim é ser feio”, né, e de que “uma mulher masculina é feio”, ainda vinha na minha cabeça essa exata frase, que é totalmente distorcida, ela não é verdade. Eu não tenho que pensar nisso, não tem se importar com os outros, todo mundo é muito diferente de todo mundo, cada um tem o seu estilo e ninguém deve julgar ninguém. Quem julga é a pessoa errada, é a pessoa feia e esquisita.

Então eu fiz isso, aí eu mudei meu nome no Facebook e aí começou perguntas, as pessoas começaram a me perguntar muito sobre, né, tipo, “o que está acontecendo?”, né, tipo mudei meu nome para Pedro e do nada, para eles do nada, e ter que ficar ouvindo perguntas, “então eu tenho que te tratar no masculino?”, tipo umas coisas óbvias e que eu sei que é por falta de informação que eles começam a perguntar isso, mas incomoda bastante. E o pior problema são os pais não

entendendo e até hoje, que eu tô por exemplo em quase quatro meses (de testosterona), até hoje me tratam no feminino e com o nome antigo. Mas eu acho que essa parte, por exemplo dos amigos e a de ter mudado a roupa e o cabelo e dos pais, é só o começo da transição. Então, eu tô dizendo dessas dificuldades no início, né, eu espero que isso depois não aconteça, porque eu acho que depois que meus pais me verem com uma barba enorme e uma voz realmente masculina e (?)⁵⁸ totalmente masculina, eles não vão conseguir me chamar mais do nome antigo. Meus amigos já estão, por exemplo, já passaram isso, já está acostumado e ninguém faz perguntas estranhas mais. Mas ainda esses dias eu saí, eu fui em uma balada, e tava conversando com algumas pessoas novas e ainda tem umas perguntas muito, tipo, sobre o quê tem nas minhas calças – tipo, não faça esse tipo de pergunta, tipo, não... Mas é bem difícil que ninguém educado, tive que explicar. Tu tem que educar todo mundo que tu fala, então é um pouco difícil no começo, acho... Mas eu acredito que vai passando e também tu vai se acostumando e tu tem que pôr na tua cabeça que isso é pouco ensinado e quanto mais contato tu tem com outras pessoas, mais tu tá ajudando a comunidade a crescer nisso, ajudando as pessoas a ver que a gente existe, que a gente é normal (risos) e que eles devem respeitar. Mas até agora eu não sofri nenhum tipo de bullying nem nada do tipo, é mais as pessoas não serem informadas sobre isso e acabar às vezes me tratando às vezes no feminino.

Esse foi o vídeo de hoje, foi mais um desabafo e contando como que vai ser para quem está começando a transicionar. Se vocês gostaram dê um like, se inscrevam no canal para mais vídeos.

Vídeo 3. TRANS: OS DESAFIOS DE SERMOS QUEM SOMOS (Transgêneros)

O vídeo inicia-se com manchetes: “transexual denuncia agressão ao tentar usar banheiro masculino em bar de São Carlos”, “transexual é agredida por usar banheiro feminino em supermercado”, “estudante transexual é agredida e tem a perna quebrada durante Virada Cultural em interior de SP”, “violência: crime bárbaro”, “travesti espancada por grupo, jogada da passarela, ficou internada e morreu”, “travesti agredida morre, e caso vai para a DHPP”, “estudante transexual diz que foi

⁵⁸ Símbolo empregado para designar termos ou expressões inaudíveis/incompreensíveis no material de pesquisa.

agredida em calourada da UFG”, “crime de ódio contra Dandara: morte brutal de travesti causa comoção e revolta”.

Em seguida, aparece escrito: “179 assassinatos de travestis e transexuais em 2017. Um a cada 48 horas. Fonte: ANTRA”. Exibe-se o título do vídeo e o mesmo prossegue com a auto apresentação das/os participantes:

Eu sou Alana, tenho 24 anos e sou formada em Secretariado.

Eu me chamo Teyte Eduardo dos Santos, eu tenho 21 anos e eu não sou formado em nada ainda, eu só sou estudante.

Daniela Nunes de Souza, 26 anos, brasiliense.

(Aparece uma moça ao fundo se maquiando e escrito Melissa Massayury, 29 anos).

Exibe-se outra outra manchete: “uma pessoa trans pode ter que percorrer um longo e exasperante caminho até entender sua identidade de gênero, como relata a programadora Christina Hitchens”.

Alana: a minha infância foi rosa, né, que eu sempre gostei de coisas femininas, eu usava as roupas da minha mãe, às vezes que eu inventava brincando de pai e mãe com minha irmã – eu era sempre a minha mãe.

Teyte: sempre me percebi diferente. Quando eu era criança eu lembro que eu sempre brincava como menina, sempre queria as coisas de menina, não aceitava que minha mãe me desse coisas de menina, eu já cheguei a enterrar uma saia que ela me deu que eu não usava, porque eu não gostava de jeito nenhum, mas eu acabava usando porque nem eu entendia o que acontecia comigo, eu não sabia o que era isso, meus pais não tinham a menor ideia.

Daniela: eu me compreendi quanto mulher desde muito cedo, em torno dos 6 anos de idade, até então me identificava apenas mulher. Não existia a questão trans, eu me via como uma menina, mas eu sabia que existia um tratamento diferente com relação a mim. Então, para mim, era só apenas uma mulher. Aí depois que eu fui entendendo melhor o mundo, que eu descobri que eu sou uma mulher trans, porque eu sou uma mulher que passa por situações diferentes que uma mulher cisgênero passa.

Melissa: porque na infância a gente não tem muita clareza das coisas, né?! Na infância, eu obviamente não sabia que era uma menina trans já, não havia esse esclarecimento. Mas eu já sabia que eu era diferente, às vezes as brincadeiras eram

diferentes, mas eu não sabia, eu não compreendia que era isso, entendeu, que eu era uma pessoa trans

Exibe-se outra manchete: “transexuais e travestis sofrem violência dentro de casa: falta de informação e preconceito fazem com que muitos trans sejam ameaçados por familiares. Uma a cada seis agressões a LGBTs denunciadas no Brasil é praticada por parentes”.

Alana: na minha casa, sou obrigada a me comportar como macho, como homem.

Teyte: meu pai era super preconceituoso com tudo, com tudo que você imaginar (?). Eu tive aquele medo, então eu fui crescendo demonstrando isso para eles, mas em nenhum momento se assumindo.

Mãe de Daniela: a Dani, desde pequena, que eu percebia, né, que ela era diferente. Não era só porque ela não gostava de futebol, mas ela sempre foi muito sensível. Parece que desde pequena ela sentia que alguma coisa não estava certo com ela, a forma como ela era tratada não era correta, né, então ela mostrava uma insatisfação. Então, assim, eu vi que ela era mesmo delicada e aí eu nunca falei, nunca comentei com ninguém do que eu pensava em relação ao meu filho na época, né, mas eu já sabia que ela era diferente, então eu não tenho dificuldade nenhuma de falar “minha filha”.

Melissa: meu professor ficou incomodadíssimo, chamou minha mãe para uma conversa para falar que eu tinha mudado, para conversar comigo não sei o que mais lá, enfim, etc., né?! Aí foi quando minha mãe ficou sabendo que meu comportamento tinha mudado e eu não neguei no dia que ela veio, eu tava tão reprimido isso dentro de mim, que quando ela veio para falar eu assumi tudo, eu disse tudo, falei que era isso que eu era e eu tinha 13 anos apenas. E foi quando tudo desmoronou na família, os laços familiares foram desmoronando.

De novo, aparece uma manchete: “transexuais são excluídos do mercado de trabalho: com tantas oportunidades de emprego, cerca de 90% das pessoas trans no Brasil acabam recorrendo à prostituição”.

Teyte: tá difícil, porque no currículo tá “Teyte Eduardo”. Daí a gente vai, chega na entrevista, a gente vai explicar que a gente é trans e pá e daí a pessoa já dá aquela desculpa: “não, acho que isso não tem nenhum problema não, que isso e pá” e já fala, né, “se você passar na entrevista tal horas a gente te liga”. Daí você nunca recebe a ligação. Daí você já vê que falar no momento eles não vão falar.

Alana: estou procurando emprego na área de secretariado, só que quando eles vê o meu gênero eles não me permitem a entrada.

Melissa: e assim eu tive um emprego, só que o emprego era temporário, depois desse emprego eu não consegui mais nenhum emprego, ficou difícil a empregabilidade, cada vez mais pelo fato que eu tava muito mais já transicionada, já tava muito trans aparentemente, as roupas, tudo.

Daniela: as possibilidades de inserção no mercado de trabalho, então, só aumenta o sofrimento porque uma pessoa cis, ela já tem muito mais chance de estar inserida no mercado de trabalho. Quando você é uma pessoa trans que não consegue exercer o seu direito de ir e vir, exercer o seu papel na sociedade por conta da empregabilidade...

Exibe-se outra manchete: “princípio da dignidade: obrigar transexual a usar banheiro masculino causa dano moral indenizável”.

Namorada do Teyte: dá vontade de chorar porque é difícil. Ele não pode frequentar um banheiro, porque pode vir pessoas com preconceito, como ele falou, e ir para cima dele.

Melissa: dentro de banheiro público, né, de eu ir no banheiro público masculino porque não deixavam eu entrar no feminino, daí eu tinha que ir no masculino. E aí tu tinha aquela agressão dentro dos banheiros, né... É empurrão, né, “saí daqui”, essas coisas... “saí daqui, teu banheiro não é esse”, tipo assim, né... aí você vai para o outro banheiro e seu banheiro também não é esse, e você fica...

Alana: quando eu fui para fazer minhas necessidades, veio uma pessoa e me pegou pelas pernas e me deixou de cabeça para baixo e a outra deu descarga enquanto um tava me empurrando para colocar minha cabeça no vaso. Eu fiquei gritando, gritava, gritava, gritava, até que apareceu outra pessoa que intimidou os dois, que os dois me largaram e saíram. Eu fiquei tão constrangido que eu não sabia o que fazer, não queria mais voltar para o colégio, que era muito dolorido, ainda me dói...

Aparece mais uma manchete: “violência faz parte da vida de transexuais e travestis, diz pesquisador”.

Alana: um medo de não durar muito, não ter a minha vida muito prolongada por conta da minha identidade.

Mãe da Daniela: então, eu tenho medo de meu telefone tocar e eu receber uma notícia dessa, aqui (apontando para o estômago e peito) dói só de imaginar isso. E eu

peço a Deus todos os dias para proteger a Daniela, eu sempre falo “Daniela, cuidado, fique longe do perigo”. Ela é tranquila, mas tem muita gente ruim que se aproxima de você para fazer o mal.

Namorada do Teyte: tenho. Eu tenho medo que alguém, algum dia, vá para cima dele. Tipo, eu vejo isso muito, porque você está andando na rua e você fica com medo, tipo, você passa aqui e ele tá ali andando, uma pessoa pode chegar e vir querer bater nele por causa de nada.

Melissa: é de continuar vendo amigas minhas morrerem, de ver um dia, assim, a fulana morreu ou então tá nas drogas, é um medo também de eu não conseguir talvez conquistar o que eu quero, sabe, enfim, e voltar a vida que eu tinha antes, enfim, definir...

Namorada do Teyte: preconceito é a arma mais podre que o ser humano pode usar para atingir outro. Ser diferente não vai agredir ninguém, não vai machucar ninguém. Se você transmitir amor para todas as pessoas, você não precisa gostar, você tem a obrigação de respeitar.

O vídeo finaliza com Teyte e a namorada andando de mãos dadas na rua, Daniela e mãe se abraçando e canais para a denúncia de violência contra pessoas LGBT+.

Vídeo 4. Homem trans dificuldades

Oi, gente. Tudo bem com vocês? Meu nome é Caio, eu sou um homem trans e hoje eu vim falar um pouco mais sobre mim, sobre o que eu passo. Esse é o meu primeiro vídeo como trans, né, sobre o que eu estou passando e... Aí, cara, é tanta coisa, “véio”... Tanta coisa, sabe?! Minha família não aceita, é muita coisa assim... difícil, né, e eu peço o apoio de todos vocês aí do outro lado do vídeo que está me ouvindo. Esse vai ser um vídeo curto, tá? Mas eu vou colocar mais vídeo no canal e é isso aí... Meus vídeos vai falar sobre pessoas que é, mas que não pode falar ou começar a tomar hormônio porque a família não aceita, né. Eu, no meu caso, eu comecei a tomar hormônio, mas depois parei, porque eu não tenho uma condição de vida assim excelente, eu tenho uma mãe doente e tudo e eu tenho que ajudar em casa... E, por último, porque eu fiquei com medo de não conseguir arrumar emprego e tudo mais, então isso aqui que vocês estão vendo no meu rosto é rímel (o qual

corresponde à barba). Não ri, não, gente, não é barba, não. Mas é isso daí, os meus vídeos vão falar muito sobre isso. Espero que vocês esperem para mim postar mais vídeos, tá bom? Se inscreva aí no meu canal, valeu? Obrigada.

Vídeo 5. Reportagem sobre a dificuldade de inserção de mulheres trans no mercado de trabalho

Repórter: Milena Passos é a primeira transexual do Brasil a ocupar um cargo público, na Secretaria de Política para as Mulheres. Atualmente, ela desenvolve um trabalho como técnica na área de comunicação, mas a vida profissional demorou a engrenar. Foram anos em busca de um emprego.

Milena: é o começo de tudo, né?! Que se você analisar, as pessoas falam, falam, falam da gente, falando da gente com uma postura, levanta a bandeira da gente, mas muitas vezes não fazem o dever de casa, né?! E a gestora teve essa sensibilidade, a Olívia Santana e depois a outra secretária, Julieta, a atual, continuou, dando continuidade de estar aqui, não por pena mas pela minha capacidade de estar aqui como técnica, né?!

Repórter: mesmo com os avanços e os programas de inclusão para essa comunidade, o preconceito ainda é um fator a se considerar, além da falta de qualificação que também determina os baixos salários.

Milena: conheço o caso de várias trans. Eu tenho várias amigas que elas têm o nível superior, mas infelizmente terminam indo para a prostituição, que não deixa de ser uma profissão, não deixa de ser um trabalho para quem gosta, mas muitas/algumas (falou ambos os termos) delas não gosta.

Repórter: com tanto preconceito e dificuldades, muitas travestis e transexuais optam pela prostituição para se sustentar. Segundo a ANTRA, 90% das travestis e transexuais brasileiras estão se prostituindo. Thiffany Odara é um exemplo dessa triste realidade. Hoje, ela é formada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Bahia, mas há dois anos está desempregada e conta que as barreiras para uma qualificação profissional e a inserção no mercado de trabalho começam no ambiente escolar.

Thiffany: existe a dificuldade, sim, mas existe também a má vontade e o preconceito, né, que quando as pessoas não inserem a trans no mercado de trabalho

é por acreditar que aquela pessoa não é capaz de estar naquele local, né?! O que eu escutei de muitos amigos meus da faculdade quando dei entrada no meu nome social, meu nome civil na verdade, ou nome que eu me apresento para as pessoas – que é Thiffany – teve colegas meus que falaram que eu era “louca, quer trabalhar com criança, ser mulher trans e trabalhar com criança não era viável”, que eu procurasse outra profissão, que eu saísse da faculdade. Então, você observa como é violento nosso sistema, como é violento a nossa sociedade por ter uma visão homogênea, né, essa questão do binarismo, de estar atrelado ao masculino e ao feminino, né, e de você não poder transgredir.

Repórter: Alana é formada em Jornalismo há dois anos. Foi tirando as férias de um apresentador de um programa policial que ela teve a oportunidade de entrar em uma emissora de televisão.

Alana: eu sou apaixonada por jornalismo policial. Sou louca por programa policial. Eu como programas policiais. (?) Eu sempre acompanhei A Mira, depois veio O Ronda, eu não perdi um dia de Ronda.

Repórter: mas nem sempre foi assim, fazendo o que mais gosta. Mesmo antes de se formar, Alana enfrentou muitas dificuldades para ter contato e experiência na área. Mas depois de formada, essa realidade não mudou.

Alana: tive algumas barreiras, que foi realmente... Eu, como estudei em Feira de Santana, lá tem uma emissora, então eu buscava lá emissora de rádio, emissora de TV, uma que tem lá, mas sempre com dificuldades. Sempre o pessoal dizia “a crise”, “a gente não tá contratando”...

Repórter: para estimular a contratação de transexuais no mercado de trabalho e trazer um olhar para essa comunidade, foi criado um programa de inclusão que oferece oportunidades profissionais.

Milena: eu acabei de fechar uma parceria com uma empresa de telemarketing, né, para ser inserida 15 pessoas trans, né, que tenha primeiro e segundo grau e que... Ela vai fazer cursos todo final de semana e aí eles vão ver aquelas que tiverem aptidão para serem inseridas dentro dessa empresa de telemarketing.

Vídeo 6. É FÁCIL TRABALHAR SENDO HOMEM TRANS? - Pergunte Às Bee 148

Vamo todo mundo gritar para descontrair? Vamos. Ahhhhh!

Jessica: Oi, gente, hoje eu estou aqui com o Klaus e a gente vai falar sobre pessoas trans e mercado de trabalho e a dificuldade, aliás, do mercado de trabalho. Klaus, o canal das Bee sempre escuta... a gente pensa nas questões escutando as histórias das pessoas. Conta um pouco da sua história, assim, como foi quando você chegou em São Paulo conseguir emprego...

Klaus: Bom, lá em Minas eu trabalhava em pizzaria, trabalhava fazendo muro com um amigo meu, então era informal. Quando eu cheguei aqui em São Paulo, não consegui nessa área e fui para o telemarketing. Aí tem a questão do nome que eu ainda não retifiquei, né?! A empresa não respeitou o meu nome, eu trabalhei um ano e quatro meses na empresa, tive que ficar um ano e quatro meses com o meu nome civil exposto, porque a empresa não quis respeitar.

Jessica: qual empresa que era?

Klaus: TIFIT. Sem falar que nisso eu levei a lei que a gente tem, a 10.948, que garante para a gente o uso do nome social, né, não exposição, ter a consciência de que tudo que é RH é com o nome de registro, né, mas tudo que for circular publicamente não podem passar o nome de registro. E não foi o que fizeram comigo.

Jessica: como você sentia quando você tava lá e isso acontecia e como culminou você ter saído do trampo?

Klaus: ah, primeiro muito exposto, né. Porque você tem que explicar sobre a sua vida para pessoa que você nunca viu, então você chegar para a pessoa que eu tinha acabado de conhecer no trabalho e perguntava por que daquele nome no sistema. Se todo mundo sabia que o nome que tava ali era o nome da pessoa que trabalhava no posto, né?! E me senti invadido, exposto, humilhado e foi com isso que eu fui ficando doente, né, porque eu era um bom funcionário, fui convidado para uma promoção que eu nem me inscrevi para eles, eles que me convidaram, que eu não aceitei justamente porque ia ter que ter o atendimento com o nome civil. O bom de tudo isso foi que eu consegui que a empresa mudasse os sistemas. Eu não tava lá para ver, porque me mandaram embora antes, mas daí eu junto com a Defensoria Pública, eu levei o caso para eles, daí a empresa foi chamada, a empresa foi obrigada a respeitar isso, então eles tiveram que mudar o sistema, então outras pessoas que vieram depois de mim não terão que passar o que eu passei.

Jessica: hoje em dia como que tá o lance do trampo?

Klaus: hoje eu tô parado. É difícil a gente procurar trabalho, porque como eu não retifiquei o nome ainda, tem toda uma burocracia, como eu te falei você vai na...

você já começa ter que explicar a sua história na entrada da empresa ou do lugar que a gente for – para uma pessoa que fica na guarita, aí tem o preenchimento dos dados, você vai colocar e depois tem que explicar para a pessoa de novo, então é bem complicado.

Jessica: eu tava comentando com o Klaus que a gente tem um fórum de empresas que são signatárias de dez compromissos pela diversidade LGBT⁵⁹. São diferentes compromissos: para trabalhar internamente, para trabalhar com a comunidade... esse fórum, que é uma consultoria que o Reinaldo Bulgarelli – que eu quero chamar ele aqui, aliás, para uma entrevista – ele vai nas empresas e cobra... sugere, né... sugere esses dez passos. Como prioridade hoje em dia, na comunidade LGBT, a gente tem a questão da acessibilidade das pessoas trans no mercado de trabalho. Então, eu queria tirar um momento desse vídeo para ler quais são as empresas. O Carrefour tem isso, já iniciou essa conversa de contratação exclusiva de pessoas trans, mas a gente precisa que mais empresas falem sobre isso. Conta um pouco das histórias que você já contou para a gente antes.

Klaus: eu fui na Caixa para abrir uma conta poupança, não quiseram abrir para mim, tiraram cópia de todos os meus documentos e retiveram lá. Isso durou uns 3 dias. Aí no terceiro dia eu já não aguentava mais, aí eu chamei a polícia, aí a polícia teve que chamar o gerente para ele ver se abria a conta para mim. Depois eu fui na delegacia, tive que abrir um B.O., mas gerou tumulto na agência...

Jessica: nossa, só ir ali e abrir uma conta.

Klaus: conta poupança, né, que todo mundo tem que ter direito, porque até para receber um PIS ou alguma coisa assim a gente precisa da Caixa Econômica Federal, né?! O cartão eles emitiram para mim com o nome de registro, não quiseram emitir com o nome social.

Jessica: Qual é o nome do banco mesmo?

Klaus: Caixa Federal.

Jessica: Ah, tá. Tem que falar os nomes gente!

⁵⁹ Segundo o Fórum de Empresas e Direitos LGBTI+, entidade que elaborou os “10 Compromissos da Empresa com a Promoção dos Direitos LGBTI+”, esses versariam sobre: o respeito e promoção dos direitos LGBT+; a promoção da igualdade de oportunidade e tratamento junto às pessoas LGBT+, bem como de ambientes respeitosos, seguros e saudáveis para essa população; a sensibilização e educação para o respeito aos direitos LGBT+; o estímulo e apoio a criação de grupos de afinidade LGBT+; o respeito aos direitos LGBT+ na comunicação, marketing, planejamento de produtos, serviços e atendimento; a promoção de ações de desenvolvimento profissional, econômico e social de pessoas LGBT+; o apoio a ações em prol dos direitos LGBT+ na comunidade. Para mais informações, acessar <https://www.forumempresaslgbt.com/10-compromissos>.

Klaus: no mesmo dia, eu fui no Santander. No Santander, a menina nunca tinha ouvido falar, mas ela emitiu para mim o cartão com o meu nome social. No Santander eu tenho o cartão com o meu nome social.

Jessica: Santander. (Risos) tem que falar também! A gente precisa de tanta coisa, a gente precisa que os funcionários saibam lidar. Primeiro de tudo, sabe?! A gente precisa criar oportunidades, sim, para essas pessoas. Sabe, não adianta a gente falar “que legal ser LGBT” se a gente não faz ações concretas e afirmativas para inclusão de LGBTs. Porque isso daqui, gente, é exclusão, gente sem emprego é gente que não vive. Ponto final. É você tirar o direito à vida da pessoa você não conseguir entrar no mercado de trabalho, sabe?!

Klaus: eu, quando fui abrir o B.O., no primeiro dia que eu fui o delegado não quis abrir o B.O. para mim. Uma outra escritã que falou para mim “volta aqui na segunda-feira, que segunda-feira eu vou abrir para você. Isso é caso que o delegado não vai querer abrir B.O. para você”. (?) Voltei para casa sem ter conseguido o B.O. Mas na segunda-feira, se ela não tivesse tido... ela teve empatia por mim, porque se ela não tivesse tido, nem isso eu teria conseguido – um B.O.

Jessica: olha, eu vou falar aqui quais são as empresas que são amigas da população LGBT, são as seguintes (menciona lista de 25 empresas, uma a uma). Quantas empresas existem no Brasil? Bem mais que 25. Isso é um absurdo só ter isso de empresa. E vocês sabem de uma curiosidade? Só tinha multinacional até um ou dois anos atrás, só multinacional, nenhuma brasileira. Porque para pra pensar, olha como o sistema é bem estruturado: as pessoas não têm acesso à educação, aí para elas estudarem elas precisam sobreviver, elas precisam de um trabalho; aí elas não conseguem um trabalho por transfobia e também por não terem acesso à educação, porque as empresas que são parceiras da diversidade elas precisam de pessoas muito capacitadas, são empresas tipo de tecnologia, empresas... sabe?! Que que a gente faz? Eu não quero sentar aqui e ficar dando solução, eu tô pedindo ajuda. O que que a gente faz, gente? O que fazer é isso que a gente está fazendo, né, perguntando, questionando e abrindo esse debate. E eu fico muito chateada, porque, assim, eu conheci o Klaus no dia em que a gente estava arquitetando o “me ajuda”. E aí foi muito significativo, assim, porque a gente tinha na casa – foi muito show, né? – tinha LGBT mesmo, então a gente teve opinião de pessoas diversas, e quando ele (aponta para Klaus) começou a contar, contar, contar, eu falei: “cara, vamos contar essa história”, sabe, “vamos falar sobre isso”.

Klaus: nossa, eu já cansei de dar bafão assim lá no... naquele hospital que a Lena vai... “Nossa, conta aquele que você parou a avenida” (voz de fundo). Ah, foi quando eu tava... antes de eu começar... quando a Lena começou a ver os sintomas de depressão ficando mais forte em mim, entendeu? Eu lutava porque a vida toda aquilo que eu senti, eu via que era preguiça, então eu não assimilava aquilo a uma depressão. Quando eu não tava mais dando conta e vi que realmente estava me afetando, eu comecei a procurar ajuda, só que ficavam me mandando para um lado e para o outro. Aí teve um dia que eu fui no posto lá que eu não me lembro o nome dele, eles não quiseram me atender; eu fui e sentei no meio da avenida e falei “então vocês vão ter que me pegar lá no meio da avenida”. E parei a avenida, sentei e os carros buzinando e eu “passa por cima, passa por cima”. Aí daqui a pouco veio aquele monte de médico, “calma, Klaus, vamos conversar, vamos conversar”.

Jessica: Quão constrangedor é isso, né?! E isso foi em São Paulo ainda, né?! Em São Paulo!

Klaus: e o mais engraçado é que nos outros... Bom, lá em Minas, todo mundo quando ouve falar no CRT acha que é um puta centro de referência, mas o atendimento que eu tive lá em Minas, no Ipê-Med(?), nossa, nem se compara com o atendimento aqui.

Jessica: explica o que é o CRT.

Klaus: CRT é o... como que é Bruno?

Bruno (voz de fundo): Centro de Referência de Tratamento de DST/Aids e o ambulatório...

Klaus: Ambulatório T, que é a parte que atende as travestis, os homens trans... Mas, assim, o atendimento deles é um atendimento muito despreparado, parece que é feito assim, simplesmente por fazer.

Jessica: não, e a gente pensa que... Quantos municípios que tem alguma coisa, que tem tipo uma conversa, sabe? Que tenham... São pouquíssimos! E aí a gente pensa que o de São Paulo é um dos que mais, tipo, está mais preparado a nível Brasil...

Klaus: que é o que a gente quando tá lá a gente acha isso, quando se houve falar em CRT, “nossa, porque lá é assim, assado”, esse tipo de referência... Mas quando você vai participar do serviço mesmo, você vê a defasagem total.

Jessica: para terminar em um tom mais animador, é... Você pode casar na igreja, você sabe, né?! (Risos). Conta para o povo...

Klaus: é, de qualquer jeito, porque mesmo que nós troquemos depois os nomes, continua sempre hétero, né...

Jessica: o Klaus é casado com a Lena, uma mulher transexual, então assim, se a gente for parar para pensar, vocês... A igreja tem que casar porque é um casal hétero, não tem jeito (gargalhada)... Eu quero tanto ir nesse casamento! (Risos).

Jessica: se você é de alguma dessas empresas que eu falei... Se você tem uma empresa que não é uma dessas, duas sugestões: conheça o fórum –vou botar o link aqui embaixo para você se inteirar dos 10 compromissos do que uma empresa pode fazer para ajudar a população LGBT – e vê aí, né, no que você pode ajudar, certo?

Klaus: e a gente sendo trans ou não sendo trans, se a pessoa tiver que ser um bom ou mau funcionário, ela vai ser de qualquer jeito, então isso não interfere em nada no trabalho de ninguém.

O vídeo segue com as despedidas de Klauss e Jessica.

Vídeo 7. SKARLLET OHARA FALA SOBRE DIFICULDADE DE CONSEGUIR EMPREGO EM RUY BARBOSA POR SER TRANS

Entrevistador: estamos aqui com Skarlet, ela vai contar um pouco da sua história e um problema que ela está passando. Ela diz que não tá conseguindo um emprego por causa da sua opção sexual. É verdade isso, Skarlet?

Skarlet: é, minha orientação sexual. Então, o grande problema aqui no nosso município e não só no nosso município, na nossa região... Eu já botei currículo na fábrica, eu já botei currículo nos grandes setores do município da cidade de Ruy Barbosa e (?) minha orientação sexual, por ser uma trans, tá muito difícil.

Entrevistador: tu trabalhou por último onde?

Skarlet: um ano em Pedro Ramos e oito anos de Bonifácio.

Entrevistador: eu tava pesquisando um pouco sobre você antes de vir aqui e você é ativista LGBT, já organizou nove edições da Parada Gay...

Skarlet: (microfone não captou áudio) nove edições de Ruy Barbosa e agora estou defendendo a... Eu faço parte de um fórum de travestis e transexual do estado da Bahia.

Entrevistador: o último realizado foi em dezembro/2017. Foi um sucesso, tem vários vídeos aí no Ruy Barbosa Notícias. E tu também faz um trabalho comunitário

em um bairro, que também já foi notícia no site, de distribuição de brinquedos, merendas e tal... Eu te pergunto, como é que tu se sente tendo um currículo desse e passando dificuldade em conseguir um emprego?

Skarlet: essa semana mesmo eu entrei em uma crise muito triste, porque se fosse só eu era muito complicado, mas várias amigas minhas também tão nesse processo por ser trans, desempregada. Eu acho que a gente tem oportunidade boa para fazer no começo, boa para fazer numa fábrica, para fazer um trabalho grande e fica esse preconceito. A gente tem que acabar com isso. E vamos ver o que você pode fazer com essa reportagem que você tá fazendo comigo, porque eu tô muito triste de ver eu desempregada esse tanto de tempo e pessoas que eu ando dentro de casa, que tem comércio, e não me dá uma oportunidade por minha opção sexual.

Entrevistador: então você que é empresário, caso queira quebrar esse tabu, Skarlet vai deixar aqui um número para contato?

Skarlet: (informa seus telefones de contato). Eu conto com vocês e não só para mim, para várias amigas minhas que precisam também. E vamos ver, vamos quebrar esse preconceito, gente, “eu acho que só mulher cis que merece trabalhar, só homem que merece trabalhar”, e nós trans é para fazer o quê? Ficar nessa vida precisando um do outro – eu sei que a gente precisa, mas é bom ter um trabalho para a gente não depender das pessoas. Eu me sinto assim, ora triste, ora dá vontade de sumir, deixar tudo, mas eu não vou deixar, porque as minhas crianças que eu ajudo aqui no bairro e o povo que eu preciso tamo aí para a gente ajudar. Muito obrigada, Júnior (entrevistador), por essa oportunidade e dizer que seu site tá de parabéns, mais uma vez cobrindo essa parte minha. Muita gente diz “não faz, não”, “você vai se queimar”. Eu não vou me queimar, estou desabafando o que eu tô passando, a situação que eu tô passando e a necessidade mesmo. Se eu tivesse um emprego, eu não tava nesse negócio de pedir um ao outro. Ontem meu gás acabou – hoje eu fui na rua ver se eu conseguir, mas graças a Deus um grande empresário me deu. Ele pediu que não precisava citar nome, entendeu? Muito obrigada mesma, Júnior.

Vídeo 8. Dificuldades da vida de uma pessoa travesti transexual no mercado laborativo

Boa noite, minha gente. São 1h da manhã e eu vou falar para vocês um pouco como é a vida de uma transexual. Nós devemos enfrentar tantas dificuldades iniciando a partir do momento de quando nós se descobrimos transexuais, que isso sucede quando a gente tem em volta de 4-5 anos e já nos sentimos diferentes do resto das crianças que está em torno de nós – nossos primos, parentes próximos. E ao chegar à adolescência, onde começa a maior dificuldade, quando começa a escola. Porque na escola nós sofremos “bulismo”. Na época em que eu andava, ainda não existia essa palavra, “bulismo”, então não sofrer tanto “bulismo”. Meninos que andavam, no banho da escola quando mandavam fazer as necessidades, colocavam a cabeça dentro da privada para poder me banhar a cabeça, os cabelos. Depois começa com as agressões físicas na saída da escola, na entrada da escola, com as piadas agressivas, com os nomes horrorosos que nos chamávamos e depois ainda, na época de se encontrar trabalho, começa quando você vai se alistar no exército, que quando você chega a pessoa que está ali presente te chama e já vendo que você é diferente fala para você: “não, você tem que fazer outra fila”. Para mim isso é uma coisa muito boa, porque eu não tive que afrontar aqueles 100-200 garotos que estavam ali querendo já te fazer piada comigo. Só que ali, naquele momento, eu achei muito bom a maneira que eles fazem. É proibido eles tirarem, fazerem piada ou chacota com uma pessoa que está ali. Então ele me chamou de lado, me inscreveu e me mandou embora.

A dificuldade realmente começou quando eu fui atrás de um trabalho. Eu, por já ser uma pessoa andrógina... No começo da minha transição, eu era uma pessoa muito andrógina, não sabiam se eu era uma transexual, um homem ou uma mulher e eu sofri muito preconceito e teve muito “prejudicio”. Eu poderia ser capaz de fazer tantos “lavouras”, mas nenhum me aceitavam pelo fato de eu ser diversa. E com isso eu fui adquirindo débitos e débitos, porque eu tinha que pagar recinto, eu não tinha onde morar porque eu tinha saído de casa com 14 anos por conta de que a família não aceita. Família, não, porque eu tinha problemas com o meu padrinho que tinha problemas com minha mãe por causa minha. Então, eu não tinha onde morar, não tinha o que comer, só que em vez de eu roubar – na minha cabeça eu sempre tive a índole, mesmo tendo uma família difícil, de que nós não poderíamos roubar, porque o

que é dos outros, pertence aos outros. Então eu passei muita fome, passei necessidades, muitas vezes eu dormi embaixo de coisa de papelão para poder me esconder da chuva ou do vento ou do frio, mas um dia eu peguei conta de uma coisa – não adianta eu fazer nada que a sociedade não vai entender, não vai compreender, não vai me dar uma oportunidade labor, e roubar eu não vou querer. Então o que eu fiz? Eu conheci uma pessoa e essa pessoa me emprestou um par de sapatos, um vestido e uma peruca que eu usei na época. O (?) que eu peguei era carbono de lenha queimada e fiz a maquiagem. E fui trabalhar, ali eu ganhei meus primeiros cruzeiros, que era na época cruzeiros cruzados. No outro dia, eu corri e comprei comida, comi como eu nunca tinha comido, parecia que eu tava passando fome há anos. Então, com isso, eu comecei na vida da prostituição e depois disso eu tentei outras ocasiões de trabalhar como peruqueira, porque eu aprendi muito bem a trabalhar com esse meio de trabalho de peruqueira, mas eu nunca fui aceita, nunca fui admitida pelo fato de eu ser transexual.

Depois, as pessoas vinham na rua e me condenavam, me chamando de travesti, porque travesti era prostituta e não me davam trabalho porque eu era uma prostituta. Aí eu dizia: “eu sou prostituta justamente por pessoas que têm a cabeça como a tua, que não querem me dar a oportunidade, que não dão oportunidade a pessoas como nós”. A única maneira que temos de fazer ou é roubar ou é se prostituir. E roubar, graças a Deus, a maioria de nós não temos a índole de roubar. Preferimos vender os nossos corpos para poder viver, pagar aluguel, comer, se manter e viver dignamente. E é assim que nós vivemos. E a sociedade ainda não entendeu que esse mito da prostituição não está ligado ao transexualismo, está ligado a sociedade que nos impõe a fazer essa única maneira de viver. Porque roubar não é uma maneira de viver, roubar é criminalidade, uma coisa errada. Se prostituir é um meio que temos de viver, é um meio que temos para sobreviver. E nós pedimos respeito, tolerância, pedimos também que as pessoas parem de pensar que nos deu prejuízos (?), nos deu oportunidade, “labor”, que eu conheço tantas pessoas que são capazes de fazer “lavors” que ninguém consegue fazer. E assim eu deixo meu recado. Não ao preconceito. Tenta conhecer a pessoa antes de julgarem, tentem entender por que aquela pessoa faz o trabalho que faz sem ter que jogar a primeira pedra. Um beijo da Larissa.

Vídeo 9. Transexuais falam sobre a dificuldade de cirurgia no sistema público de saúde

Edilene: eu soube pela televisão que tinha uma lei aí que vou fazer a cirurgia de homem para mulher.

Ludymilla: eu descobri o programa do HUB por uma amiga, né, e eu acho que as pessoas que estão lá também foram meio que descobrindo que uma amiga levou a outra e assim foi fazendo com que esse processo acontecesse, porque dentro do próprio hospital mesmo, pelo menos na época em que eu comecei a participar do grupo, se você chegasse e perguntasse aonde estava funcionando o grupo transexualizador, as pessoas faziam aquela cara “Oi? O quê?”, como eu ouvi algumas vezes “o que que é isso?”, né, “isso trata o quê?”. Então, assim, você começa a entender que as coisas não estão bem esquematizadas, bem trabalhadas, né?! (Durante o relato de Ludymilla, exibiu-se a mensagem: “Interrompeu o acompanhamento médico por falta de dinheiro. Ainda pretende fazer a transgenitalização e a mamoplastia de aumento”).

Aria: fica claro que o sistema público de saúde não está pronto para receber as pessoas trans. Nem o público, nem o privado, o sistema de saúde no geral. Além disso, a gente não pode procurar um psicólogo, porque a maioria dos psicólogos seguem um discurso patologizante de que a transexualidade é doença. A gente não pode procurar endocrinologista, porque endocrinologista não está pronto para nos receitar os hormônios, porque os hormônios que a gente toma não são específicos para isso, né, os hormônios femininos são ou contraceptivos para mulheres cis ou repositores de estradiol para mulheres cis na menopausa.

Edilene: a moça que tratou de mim, tinha uma que mexia com endocrinologia. Ela não quis dar o hormônio, não. Só dava hormônio depois da cirurgia. Todo dia eu espero que alguém ligue para mim, porque todo contato que eu tenho é eles que ligam para mim. Liga, mas não tem sentido, não tem saída... A ligação, depois que eu vou atender ela, então não tem segmento para a frente, fica parado. Eu tô juntando dinheiro no banco para fazer a cirurgia (Exibe-se, nesse momento, a seguinte mensagem: “desde 2008, busca apoio do SUS para se hormonizar e fazer a cirurgia de transgenitalização do sexo masculino para o feminino”).

Thomas: eu vi o médico lá, só que ia ficar muito caro e eu não sabia nem qual seria o preço, porque ele fazia o preço meio que pelo tamanho da mama. Eu falei

“então ferrou”, porque (?) (risos) o mais o mais caro, eu não vou fazer aqui. (Notamos a seguinte frase escrita ao término do relato: “Faz a hormonioterapia no Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais de SP e quer fazer a cirurgia transgenitalizadora”).

Sandra (psicóloga é coordenado do Grupo Transexualizador do HUB): essa desistência, ela me angustia um pouco, porque não fica claro para mim que a pessoa desistiu por opção ou se foi tão demorado, foi tão longo, que a pessoa acabou sublimando e acabou buscando alternativas como “não, eu aprendi a conviver assim”. Eu sempre me sinto frustrada, porque se ela tivesse tido de fato, naquele período, naquele momento que ela passou seus dois ano, né, de trabalho, de questionamentos, de aconselhamento e ela falasse “não, eu sou trans e quero fazer a cirurgia” e essa cirurgia viesse para ela e ele dissesse “não, eu não vou fazer mais, eu posso ser trans sem estar me modificando fisicamente”, aí para mim seria uma opção tranquila, mas eu não sei dizer se é isso ou se eu sempre fico triste porque eu sempre me pergunto “é verdade isso ou isso é um processo, um mecanismo de defesa, onde ela se defendeu tanto para lidar com tanta frustração, que ela se acostumou”.

Erick (cirurgião plástico): imagina você conviver com um corpo que não é o seu. Você olhar no espelho e não ver uma pessoa do mesmo gênero que você é. Ele não consegue se admirar como ser humano, ele não se identifica. A dignidade dele está em risco.

Fred: eu tive a sorte de ter nascido em uma família com a condição financeira boa e ter acesso a um plano de saúde bom, para não precisar ir ao SUS, mas essa não é a realidade da maioria. E aí fica complicado, porque aí justamente por causa do volume, a gente vê muitos fecharem, porque falam que não tem condições de atender tanta gente. E aí é até meio controverso, porque aí você fecha e você vai lotar outro local, porque as pessoas vão estar lá ainda querendo a mesma coisa, só vão procurar em outro lugar (Exibe-se a mensagem: “fez a mamoplastia masculinizadora e se harmoniza com um método particular. Não quer fazer histerectomia, pois deseja ter filhos”).

Erick (cirurgião plástico): eu acho que se eles não tiverem como operar, eles vão ser infelizes para sempre.

Vídeo 10. Fred Soter é homem Trans e fala sobre as dificuldades no acesso à saúde

Essa campanha, ainda mais sendo voltada para essa população, ela é extremamente importante, porque mostra que não é esse bicho de sete cabeças. A gente só quer um tratamento humanizado e digno, principalmente os homens trans, que têm a questão de ginecologista que é bem complicado de marcar esse tipo de coisa e, quando a população trans chega para poder marcar uma consulta e aí já chega sendo atendido por um profissional que não tem conhecimento, não sabe o que é trans, pede o nome social a pessoa não sabe o que é, nega, entendeu?! Aí a população trans acaba por parar de ir, parar de cuidar da saúde e aí acaba que os profissionais também ficam sem saber o que tava acontecendo, sem saber procurar o quê que era e fica por isso mesmo.

Vídeo 11. Profissão Repórter (22-06-2016) – Jovens homossexuais e transexuais falam sobre suas dificuldades⁶⁰

Após trechos iniciais do que ocorrerá no programa, representado nesse vídeo, podemos ouvir a seguinte fala de um repórter: no Profissão Repórter de hoje, a busca por aceitação de quem passou por uma grande transformação da vida. Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem, agora, no Profissão Repórter.

Repórter: nós fomos na zona norte de Porto Alegre. Gente, aqui tem uma história muito bacana, de um menino chamado Fabrício, que foi escolhido como a menina mais bonita da escola.

Repórter (chegando em uma casa): opa, tudo bem?

Cristiane (mãe de Pâmela): já está de uniforme(?)...(voz de fundo, em resposta à Cristiane, não é nítida).

Repórter: Opa, já está se arrumando, já está montado de garota de (nome da escola)?

Repórter: Pâmela tem 19 anos e começou a se transformar quando tinha 11. Onde é que estão as fotos de você quando era menino?

⁶⁰ Não incluímos na transcrição dois casos de pessoas cisgêneras e homossexuais, visto não se identificarem como transgêneras.

Pâmela: Lixo. Eu queimei. Lixo.

Repórter: você queimou as fotos de quando você era...

Pâmela: eu queimei.

Repórter: só para eu entender, como é que você fez para ter seio e tal?

Pâmela: tratamento hormonal.

Ouve-se, ao fundo, a voz de Cristiane, mãe de Pâmela. O conteúdo da fala é inaudível.

Repórter: tem? Deixa eu ver? Esse aqui era você? (Cristiane entregou foto de quando Pâmela se expressava da maneira tida socialmente como masculina).

Cristiane (mãe de Pâmela): Pâmela, desde pequenininho ela já nasceu assim. Aí, então, eu olhava e minha maquiagem toda desarrumada. Aí um dia o Fabiano falou “o mãe, a Pâmela está mexendo na sua maquiagem”.

Repórter: como é que foi a primeira vez que você viu seu irmão vestida de menina?

Fabiano (irmão de Pâmela): ah, faz tanto tempo, eu nem lembro mais, porque eu era muito pequeno. Ah, mas quando eu vi, parece que ela se completou. Ela se vestia de guri e não era aquela... tipo uma coisa sempre faltando nela.

Repórter: como foi que você decidiu “não sou mais Fabrício, agora eu sou Pâmela e terão que me entender assim?”

Pâmela: eu sempre fui, desde nova... Eu sempre soube o que eu queria ser, daí eu pensava “meu Deus, eu quero ser mulher, quero ser mulher, quero ser mulher, eu quero me vestir de mulher, eu quero ser quem eu sou”, entendeu?!

Repórter: E o seu pai?

Pâmela: a minha mãe estava separada dele. Ele veio e perguntou para mim “ah, filho, eu vim de longe e quero saber o que que tu é? O que que tu gosta? O que que tu quer? Quer ser mulher?”. Eu quero ser mulher. E ele bem assim “ah, então tá, eu vou te aceitar do jeito que tu for”.

Repórter: Pâmela ganhou o concurso de garota mais bonita da escola no ano passado. Esse ano, ela volta como jurada.

Repórter (para diretor da escola): o senhor achou inusitada a escolha dela como menina mais bonita?

Flávio (diretor da escola): foi uma situação e acho importante para ela e para a escola, no sentido que quebrou a regra do tradicional e acho que serve para somar, para avançar na sociedade, nessa discussão de preconceito.

Segue-se, então, para o próximo bloco do programa, no qual Luís, que performa como drag queen, será entrevistado.

Repórter: oi, Luís, tudo bem? Posso entrar?

Luís: você pode ver que tem peruca para tudo quanto é lado, sapato para tudo quanto é lado – é uma zona drag aqui mesmo.

Repórter: essa é a roupa que você vai usar hoje, né?

Luís: lá no nosso (?) (nome do local onde se apresentará em um show).

Repórter: há um ano Luís criou uma personagem drag queen. Mina foi a decisão mais radical de sua vida desde que saiu do interior do Paraná.

Luís: eu lembro que no colégio as pessoas olhavam para mim e me chamavam de menininha, de mulherzinha e tudo mais. Se eu ia falar com a diretora, ela falava “ué, se você não se vestisse/comportasse como mulher, talvez eles não te chamassem assim”. Mas eu não sabia que eu me comportava como mulher, eu era assim, nascido dessa forma, entendeu? Toda noite eu orava e falava assim: “Deus, amanhã quando eu crescer, quando eu acordar, eu quero acordar menina, porque Você me colocou no corpo errado, entendeu?”.

Repórter: apesar de você ter essa vontade de se vestir como mulher, né, de ter a Mina como essa vazão para a sua feminilidade, você é homem. O seu gênero é homem. Você não pensaria em fazer uma operação, se tornar uma mulher?

Luís: não, por dois motivos. É muito mais fácil ser homem na sociedade em que a gente vive e, honestamente, eu me acho um menino muito bonito, então eu acho que se eu me mudasse, se eu me transformar, eu nunca mais vou me aceitar. Eu amo a Mina porque no final da noite eu pego o detergente, assim, e ela vai embora.

Chega um amigo de Luís, o qual refere também performar como drag queen, com o nome de Minerva. Ambos, juntamente com a repórter, saem para a rua à noite.

Repórter: você vai mexendo com todo mundo também, né? (Luís estava falando “oi” para transeuntes, aparentemente desconhecidos).

Luís: ah, eu vou dando um oi, né, porque o povo fica olhando mesmo, você vai fazer o quê? Vai fingir que ninguém tá te olhando?

Repórter: você tem medo?

Luís: um pouco, sim, sabe?!

Repórter: de quê?

Luís: ah, eu tenho medo de apanhar, de ser agredida (?).

Luís chega ao hostel onde trabalha, finalizando o atual bloco da reportagem.

O programa retorna, então, para a história de Pâmela, conforme descrito a seguir:

Repórter: hoje a Pâmela vai tentar conseguir um emprego. Como ela está estudando, ela vai tentar naquele programa do governo em que estudantes fazem estágio.

Repórter: A Pâmela é a jovem transexual que ganhou o concurso de beleza na escola ano passado. Ela assumiu a sua identidade feminina aos onze anos.

Repórter (para a Pâmela): você já pensou em fazer a cirurgia?

Pâmela: não.

Repórter: tem vontade?

Pâmela: já pensei quando era mais nova, hoje em dia não.

Repórter: por quê?

Pâmela: me perguntam toda vez a mesma coisa.

Repórter: curioso.

Pâmela: eu não quero fazer, porque hoje em dia eu me aceito do jeito que eu sou e não tem ninguém que vai... entendeu? Eu aceito e me amo do jeito que eu sou. Eu nasci o que eu sou e vou continuar sendo o que eu sou.

Repórter: e essa autoconfiança vem de onde?

Pâmela: autoconfiança? Ah, demorou um pouco. Um bom tempo demorou, porque no colégio foi muito sofrido, tinha vezes que eu lembrava que eu não queria ir para o colégio, porque o preconceito tipo folgação(?), mexer comigo, me bater, tacar os lanches em mim, era demais, entendeu? Mas depois, com o tempo, eu tive que me impor, tipo eu só ficava abaixando a cabeça daí eu tipo batia de frente com todos eles. Daí foi isso, aí eu ganhei um respeito, entendeu? Depois nada mais me abatia.

Repórter: a escola foi complicada?

Pâmela: foi muito complicada, para mim hoje ser a garota liberada(?) na minha escola, foi um sacrifício. Para quem não era ninguém, todo mundo desdenhava, tacava lanche...

Repórter: primeiro Pâmela tenta vaga no CIEE.

Balconista (do CIEE): eu dei uma olhadinha e não apareceu nenhuma vaga no momento.

Repórter: agora a gente está em uma agência de estágios para estudantes.

Pâmela: bom dia. Eu tenho cadastro aqui já.

Balconista (da agência de estúgios): tem carteira social? Vou mudar teu nome aqui no sistema, tá?

Repórter: e essa, gente, foi a primeira vez que alguém perguntou para ela se tinha carteirinha social, se dispôs a mudar o nome dela no sistema.

Repórter: a carteira social é uma identidade de gênero. O portador escolhe o nome que quer ser chamado. De acordo com o decreto assinado há dois meses, o nome social tem que ser aceito pelo serviço público em todo o território nacional.

Balconista: tem afinidade com criança?

Pâmela: tenho.

Balconista: essa vaga é para trabalhar em um espaço kids do shopping, segunda aos sábados, das 10h às 16h. Os sábados são alternados e muda também a escala de horários, é combinado direto com o responsável. A empresa paga uma bolsa auxílio de R\$530,00 e também auxílio transporte. Tem interesse?

Pâmela: tenho.

Balconista: vou te encaminhar, então, para a oportunidade. Essa oportunidade é para poder comparecer na empresa pessoalmente, em horário comercial, pra fazer tua entrevista. Uma boa sorte pra ti.

Repórter: a Pâmela conseguiu uma entrevista de emprego, gente, só que a gente não vai acompanhar ela, até porque daqui a pouco a nossa presença pode atrapalhar a entrevista e ela não conseguir o emprego dela e torcer para que ela consiga o trabalho.

A reportagem segue, após cena de Pâmela saindo da empresa.

Repórter: como é que foi lá, Pâmela?

Pâmela: foi legal, foi bem. Ela falou que a minha entrevista, bem dizer, será na prática já.

Repórter: tá otimista?

Pâmela: sim, gostei. O lugarzinho é bem legal. Tomara agora que tem que dar certo.

Repórter: a Pâmela deveria começar o seu estágio essa semana, mas a empresa ainda não ligou para ela.

No bloco seguinte do programa, nos deparamos com a história de Tiago, o qual se identifica como ex-travesti. Confira abaixo:

Repórter: Olá, Alneide. Está esperando a gente aí na porta já, tudo bem? Alneide, conheci através da internet, né, mulher do Tiago. Vamos lá. O Tiago ainda não chegou, então, né?

Repórter: estou em Pernambuco para contar a história de Alneide e Thiago, um casal incomum.

Alneide: a gente faz 9 anos de casado hoje, dia 07, e nove meses de gravidez dia 10.

Repórter: conta um pouquinho, como é que foi a história de vocês? Como vocês se conheceram?

Alneide: chegou uma amiga contando da história dele, né, que tinha um amigo que era ex-travesti e que tinha resolvido mudar de vida, porque não estava feliz, e eu fiquei muito impactada com a história dele. Eu comprei um livro, mandei de presente para ele, que era da história de um ex-travesti também. O amor floresceu, a gente não escolhe, “ah, vou me apaixonar por um alto ou baixo, magro ou gordo...”, quando o amor aconteceu, aconteceu. Eu fui deixando ele bem à vontade, porque ele nunca tinha namorado com nenhuma mulher, nunca tinha beijado uma mulher. Foi como se fosse um adolescente aprendendo a namorar.

Repórter: essas são as fotos de Tiago há três anos.

Neide: isso aqui (mostrando foto) foi no primeiro dia dos namorados. Foi a primeira vez que ele colocou uma roupa social e fez surpresa. Ele ainda ficava com vergonha, né, porque ele sempre tinha se vestido como mulher.

Nesse momento, Tiago chega à casa.

Repórter: Oi, Tiago. O que fez você chegar nessa casa, cortar o cabelo, não querer mais o silicone e...?

Tiago: foi as decepções... Amizade, amorosa, também preconceito muito grande como existe na vida dos homossexuais e isso me fez refletir também uma outra opção.

Repórter: procurei o movimento LGBT de Pernambuco para comentar casos como o de Tiago. Quem me recebeu foi Emily, ativista e mulher transexual. Eles disseram que tem muitos ex-travestis aqui em Recife, conhece?

Emily: É, aqui a gente tem um número grande de mulheres transexuais e mulheres travestis que, muitas delas até após a cirurgia mesmo, elas retrocederam ao gênero e hoje se reconhecem enquanto homem na nossa sociedade. Nós temos uma visão de respeito acima de tudo, mas sabendo que existem várias limitações de

imposições da nossa sociedade que muitas vezes nos impõe desconstruir aquele gênero que assumimos pela questão de acessibilidade. Então, muitas vezes, quando você desconstrói sua identidade é pela questão de falta de oportunidade, que vai desde vínculo com a família, empregabilidade...

Na sequência do programa, vemos novamente Luís, agora se preparando para seu primeiro show solo. No meio do processo, chegam os seus irmãos, César e Pedro. Em dado momento, a repórter comenta:

Repórter: dá para ver que vocês são bem diferentes um do outro, né?! Visivelmente, na estética, vocês são diferentes um do outro. Como é que foi para vocês conviverem?

Luís: eu acho que na adolescência a gente brigava muito entre si, por causa disso, sabe?! O César tinha um grupo de amigos dele e era de um jeito e eu(?) não tinha amigos.

Repórter: por que? Isso tem a ver com a sua sexualidade?

Luís: ah, com certeza. No colégio eu era bem solitário. Eu ia no recreio e ficava na escadaria da biblioteca...

Pedro conta um caso no qual defendeu o irmão de dois colegas que o chamou de viado na escola. O vídeo, então, segue para o próximo bloco da reportagem, sobre Tiago.

Repórter: bom, esse aqui é o salão do Tiago, onde ele trabalha. Irlanda, você é cliente do Tiago há muito tempo já ou não?

Irlanda: muito tempo, uns 10 anos.

Repórter: então você conheceu o Tiago quando ele era travesti ainda?

Irlanda (cliente do salão): conheci.

Repórter: e como é que foi acompanhar essa mudança do Tiago?

Irlanda: no começo fiquei pensando se não era alguma coisa que depois pudesse mudar de ideia ou se não era alguma crise que tava tendo ou alguma desilusão, alguma coisa. A gente sempre pensa isso, né?

Ângela (cliente do salão): quando eu cheguei no salão e encontrei Tiago assim, com cabelo curto, realmente eu olhei assim e me espantei. A princípio eu pensei “será que Tiago está doente”, me espantei, porque Tiago era um travesti muito bonito, muito vaidoso.

Irlanda: mas depois, cada dia que passou, a gente foi tendo mais certeza de que ele tava bem, porque realmente a gente via que ele tava bem.

Repórter (falando com Tiago): Alneide, a sua mulher, também frequenta o salão. E como é que é, é bacana ser maquiada pelo marido?

Tiago: eu acho que é o sonho de todas as mulheres ter um marido cabeleireiro e maquiador.

Repórter: no dia seguinte, encontro Tiago na maior correria. Está marcado para hoje o parto da sua primeira filha. (...) Do caminho, ele combina uma carona para a sua mãe, a avó da criança.

Tiago: tá muito ansiosa?

Edite (mãe do Tiago): lógico! Estou ansiosa pra ver a carinha da minha neta logo.

Tiago: a gente pensou que ia demorar um pouco, porque eu tomei muito tempo de hormônio feminino e ela tem uma disfunção muito forte na tireóide e também toma remédio muito forte, controlado, daí eu pensei que realmente a gente teria que fazer algum tratamento, fazer alguma coisa para combater, né, para ela poder engravidar. Aí, quando a gente casou, viajou para a Argentina, passou alguns dias, aí o médico avisou que foi no primeiro ou segundo dia depois de casado, segundo a ultrassom.

Repórter (para Edite): como é que foi para você quando ele começou a deixar o cabelo crescer, resolveu colocar a prótese de silicone? Como você viu toda essa transformação do Tiago?

Edite: eu acho o seguinte: opção sexual você tem, é sua opção, mas querer formar de outra forma o seu corpo, eu não concordei muito. Mas ele falou “mãe, isso é um sonho meu”, então o que eu poderia fazer? Acolher o meu filho, ir para o hospital com ele, então eu aceitei ele da forma que ele queria ser, porque eu acho que a gente, como mãe, tem que abraçar os nossos filhos, né, o amor fala acima de todas as coisas.

Repórter (para Tiago): você nunca sentiu vontade de ser chamado como mulher, né?

Tiago: não. Não me importava muito com o nome, não.

Alneide e Tiago vão para a sala de parto e aparecem imagens do procedimento.

Repórter: pensou que isso poderia acontecer, Tiago?

Tiago: nunca imaginei. Muita emoção. A gente fica como quem sonha, né? Pode pegar, doutora?

O vídeo finaliza com show de Luís (drag queen). Quando comentam que ele não consegue segurar a emoção, Luís abraça o irmão e fala: “é porque é casa, né, onde você se sente à vontade, onde você se sente em casa, seguro”.

Vídeo 12. RELACIONAMENTO COM TRANSEXUAL – TRAVESTI SABRINA VELMONT

Olá divos e divas, tudo bem com vocês? Para quem não me conhece, meu nome é Sabrina Velmonth, se inscreva no meu canal, deixe seu like após terminar o vídeo e me siga lá no Facebook. Hoje o tema que eu vou falar é um tema que muitas meninas me pedem para falar, que é a questão do relacionamento da gente que é transexual. Gente, um relacionamento não é fácil para ninguém, já começa daí. Nós que somos transexuais, as coisas se tornam mais difíceis ainda, porque todos os homens que chegam para querer ficar com a gente só quer preço, sexo, putaria e mais nada. Depois que comeu, fudeu gostoso, eles vão embora. (...) Então, meus amores, o que acontece? Fui ficar com um rapaz que eu conheci já há algum tempo e nós tivemos uma química bem legal, uma coisa totalmente diferente, e após minha transexualização, essa coisa de hormonização que eu estou passando, ao tomar essas medicações o meu corpo passa por transformações (segura o peito), a gente fica nervosa, a gente fica assim, né, meu amor... e ele veio e acabou mexendo com minha cabeça, ou seja, a boboca aqui tá meio apaixonadinha pelo bofe. Quando a gente fica assim, apaixonada, a gente acaba sofrendo, né, então é o que eu falo para vocês – vocês que estão assim, apaixonada, cuidado porque é perigoso, que a gente conhece muito bem aquele ditado “homem é tudo igual, só muda o endereço”. Então, muito cuidado, vamos devagar, porque a gente só se fode, só se fode, só se ferra. Eu me abri para ele, disse que estou apaixonada por ele, que amo e ele falou também que me ama. Eu falei assim “meu amor, já que você me ama, eu te amo, vamos ficar junto”. Aí ele falou assim “ah, não posso, por conta de tudo aquilo que a gente já conversou e tal, não sei o quê”, ele falou isso depois da gente ter feito aquele sexo gostoso, aquelas coisas todas, aquela chupa rolagem gostosa, depois dele me jogar pra lá e pra cá e fazer em todas as posições, de quatro e tal, e eu fiquei nervosa quando ele me falou uma besteira dessa, de que não poderia estar junto. A gente que é transexual é mais difícil, aquela coisa toda de assumir e tal. Mona, eu fiquei tão

irritada que eu dei uma bofetada na cara dele para ele aprender a respeitar o viado, travesti, eu dei um tapa na cara dele.

Tipo assim, foi legal, gata? Não foi legal, porque não é da minha índole fazer isso com as pessoas, eu sou muito do amor e jamais ia dar na cara de ninguém. Mas eu fiquei muito fora de si, entendeu, fiquei arrependida de ter feito isso. Eu não sou desse tipo de agredir ninguém, eu sou realmente contra isso, mas eu fiquei fora de mim, ficou uma coisa insustentável para mim. Depois a gente ficou de bem, tá tudo de boa já e tá assim.

Então o que eu tenho para falar para vocês? Vocês que estão apaixonada, estão se doando, estão fazendo de tudo, cuidado, porque homem é tudo igual, só muda a porra do endereço. Então eu tô vendo que é exatamente isso, ainda mais para nós que somos transexuais. Muitas mulheres biológicas devem estar também sofrendo, passando pelo mesmo, é marido que trai, que apronta, que faz, que pinta e borda com a cara da gente e mulher é assim, né?!

Eu vou falar uma coisa para vocês, esse foi o bofe que eu fiquei depois de estar tomando esses hormônios todos, então os hormônios da gente, a gente fica sensível, atacada. Então, meus amores, eu acho que a gente tem que saber entender tudo isso que tá passando na vida da gente e temos que amar principalmente a gente, porque senão a gente só toma no cu.

Então, é isso que eu tenho para falar para vocês. Muito cuidado com esses homens safados e joguem o mesmo jogo que eles.

Por fim, o vídeo continua com Sabrina se despedindo e repetindo os mesmos recados iniciais.

Vídeo 13. Dificuldades de um homem trans Por Tia Claudia

Tia Cláudia: Oi, gente. Tia Cláudia com vocês aqui de novo. Hoje nós vamos falar sobre o cotidiano de um homem transgênero. Hoje eu trouxe para vocês um convidado especial, o Yuri. Ele vai conversar com vocês como lidar com esse tipo de pessoa, como lidar no dia a dia, certo? Então, Yuri, como você se descobriu?

Yuri: na verdade, a minha descoberta foi feita pela minha mãe. Devido o tempo que a gente cresce, minha mãe percebendo, me levou ao acompanhamento. Durante nove anos eu fiz esse devido acompanhamento e descobriram com o tempo, com todo

o procedimento, foram descobrindo... E eu fui contando para eles como eu gostava de agir, como eu agia, como eu procedia diante certas situações. Quando eu me assumi para minha mãe, eu não me assumi gostando de mulheres, eu me assumi gostando de uma mulher. Nunca disse para minha mãe que eu era uma lésbica e que eu gostava, sim, de mulheres. Nunca me rotulei “sou lésbica”, até porque eu já sabia que eu não era, eu sempre me senti um homem.

Tia Cláudia: então, Yuri, você já ficou com outro homem?

Yuri: sim, eu já tive...

Tia Cláudia: e como foi essa sensação? Você gostou? Você já sabia realmente o que você queria? Como que foi isso? Conta para a gente.

Yuri: os meus pais são evangélicos muito rigorosos e eu não sabia como lidar com essa situação. Então é aquela questão: “você vai para o inferno” – eu não acho que eu vou para o inferno. Não desdenhando a religião dos outros, mas essa foi a primeira coisa que vieram me dizer. Aí eu fiquei meio desnorteado e tal, colocaram essa dúvida na minha cabeça. Será? Tive que, por pressão, me envolver (com homens), tive relação, mas não é aquilo que eu desejo, porque eu não sinto nenhum prazer e nem afeição com homens. Para mim eu sou homem, homem, pronto e acabou.

Tia Cláudia: como você responderia para a gente, como lidar com o preconceito?

Yuri: o preconceito é algo que você tem que lidar todos os dias, porque começa de dentro para fora, começa dentro de casa até a rua, até a sociedade. Então eu indico para as pessoas que passam por essa situação para que não dê ouvidos, passem direto, que entre em um ouvido e saia no outro, porque se a gente for viver pensando naquilo que os outros vão falar da gente, a gente nunca vai suceder, nunca vai ser quem a gente realmente quer ser.

Tia Cláudia: você precisou de algum psicólogo ou de algum tratamento especial para você realmente ter a certeza do que você é, do que você quer?

Yuri: sim. Como eu disse no início, eu fiz um tratamento de nove anos para ter a conclusão de que realmente era isso. A gente tem todo um acompanhamento, nada é brincadeira. Eu digo para todos os transgêneros que fazem tratamento – eu sei que tem muitos que fazem avulso, eu já passei por essa fase – mas é o seguinte: não é brincado, gente. É coisa séria, tem contraindicações, então tem que ter cuidado,

acompanhamento. Nada é brincadeira, nada é moda, porque tem gente que pode fazer e se arrepender depois e tem coisas que não tem como voltar atrás.

Tia Claudia: Yuri, em relação à mudança do seu corpo, como foi para você isso? Você já tinha vontade de mudar o seu corpo, o seu visual? Vem de você mesmo?

Yuri: sim, desde criança eu tenho esse desejo. A minha mãe já chegou a falar para mim que, quando eu era criança, ela comprava calcinhas para mim, e eu queria a cueca dos meus primos. Camisa, eu não gostava de vestir camisa. Quando veio a aparecer os seios, eu arrumei um desespero – não queria colocar sutiã. Para minha mãe conseguir colocar um vestido em mim era uma dificuldade. Eu sempre me identifiquei como um trans hétero, então eu sempre gostei das minhas vestimentas bem masculinas, porque não é desdenhando também, porque tem trans gays, trans lésbicas e eu acho que a gente deve respeitar, porque gênero é uma coisa e orientação sexual é outra totalmente diferente.

Tia Cláudia: Yuri, uma pergunta que o povo gosta de fazer e eu vou te falar, tá? Tipo assim, qual é o seu verdadeiro sonho hoje?

Yuri: meu verdadeiro sonho, primeiramente, é mostrar para mim mesmo que eu sou capaz de ser aquele homem. Porque homem eu já sou, mas eu quero trazer tudo aquilo que tem dentro para fora. Porque você está vendo isso aqui, mas dentro de mim existe muito mais do que isso. E tudo é uma questão de tempo, mas eu já quero me ver um homem formado, porque até então eu sou um menino, né?! Outra coisa, eu quero me graduar, ser alguém graduado, para mim ter respeito. Porque eu vou te falar, toda profissão é digna – jamais... eu já passei por várias profissões – mas é humilhante, humilhante, porque o povo acha que a gente... O amor ao próximo está faltando e o povo acha que pode humilhar a gente por não ter certas condições como segundos têm e porque a gente está naquela profissão a gente não é digno. Mas a gente tem que mostrar, a gente já não tem muito valor, então o que a gente tem que fazer? Mostrar para esse povo que não é assim, que a gente pode chegar no mesmo nível de qualquer outro ser humano e a gente também é ser humano, tem sentimento como qualquer outro.

Tia Cláudia: Yuri, qual era o seu nome antes de transformar em “Yuri”?

Yuri: tem que falar isso? O meu nome era Franciele. Hoje, nos documentos, está Yuri. Isso foi um processo bem demorado, entre um ano e um ano e meio, mas, graças a Deus, tá aí.

Tia Cláudia: como lidar com traje? Com cintura? Por que sempre tem alguém...

Yuri: vestimenta e intrusos (seios), né?

Tia Cláudia: ... que falam, que não gostam, falam “olha lá como fulana se veste”.

Como lidar com isso?

Yuri: para mim é super normal, né, um homem como eu vestido normal, como qualquer outro homem. Os únicos problemas que tem é a questão dos intrusos, né? Os intrusos a gente tem que usar um tipo de binder, que a gente coloca por debaixo da camisa para apertar os intrusos, principalmente a gente que tem muito. Por exemplo, eu tinha muito, mas tem companheiros, amigos nossos que tipo, tem menores e usam fita microporosa, então facilita; outros malham bastante e secam mais rápido. Mas regata bem cavada já não dá para alguns, para outros já dão. Então é isso aí, para mim é super normal.

Tia Cláudia: e para terminar, Yuri, o que você tem a dizer para essas pessoas que tomam uma decisão como você tomou?

Yuri: eu quero dizer para as pessoas que tomaram essa decisão que o seu verdadeiro eu é assim e já se identificam como homem que vá mesmo, vá a luta. Mas, gente, vá com todo o cuidado, façam encaminhamento com os médicos, faça tudo direitinho e não tenha pressa, não, porque com o pouco que eu tenho, eu já estou satisfeito – claro, a gente tem ansiedade, porque eu, como homem trans, eu sei como é, todo dia a gente vai na frente do espelho e “ah, mas ele tem barba com três meses e eu não tenho”. Vamos ter calma, o tempo de cada um é de cada um e eu quero desejar felicidades, boa sorte, para cada um deles e desliga o ouvido para o mundo, porque se a gente realmente olhar o próximo, nem todo mundo quer o bem... Para as pessoas que não entendem essa questão, peço só que respeitem, porque a gente só está pedindo tolerância, não está pedindo para aceitar. Respeitem, pronto e acabou. Você não precisa ficar 24h sorrindo para aquela pessoa, sendo falso, só respeitar, você pode passar direto se for a sua opção. Respeitar para gente basta, porque só quem tá na pele sabe o que a gente passa todos os dias.

Tia Cláudia: vamos dizer não ao preconceito.

Yuri: não ao preconceito. Ó, gente, e nome social é direito, tá? Vamos ficar ligados nessa campanha que a gente está aí porque a gente precisa disso, tem outros trans correndo atrás dessa questão, então eu queria deixar a dica já, aproveitando que ela (Tia Cláudia) me deu a oportunidade, para a gente estar continuando com essa campanha aí. Nome social é direito, sim.

O vídeo finaliza com agradecimentos e despedida.

Capítulo 6. Dramáticas do viver, interpretações e interlocuções reflexivas

Tendo em vista organizar a apresentação dos resultados interpretativos e das interlocuções reflexivas que suscitam, decidimos dividir o presente capítulo em três partes. Duas delas correspondem à apresentação de resultados interpretativos, enquanto a terceira consiste num trabalho de cunho reflexivo e dialógico.

A primeira parte, intitulada “Dramáticas do viver”, que se inspira de modo livre na análise temática de Braun e Clarke (2006, 2013)⁶¹, consiste numa apresentação, acompanhada de alguns comentários nossos, das dificuldades conscientemente percebidas pelas pessoas trans que produziram os vídeos aqui estudados, a partir dos relatos dos próprios vídeos. É importante ressaltar que evitamos falar em temas porque esse termo privilegia o registro verbal que, na perspectiva da psicologia concreta, é pensado como área de expressão da conduta (Bleger, 1963/2007). Deste modo, preferimos falar em “Dramáticas do viver”, para lembrar que as dificuldades não são apenas algo de que se fala, mas sobretudo aquilo que as pessoas vivem e, por esse motivo, narram (Politzer, 1928/2004). Sendo assim, aqui abordaremos, a partir do material de pesquisa que estudamos, as seguintes “Dramáticas do viver”: dificuldades nas relações familiares, nas relações amorosas, na escola, no trabalho, na vida cotidiana, no sistema de saúde, na segurança pessoal, na relação com o próprio corpo e sensação de falsidade pessoal.

A segunda parte, intitulada “Interpretações”, consiste na definição dos campos de sentido afetivo-emocional criados/encontrados, que ilustraremos a partir de trechos do material de pesquisa. Conforme já esclarecemos, o conceito de campo equivale, na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, à dimensão inconsciente, pensada não como restrita ao psiquismo individual, mas como ambiente vincular intersubjetivamente produzido.

A terceira parte, dedicada às “Interlocuções reflexivas”, corresponde ao estabelecimento de um diálogo com contribuições de Monique Wittig e Donald W.

⁶¹ Entre nós, a análise temática de Braun e Clarke (2006, 2013) tem sido produtivamente usada por Corradi-Webster (2020).

Winnicott⁶² acerca dos dois campos de sentido afetivo-emocional que produzimos interpretativamente. Cabe destacar que estamos aproximando dois autores aparentemente distantes, mas, como esperamos demonstrar, refletir sobre nossos resultados interpretativos à luz de uma articulação de seus pensamentos pode revelar-se bastante produtivo e instigante.

Dramáticas do viver

Ainda que o método psicanalítico não se organize apenas em torno de análises temáticas, indiscutivelmente importantes em pesquisas qualitativas que se utilizem de outros referenciais epistêmico-metodológicos (Braun & Clarke, 2006), acreditamos que um estudo atento acerca das dificuldades conscientemente percebidas pelos autores dos vídeos seja bastante relevante do ponto de vista psicológico. Sabemos, evidentemente, que aquilo que surge na consciência das pessoas pode estar distorcido pela ação de defesas, que entram em jogo para evitar sofrimento emocional, mas esse fato não diminui, em nada, a importância daquilo que é assumido como percepção e reflexão pessoal. Assim, lembramos que, sempre que o desenho de pesquisa permitir, vale a pena levar em conta tanto as fantasias a partir das quais se definem campos não conscientes como o campo da consciência⁶³.

A consideração daquilo que se apresenta ao campo da consciência dos autores dos vídeos permitiu-nos identificar as seguintes “Dramáticas do viver” associadas à transgeneridade: dificuldades nas relações familiares, nas relações amorosas, na escola, no trabalho, na vida cotidiana, no sistema de saúde, na segurança pessoal,

⁶² Utilizaremos, neste capítulo, o pensamento winnicottiano tal como surge quando considerado à luz das exigências epistemológicas da psicologia psicanalítica concreta, que coincide com a ontologia do ser social. Tal perspectiva valoriza a visão winnicottiana acerca da capacidade criadora humana e do reconhecimento dos riscos inerentes à submissão. Com isso, queremos evidenciar que não trabalharemos com a proposta relativa ao elemento feminino puro, como “ser”, e de elemento masculino puro, como “fazer”, por considerá-la controversa, na medida em que coloca o feminino e o masculino em espaços de passividade e ação, respectivamente, corroborando com as normas de gênero.

⁶³ Lembramos que o material que utilizamos na presente pesquisa é particularmente rico, no que diz respeito ao que é conscientemente assumido, em virtude de corresponder a depoimentos voluntários feitos a partir de iniciativa própria e não em resposta a solicitações alheias, como ocorre habitualmente em entrevistas de pesquisa. Trata-se de uma condição muito diferente da que encontramos quando, por exemplo, abordamos transicionalmente professores sobre crianças adotadas (Pontes *et al.*, 2008), um assunto que não se revestia de participar importância para os entrevistados. Desse modo, naquela ocasião, e em muitas outras análogas a ela, fomos diretamente para a consideração psicanalítica das fantasias, a partir das quais se estruturavam os desenho-estórias, sem nos determos em análises das “Dramáticas do viver” eventualmente presentes em suas produções.

na relação com o próprio corpo e sensação de falsidade pessoal. O Quadro 11 permite uma apreciação panorâmica desses conteúdos em termos dos diferentes vídeos a partir dos quais se expressam.

Quadro 11. Vídeos que ilustram as “Dramáticas do viver” identificadas no material de pesquisa.

Dramáticas do Viver	Vídeos	Número de produções
Dificuldades nas relações familiares	V3, V8, V11, V13	4
Dificuldades nas relações amorosas	V12, V13	2
Dificuldades na escola	V1, V3, V8, V11	4
Dificuldades no trabalho	V3, V5, V7, V8	4
Dificuldades na vida cotidiana	V1, V3, V6	3
Dificuldades no sistema de saúde	V4, V6, V9, V10	4
Dificuldades na segurança pessoal	V3, V11	2
Dificuldades na relação com o próprio corpo	V2, V11, V13	3
Sensação de falsidade pessoal	V1, V2, V3, V7, V8, V11	6

Primeiramente, destacamos que as dificuldades relatadas pelos autores dos vídeos apontam para vivências comuns às pessoas transgêneras, visto que todas elas aparecem, ao menos, em dois dos vídeos que compõem o material desta pesquisa. Assim, se fizeram comuns tanto aquelas queixas mais visíveis socialmente, como nas relações interpessoais, na escola, no trabalho, na vida cotidiana etc., como sentimentos em relação ao próprio corpo e sensação de falsidade pessoal, que podem ser vivenciadas de modo mais íntimo, mas também se inserem em contextos macrossociais, como esperamos tratar ao longo deste capítulo.

Dito isso, dentre as dificuldades enfrentadas, destacamos primeiro as dificuldades nas relações familiares. Aqui, vale lembrar que as famílias lidam com a

transgeneridade de formas diversas, encontrando-se, no material, tanto relatos de apoio e respeito, como de novas violências e exclusões às pessoas trans:

“[Meu pai] veio e perguntou para mim ‘ah, filho, eu vim de longe e quero saber o que que tu é? O que que tu gosta? O que que tu quer? Quer ser mulher?’. ‘Eu quero ser mulher’. E ele bem assim: ‘ah, então tá, eu vou te aceitar do jeito que tu for’”. (Vídeo 11).

“Na minha casa, sou obrigada a me comportar como macho, como homem” (Vídeo 3).

“Meu pai era super preconceituoso com tudo, com tudo que você imaginar. Eu tive aquele medo, então eu fui crescendo demonstrando isso para eles, mas em nenhum momento se assumindo (...) Eu tava tão reprimido isso dentro de mim, que quando ela veio para falar eu assumi tudo, eu disse tudo, falei que era isso que eu era e eu tinha 13 anos apenas. E foi quando tudo desmoronou na família, os laços familiares foram desmoronando” (Vídeo 3).

“E com isso eu fui adquirindo débitos e débitos, porque eu tinha que pagar recinto, eu não tinha onde morar porque eu tinha saído de casa com 14 anos por conta de que a família não aceita. (...) Então eu passei muita fome, passei necessidades, muitas vezes eu dormi embaixo de coisa de papelão para poder me esconder da chuva ou do vento ou do frio...” (Vídeo 8).

Em dados obtidos pelo AfroRaggae (2015a), 37% das 60 travestis e mulheres trans entrevistadas viviam em abrigos, sendo que se estima que a expulsão de casa ocorra, em média, aos 13 anos de idade (Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2017). Assim, não é incomum que pessoas trans tenham que ocultar aspectos de seu viver para não serem expulsas por seus familiares, podendo, muitas vezes, ser essa a primeira instituição a violentá-las (Souza, 2012). Aqui, a condição das pessoas transgêneras difere da de outros grupos estigmatizados, tais como minorias raciais e religiosas, onde a família e a comunidade se constituem como locais de apoio e fortalecimento (Drescher, 2014).

Ainda na esfera das relações interpessoais, deparamo-nos também, no material, com dificuldades nas relações amorosas. Como exemplo, citamos o seguinte relato:

“(...) um relacionamento não é fácil para ninguém, já começa daí. Nós que somos transexuais, as coisas se tornam mais difíceis ainda, porque todos os homens que chegam para querer ficar com a gente só quer preço, sexo, putaria e mais nada. Depois que comeu, fudeu gostoso, eles vão embora” (Vídeo 12).

Obviamente, existem relacionamentos possíveis e estáveis com pessoas trans, como quando essas apareciam acompanhadas, no material de pesquisa, embora o tema amoroso não fosse o foco de suas falas. Contudo, de acordo com Alexandre e Santos (2019), quando o relacionamento amoroso ocorre entre uma pessoa trans e outra cis, esse é comumente marcado pelo encontro de histórias distintas de aceitação social e passabilidade⁶⁴, e usualmente enfrenta exclusões, violações de direitos e tentativas de eliminação devido às normas sociais. Ao mesmo tempo, tal relação pode ser fonte de processo libertário ampliado, devido ao afrouxamento da cisheteronormatividade, sendo o apoio social uma importante fonte de empoderamento e enfrentamento das situações adversas.

No entanto, o que gostaríamos de evidenciar aqui é a possibilidade da mescla entre “objetificação” e “solidão” na biografia de pessoas trans, o que se reflete não apenas na fala acima mencionada, mas também em levantamentos que apontam, por exemplo, que o Brasil é o país que mais busca pornografia de pessoas trans na plataforma de conteúdo adulto Pornhub (2016), ao passo que também é o que mais assassina esse público (Benevides & Nogueira, 2020).

Outra das dramáticas do viver relatadas pelas pessoas trans diz respeito às dificuldades na escola, as quais podem se dar sob o signo do que Bento (2011) denomina de terrorismo contínuo e que se concretiza tanto por meio de violência física como simbólica, provocando a saída da escola sob o signo da expulsão, vale dizer, de um banimento violento:

⁶⁴ De acordo com Lanz (2015), o termo passabilidade pode ser definido como o quanto uma pessoa transgênera aparenta, em seu físico, vestimentas, fala, gestos e comportamentos, pertencer a determinado gênero, de acordo com os estereótipos socialmente produzidos.

“[Na escola] uns meninos (...) colocavam a [minha] cabeça dentro da privada. (...) Depois começam com as agressões físicas, (...) as piadas agressivas, (...) os nomes horrorosos” (Vídeo 8).

“(...) no colégio foi muito sofrido, tinha vezes que eu lembrava que eu não queria ir para o colégio, porque o preconceito tipo folgação, mexer comigo, me bater, tacar os lanches em mim, era demais” (Vídeo 11).

Não nos surpreende, assim, dados como os do projeto “InfoReggae: Além do Arco-íris”, que entrevistou cerca de 60 travestis e mulheres trans e obteve que, dessas, 45% não possuíam ensino fundamental completo (AfroReggae, 2015a)⁶⁵. A experiência clínica e de vida, bem como a leitura de biografias, permitem que compreendamos que é muito difícil permanecer na escola numa sociedade agressiva e transfóbica.

A formação escolar/acadêmica insuficiente constitui-se, portanto, uma ocorrência comum, a qual dificulta o acesso dessas pessoas ao mercado de trabalho. Compreendemos, assim, que dificuldades na escola se associam intimamente com as dificuldades no trabalho. Como o trabalho ocupa um importante lugar na vida individual, enquanto meio de sustento e obtenção de bens na sociedade capitalista, o não-trabalho acaba por colocar essas pessoas em situação de maior vulnerabilidade social (Souza, 2012). É nesse contexto que a prostituição pode surgir como alternativa para aquelas que, tendo decidido deixar de ocultar o modo como se sentiam, enfrentam os preconceitos sociais:

“Eu sou prostituta justamente por pessoas que têm a cabeça como a tua, (...) que não dão oportunidade a pessoas como nós [transgêneras]. A única maneira que temos de fazer ou é roubar ou é se prostituir. (...) Preferimos vender os nossos corpos para poder viver, pagar aluguel, comer, se manter e viver dignamente” (Vídeo 8).

⁶⁵ As edições do InfoReggae têm por finalidade produzir reflexões e levantar debates por meio de dados e números contextualizados. Trata-se de uma produção articulada à organização não-governamental AfroReggae, cuja uma das ações é o “Além do Arco-Íris”, que trabalha com estratégias de defesa e empoderamento de pessoas LGBTQ+ (AfroReggae, 2015b).

Assim, encontrariam na prostituição não apenas fonte de renda, mas também a possibilidade de serem reconhecidas e de vivenciarem o gênero com o qual se identificam, apesar da precarização, estigmas e violências que acompanham a atividade (Souza, 2012; Antunes, 2010). Entretanto, cabe lembrar, com Antunes (2010), que a valorização da juventude, comum na prostituição, deixa aquelas que envelhecem em condição de desamparo e de busca de outras formas de ganhar o próprio sustento, entre as quais se incluem a busca por assistência social e a marginalidade.

Vale dizer que mesmo direitos básicos, de pessoas transgêneras, que optam por viver segundo seu próprio sentir, são frequentemente violados. Não surpreende, assim, que, devido ao preconceito social, as dificuldades na vida cotidiana venham a se exacerbar, sobretudo quando não se é “passável”. Relatos de dificuldades várias, relativas a poder usar um banheiro público, a poder abrir uma conta bancária, a poder registrar um boletim de ocorrência, a poder utilizar o nome com o qual se identificam⁶⁶ ou até mesmo a poder circular na rua, sem se tornar alvo de ódio e violência, revelam-se muito comuns. Tais dificuldades podem ser vivenciadas como desamparo e humilhação, provocando muito sofrimento:

“(...) de eu ir no banheiro público masculino porque não deixavam eu entrar no feminino, daí eu tinha que ir no masculino. E aí tu tinha aquela agressão dentro dos banheiros, né... É empurrão, né, 'saí daqui', essas coisas... 'saí daqui, teu banheiro não é esse', tipo assim, né... aí você vai para o outro banheiro e seu banheiro também não é esse, e você fica...” (Vídeo 3).

“Aí tem a questão do nome que eu ainda não retifiquei, né?! A empresa não respeitou o meu nome, eu trabalhei um ano e quatro meses na empresa, tive que ficar um ano e quatro meses com o meu nome civil exposto, porque a empresa não quis respeitar” (Vídeo 6).

⁶⁶ Frisamos que um atendimento em saúde humanizado, acolhedor e livre de qualquer preconceito, dentre os quais se destaca o uso e o respeito ao nome social de pessoas transgêneras, é respaldado por diversas normativas legais, dentre as quais destacamos a Portaria nº 1820/2009, do Ministério da Saúde (Brasil, 2009). Não obstante, esclarecemos que a alteração de prenome e do gênero designado ao nascimento é facilitada pelo Provimento nº 73/2018 (Conselho Nacional de Justiça, 2018), mediante autodeclaração em cartório, isto é, independente de realização de cirurgias de afirmação de gênero, tratamento hormonal e/ou laudos médicos ou psicológicos.

“Senti [que fui] invadido, exposto, humilhado e foi com isso que eu fui ficando doente” (Vídeo 6).

O tema “Dificuldades no sistema de saúde” também figurou em nosso material. Sem dúvidas, os avanços científico-tecnológicos ampliaram as possibilidades de intervenções hormonais e cirúrgicas que podem ser requeridas por pessoas trans. No entanto, ainda deparamo-nos com a exclusão dessas da possibilidade de acesso ao sistema de saúde, além da invisibilização de demandas outras, que não aquelas com relação à transgeneridade. Esta situação se complica bastante quando os recursos financeiros próprios são mais escassos, tornando indispensável o uso de equipamentos de saúde pública:

“Fica claro que o sistema público de saúde não está pronto para receber as pessoas trans. Nem o público, nem o privado, o sistema de saúde no geral. Além disso, a gente não pode procurar um psicólogo, porque a maioria dos psicólogos seguem um discurso patologizante de que a transexualidade é doença. A gente não pode procurar endocrinologista, porque endocrinologista não está pronto para nos receitar os hormônios, porque os hormônios que a gente toma não são específicos para isso, né, os hormônios femininos são ou contraceptivos para mulheres cis ou repositores de estradiol para mulheres cis na menopausa” (Vídeo 9).

“...eu tive a sorte de ter nascido em uma família com a condição financeira boa e ter acesso a um plano de saúde bom, para não precisar ir ao SUS, mas essa não é a realidade da maioria” (Vídeo 9).

Em nosso material, esse tema apresenta-se de modo convergente com o que vem sendo veiculado na literatura científica sobre essa questão, como por exemplo em Rocon *et al.* (2020a) que, ao estudarem o acesso à saúde da população trans brasileira, obtiveram como resultado que a discriminação, a patologização, a falta de qualificação profissional e acolhimento adequado, a escassez de recursos para políticas públicas e a ausência de programas específicos constituem os principais obstáculos para o acesso e permanência das pessoas trans nos cuidados em saúde. Não obstante, achados de outras pesquisas indicam também para a existência de desrespeito ao uso do nome social nos serviços de saúde e associação da

transgeneridade aos programas de HIV/Aids (Monteiro e Brigeiro, 2019; Rocon *et al.*, 2016); a distribuição geográfica desigual dos serviços existentes para essa população (Rocon *et al.*, 2019), contribuindo para a mercantilização das ações em saúde (Sousa & Iriart, 2018) e para a exposição dessa comunidade ao risco de doenças devidas ao uso excessivo, descontrolado e desassistido de hormônios e modificações corporais (Carrara *et al.*, 2019); e a alocação de pessoas trans em salas de emergência ou enfermarias em desacordo com sua identidade de gênero, como também dificuldades na oferta de cuidados vinculados ao gênero, por exemplo, assistência ginecológica e obstétrica e acesso ao aborto legal, sobretudo quando não há retificação de seus documentos civis (Gomes *et al.*, 2018). Vale frisar que alguns dos autores mencionados, como Monteiro e Brigeiro (2019) e Gomes *et al.* (2018), para além das dificuldades mencionadas, identificaram certa melhora nos cuidados em saúde para a população LGBT+, como a menor discriminação sofrida nos equipamentos de saúde, a despatologização da homossexualidade e a instituição do “processo transexualizador” no SUS, o que atribuem, principalmente, aos movimentos sociais e à agência dessas pessoas.

A bem da clareza, quando levamos em conta a assistência em saúde e a condição das pessoas trans, é importante diferenciar duas questões: aquelas que se vinculam diretamente a procedimentos médicos, hormonais e cirúrgicos, que permitem mudanças corporais que facilitam transformações na aparência, que aproximam a pessoa do modo como se sente e/ou da passabilidade, e as questões de saúde não diretamente vinculadas à condição transgênera.

Nos vídeos aos quais tivemos acesso, são comuns relatos vinculados a primeira situação supracitada. Provavelmente, isso se deve ao fato da passabilidade corresponder a algo sumamente almejado por muitas pessoas transgêneras, tanto pela satisfação de ser reconhecida tal como se identifica, como pela diminuição do preconceito vivenciado em seu cotidiano, em diferentes âmbitos (Lanz, 2015; Souza, 2012)⁶⁷.

Além disso, como se pode facilmente supor, a passabilidade requer recursos financeiros, na medida em que envolve tratamentos estéticos, hormonais e/ou cirúrgicos, entre outros. Aliada à carência e distribuição regional desigual dos

⁶⁷ Ainda que a passabilidade seja algo comumente desejado, em função dos fatores mencionados, não podemos deixar de pontuar que essa ratifica o binarismo de gênero, uma vez que dele deriva (Lanz, 2015).

cuidados de saúde, a qual contribui para a mercantilização das demandas desse público, principalmente de modificações corporais (Sousa & Iriart, 2018), torna-se importante compreender não apenas as condições que se vinculam aos cuidados médicos, hormonais e cirúrgicos, que requerem as pessoas trans, mas também às questões que se relacionam indiretamente com esse cuidado. Deste modo, entendemos que as dificuldades no sistema de saúde facilmente se associam com outras esferas, para aqueles que apresentam condições econômicas precárias, habitualmente associadas às dificuldades no trabalho e, como pudemos ver, às dificuldades na escola. Assim, pertencer a uma família que oferte apoio afetivo e financeiro pode contribuir como fator de proteção para essas pessoas.

Outro importante tema, que encontramos aqui, é aquele que versa sobre as dificuldades na segurança pessoal, em que o medo da morte se faz muito presente para pessoas trans que optam por viver segundo seu próprio sentir. Deparamo-nos com as seguintes falas nos vídeos que analisamos:

“Ah, eu tenho medo de apanhar, de ser agredida” (Vídeo 11).

“É de continuar vendo amigas minhas morrerem, de ver um dia, assim, a fulana morreu ou então tá nas drogas, é um medo também de eu não conseguir talvez conquistar o que eu quero, sabe, enfim, e voltar a vida que eu tinha antes, enfim, definhar...” (Vídeo 3).

“[Tenho] um medo de não durar muito, não ter a minha vida muito prolongada por conta da minha identidade” (Vídeo 3).

Esse receio parece derivar de bases bastante realistas, pois, como reconhece Bento (2011), seriam “...corriqueiras as notícias de pessoas transexuais e travestis assassinadas no Brasil sem que haja apuração e punição dos/as culpados/as” (p.554)⁶⁸. Na mesma linha, Antunes (2010)⁶⁸ constatou, em pesquisa de mestrado sobre

⁶⁸ Salientamos que o Supremo Tribunal Federal, por meio da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão – ADO, nº 26, de 2019, compreendendo a morosidade do legislativo em editar leis que criminalizem atos de homofobia e transfobia, equivaliu esses ao crime de racismo (Lei 7.716/1989), entendido para além de aspectos estritamente biológicos ou fenotípicos, ou seja, abarcando também a violência a “grupos vulneráveis”. A decisão deve permanecer até que o Congresso Nacional edite lei específica sobre a matéria (Supremo Tribunal Federal, 2019).

o envelhecimento de travestis, que essas eram vistas como alvos de interações desumanizadoras desde a tenra idade, tendo suas histórias marcadas pela marginalização e preconceito. Devido a esses fatores, como também à baixa expectativa de vida dessa população, resultante da violência social, o autor considera as que chegam até a velhice como verdadeiras sobreviventes.

Como se pode ver, é forte a impressão de que as pessoas transgêneras, que vivem de acordo com o seu próprio sentir, fogem ao sofrimento que a inautenticidade provoca. Contudo, ao se autoafirmarem, defrontam-se concomitantemente com dificuldades altamente significativas. Esse quadro nos conduz a considerar que nos encontramos diante de uma clara manifestação de sofrimento social, causadora de sentimentos de desamparo, humilhação e injustiça (Renault, 2010). Compreende-se, portanto, a afirmação de Bento (2011) quando diz que:

...a possibilidade de se reivindicarem direitos humanos se restringe a um grupo muito reduzido de sujeitos que têm atributos que o lançam ao topo da hierarquia: são heterossexuais, brancos, homens masculinos, membros da elite econômica/intelectual/política. O afastamento desses pontos qualificadores de humanidade reduz a capacidade de o sujeito entrar na esfera dos direitos e de reivindicá-los (p.554).

Até aqui, tivemos oportunidade de compreender dificuldades que se alinham mais à situação de pessoas transgêneras que, vivendo a ocultação daquilo que é sentido como verdadeiro como algo intolerável e corrosivo, enfrentam o processo de *coming out*⁶⁹. No entanto, é possível pressupor a existência de sofrimentos outros, que podem ser vivenciados de forma mais íntima, isto é, sem a necessidade dessas pessoas se afirmarem socialmente, embora também não se desvinculem de contextos macrossociais. No material de pesquisa, esses correspondem às dificuldades na relação com o próprio corpo e a sensação de falsidade pessoal.

As dificuldades na relação com o próprio corpo figuram no material como sensação de desconforto e até mesmo de repúdio ao que concebem, em seus corpos, como pertencente ao gênero designado ao nascimento. Considerando a importância dos processos de personalização, descritos por Winnicott (1958/1978) como

⁶⁹ Neste caso, afirmar-se socialmente como uma pessoa transgênera, expressão popularmente conhecida, no Brasil, como “sair do armário”.

capacidade de habitar o próprio corpo, bem como seu significado na cultura contemporânea, podemos entender, sem grande esforço, que também aqui nos deparamos com sofrimento emocional importante. Elucidamos as seguintes passagens como exemplo:

“Então, imaginem só, tu é trans, ou seja, tu tá num ‘corpo errado’ e tu tem que olhar todos os dias para o espelho e ver uma imagem que não é tua (...) tu não pode se livrar [das partes do corpo que incomodam], não tem um jeito de se livrar, tem como amenizar de alguma certa forma, mas não tem como se livrar. Então se tu tem um desconforto com o peito, tu tá preso aquilo e aquilo, pelo menos no meu caso, trazia uma sensação de sufoco enorme, tipo, e me batia um desespero e uma tristeza enorme” (Vídeo 2).

“Toda noite eu orava e falava assim: Deus, amanhã quando eu crescer, quando eu acordar, eu quero acordar menina, porque Você me colocou no corpo errado?” (Vídeo 11).

Todavia, vale lembrar que nem todas as pessoas transgêneras se relacionam da mesma maneira com o corpo, variando amplamente seus sentimentos, pensamentos e eventuais demandas de modificação. Essa é uma questão muito importante e compreensível porque a relação de cada um com o corpo vivido é algo que transcende a esfera erótico-sexual, fundando-se nos processos primitivos de personalização, bem descritos por Winnicott (1958/1978), que entram em jogo quando o bebê vivencia as primeiras experiências de *“going on being”*, ou seja, de continuidade de ser, a partir das quais se constituirá paulatinamente como um *self* relativamente separado do mundo *“not-me”*. Assim, o sentido pleno de buscar ou, ao contrário, de recusar cirurgias de afirmação de gênero, varia de pessoa para pessoa. Na verdade, qualquer uma dessas iniciativas pode ser presidida por motivações mais ou menos saudáveis, mais ou menos defensivas, mas o material de que dispomos não permite que nos pronunciemos no momento sobre tal questão. Em todo o caso, deparamo-nos, estudando nosso material, com falas como a seguinte:

“Eu não quero fazer [cirurgia de afirmação de gênero genital] porque hoje em dia eu me (...) aceito e me amo do jeito que eu sou. Eu nasci o que eu sou e vou continuar sendo o que eu sou” (Vídeo 11).

As dificuldades na relação com o próprio corpo revelam-se, a nosso ver, como fenômeno bastante complexo, quando não cometemos o equívoco de considerar a singularidade individual de modo abstrato, natural e descolado das condições concretas da coexistência e da vida social. Abordando essa questão, Moira *et al.* (2017) afirmam que a pessoa trans chega a odiar o próprio corpo, que pode ser compreendido como obstáculo que a impede de ser, diante do outro, do modo como se sente e se concebe. Em outros termos, a construção social binária dos corpos, como homens e mulheres, cada qual com suas características antagônicas e bem circunscritas, poderia contribuir para a aversão ao próprio corpo por parte das pessoas trans e a um fechamento em relação a outras possibilidades, tais como a de mulheres com pênis e homens com vulva, por exemplo.

Por fim, deparamo-nos ainda, no material de pesquisa que estudamos, com a sensação de falsidade pessoal, a qual se articula à não adequação de pessoas transgêneras em relação ao gênero designado ao nascimento, bem como aos papéis de gênero correspondentes. Como ilustrações desse tema, explicitamos as seguintes expressões por parte dos *youtubers*:

“E você tá mostrando uma coisa que você escondeu por muito tempo pros outros. É quem eu sou agora, sabe, antes era uma máscara, parecia que eu estava o tempo inteiro de fantasia” (Vídeo 1).

“Então tu nasce na sociedade transfóbica que já te passa uma transfobia. Só que tu é daquele jeito, então tu... Aquilo acaba te... tu acaba te reprimindo mais e mais, além de todo mundo já te falar não pode fazer isso porque tu não é um homem, além daquilo tem tu mesmo se dizendo ‘aí, eu não posso fazer isso. Queria muito fazer isso, mas eu não posso fazer isso porque eu não tenho um genital’” (Vídeo 2).

“Então finalmente eu consegui cortar o meu cabelo e aí eu consegui comprar roupas masculinas, que alívio enorme” (Vídeo 2).

Quando a pessoa trans vive de acordo com o seu próprio sentir, pode escapar da sensação de farsa, isto é, à sensação de que vive como se estivesse atuando num sentido teatral – o que, como vimos, implicará diversas dificuldades. Por outro lado, a pessoa que decide não se afirmar conforme seu sentir, pode vivenciar-se como artificial, o que, como bem demonstrou Winnicott (1963/1983), associa-se a experiências de forte sofrimento subjetivo, na medida em que esse estado afeta a possibilidade do indivíduo sentir-se vivo e real. Em outros termos, ao sentir-se como alguém que finge ser quem não é, a pessoa teria seu potencial criador e sua espontaneidade, pilares centrais da sanidade, no entendimento do autor, radicalmente prejudicados (Winnicott, 1963/1983).

Colocadas as principais dificuldades conscientemente percebidas pelos *youtubers*, no material de pesquisa, passaremos agora para a apresentação dos campos de sentido afetivo-emocional, isto é, de nossas interpretações acerca dessas produções, em busca de criar/encontrar os campos de sentido afetivo-emocional, nem sempre conscientes, que essas pessoas habitam.

Interpretações

Finda a apresentação das “Dramáticas do viver”, presentes no campo da consciência (Bleger, 1963/2007) das pessoas trans, autoras dos 13 vídeos que constituem o corpus da presente pesquisa, passamos, agora, à consideração psicanalítica do material, seguindo as palavras de ordem de Herrmann (1979/2001, p.40): “Deixar que surja”, “Tomar em consideração” e “Completar a configuração de sentido”. Por essa via, chegamos à proposição de dois campos de sentido afetivo-emocional, que denominamos “Perverso e degenerado” e “Ser ou não ser verdadeiro”. Tais campos correspondem aos nossos resultados interpretativos e, como sabemos, definem-se como uma espécie de região ou mundo emocional que se configura ao redor de crenças, valores ou fantasias. Assim, uma boa definição, que denote apreensão de seus elementos fundamentais, será, forçosamente, breve e sucinta. Seguindo tal diretriz, elaboramos as definições que se seguem.

O primeiro campo de sentido afetivo-emocional, intitulado “Perverso e degenerado”, é aquele que se organiza ao redor da crença ou fantasia de que a recusa

de se conformar ao “sexo biológico”⁷⁰ corresponde a uma forma de anormalidade moral, livremente escolhida pela pessoa. Como ilustração das condutas, presentes no nosso material de estudo, que devem ser consideradas como emergentes desse primeiro campo, podemos aqui lembrar, por exemplo:

“Então, minha vida toda, por ter sido criado nessa sociedade transfóbica, uma luta entre eu me aceitar, porque é difícil tu se aceitar, imagina toda uma sociedade falando que isso aqui é doença, isso aqui errado, isso aqui não existe e tu é aquilo. Então, é uma luta mental muito grande, assim, que tu fica e porque tu acaba internalizando que ser trans, por exemplo, uma das coisas que eu acabei internalizando, sei lá, que ser trans é feio e que é errado e que as pessoas acham esquisito e esse tipo de coisa, eu acabei internalizando e até que, por sorte, eu consegui resolver isso na minha cabeça” (Vídeo 2).

“Eu lembro que no colégio as pessoas olhavam para mim e me chamavam de menininha, de mulherzinha e tudo mais. Se eu ia falar com a diretora, ela falava ‘ué, se você não se vestisse/comportasse como mulher, talvez eles não te chamassem assim’. Mas eu não sabia que eu me comportava como mulher, eu era assim, nascido dessa forma, entendeu?” (Vídeo 11).

“Os meus pais são evangélicos muito rigorosos e eu não sabia como lidar com essa situação. Então é aquela questão: “você vai para o inferno” – eu não acho que eu vou para o inferno. Não desdenhando a religião dos outros, mas essa foi a primeira coisa que vieram me dizer. Aí eu fiquei meio desnorteado e tal, colocaram essa dúvida na minha cabeça. Será?” (Vídeo 13).

O segundo campo de sentido afetivo-emocional, intitulado “Ser ou não ser verdadeiro”, é aquele que se organiza ao redor da crença ou fantasia de que é importante ser fiel ao próprio sentir. Para ilustrar que tipo de condutas, expressas nos

⁷⁰ Usamos aspas para lembrar que a noção de sexo biológico, geralmente vivenciada em nossa cultura como um dado concreto, que pertenceria à esfera do ser orgânico (Lukács, 1978/2013), corresponde, na perspectiva de Bleger (1963/2007) a uma abstração socialmente produzida, que se mantém distante do concreto da experiência vivida.

vídeos que estudamos, podem ser consideradas como emergentes desse campo, citamos, por exemplo:

“Então tu nasce na sociedade transfóbica que já te passa uma transfobia. Só que tu é daquele jeito, então tu... Aquilo acaba te... tu acaba te reprimindo mais e mais, além de todo mundo já te falar não pode fazer isso porque tu não é um homem, além daquilo tem tu mesmo se dizendo ‘aí, eu não posso fazer isso. Queria muito fazer isso, mas eu não posso fazer isso porque eu não tenho um genital’” (Vídeo 2).

“(...) a gente não sabe que é a gente também é trans, a gente só vê que não nos encaixamos em nada, em nenhum padrão, e talvez até uma criança nascida com o sexo feminino pense ‘eu sou um homem, eu queria ser um homem’, mas ela não consegue ainda dar um termo para ela, porque não é fácil dar esse termo” (Vídeo 2).

“Nós devemos enfrentar tantas dificuldades iniciando a partir do momento de quando nós se descobrimos transexuais, que isso sucede quando a gente tem em volta de 4-5 anos e já nos sentimos diferentes do resto das crianças que está em torno de nós – nossos primos, parentes próximos...” (Vídeo 8).

Vale notar que os dois campos de sentido afetivo-emocional, “Perverso e degenerado” e “Ser ou não ser verdadeiro”, não esgotam, de modo algum, a riqueza do material estudado, uma vez que os vídeos são, em si mesmos, produções dotadas de grande complexidade. Afinal, devemos nos lembrar de que todas as condutas humanas emergem provavelmente de múltiplos estratos ou camadas de sentido afetivo-emocionais. Sabemos, portanto, que todo material, vale dizer, que todo ato humano, seja psíquico, corporal, ação sobre o mundo externo ou produtos remanescentes dessa última (Bleger, 1963/2007), sempre comporta muitas outras interpretações psicanalíticas, como já demonstrou Freud (1900/1969). Entretanto, do mesmo modo que o psicanalista clínico faz escolhas, no leque das interpretações possíveis, tendo em vista o máximo benefício terapêutico que uma dada interpretação pode favorecer, o pesquisador, que trabalha com o método psicanalítico, opta pelos campos que vislumbra como particularmente frutíferos no encaminhamento da produção de conhecimento sobre os fenômenos que investiga.

Uma vez definidos, segundo um estilo minimalista, por meio do qual pretendemos destacar os aspectos essenciais das crenças imaginativas sobre aspectos da realidade humana, que aqui se encontram em jogo, passaremos a elaborar reflexões em próximo diálogo com contribuições que podem ampliar nossa compreensão da questão por nós estudada.

A nosso ver, ambos os campos criados/encontrados podem lançar luz sobre a ideia de que um sofrimento subjetivo iminente acompanharia a experiência vivida das pessoas transgêneras, pois, enfrentando grande dificuldades para integrar o gênero designado como parte de seu *self* verdadeiro, que aqui usamos no sentido que assume no texto de Winnicott (1963/1983), tendem a vivê-lo como equívoco profundo e constrangedor. Estariam, assim, sempre posicionados segundo uma de duas alternativas intensamente incômodas: a) sofrendo por não poderem se afirmar de acordo com seu sentimento mais íntimo; ou b) sofrendo por enfrentarem reprovação social, preconceito e exclusão quando se afirmam de acordo com o seu próprio sentir.

Interloquções reflexivas

Os campos de sentido afetivo-emocional, que criamos/encontramos a partir dos vídeos estudados, “Perverso e degenerado” e “Ser ou não ser verdadeiro”, trazem consigo questões sobre saúde/sofrimento e cisheteronormatividade, os quais buscaremos compreender a partir dos pensamentos de M. Wittig e D. W. Winnicott, eventualmente enriquecidos por outros autores que dialogam com as questões presentes em cada campo.

Visando compreender o primeiro campo de sentido afetivo-emocional, “Perverso e degenerado”, em que as possibilidades que fogem às normas de gênero são consideradas anormais, valemo-nos das contribuições de Monique Wittig (1992/2006). De acordo com a autora, a constituição do outro/diferente, por meio de binarismos como “ser homem” ou “ser mulher”, “ser cisgênero” ou “ser transgênero”, “castrado” ou “não castrado” – conforme tivemos oportunidade de explanar anteriormente, ocorre por meio de construções imaginativas sofisticadas que reinterpretam a realidade a partir de sistemas sociais e das relações de poder, apresentando-se como determinações naturais que mascaram seu caráter

verdadeiramente político. Quando conseguimos compreender a realidade com clareza, constatamos que é a opressão que cria o gênero⁷¹ e não o inverso.

Sendo assim, os conceitos acima apresentados, para Wittig (1992/2006), são políticos, correspondendo a interpretações de uma situação histórica de dominação, que tem por função mascarar conflitos e interesses, inclusive ideológicos. Assim, a sociedade cisheterossexual funda-se sobre a constante necessidade desse outro/diferente em todos os níveis, do qual necessita em termos econômicos, simbólicos, linguísticos e políticos. Aquilo que organiza relações, correspondendo, de fato, a uma construção social, figura falsamente como fenômeno natural. Nas palavras da autora:

Ao admitir que existe uma divisão “natural” homens e mulheres, naturalizamos a história, assumimos que “homens” e “mulheres” sempre existiram e sempre existirão. Não só naturalizamos a história, mas também, conseqüentemente, naturalizamos os fenômenos sociais que manifestam nossa opressão, fazendo impossível qualquer mudança (Wittig, 1992/2006, p.33, tradução nossa).

No entanto, a existência das pessoas transgêneras, em analogia do que Wittig (1992/2006) pensa focalizando a condição de lésbicas, desnuda a produção política e ideológica das categorias “homens” e “mulheres” como “grupos naturais”. Em outras palavras:

Por um lado, está o mundo inteiro, com sua afirmação e suposição esmagadora da heterossexualidade como o-que-deveria-ser, e por outro lado há uma percepção fraca, fugitiva, às vezes brilhante e surpreendente da heterossexualidade como uma armadilha, como um regime político forçoso. É possível escapar disso. É um feito (Wittig, 1992/2006, p.74, tradução nossa).

Quando tomamos tais considerações a partir da psicologia psicanalítica concreta, percebemos que vigoram, no campo “Perverso e degenerado”, crenças

⁷¹ Wittig (1992/2006) utiliza o termo “sexo [como categoria política]” (p.18), por considerá-lo mais preciso do que se entendia como “gênero”, na época, em países como Inglaterra e Estados Unidos. No entanto, considerando os avanços que o vocábulo gênero obteve nas discussões científicas e sociais, demos preferência à sua utilização neste trabalho.

fantasiosas divalentes, que se expressam por meio da cisão esquizoparanóide, do outro como “ser completamente bom” e “ser completamente mau”⁷². Reconhecendo o valor das contribuições de Klein (1932/2011) e de Fairbairn (1952/1980), Bleger (1963/2007) considera que esta seria, na perspectiva do amadurecimento do bebê, a primeira forma de organizar a experiência, distinguindo estados de desconforto de estados de bem-estar. No desenvolvimento normal, o bebê supera esse modo de organizar a experiência quando percebe, em função do próprio amadurecimento psicossomático e da repetição das situações de carência e de alívio, que a mãe que gratifica e a que frustra são a mesma entidade. No apaixonamento o outro também é vivido como “ser completamente bom” – provavelmente como defesa para que possamos suportar uma grande aproximação que poderá dar origem a uma intimidade verdadeira. Com o tempo, o amado idealizado pode ser tolerado como a pessoa amada que não vai gratificar sempre porque tem uma existência autônoma e não está, portanto, destinado a ser um feixe de projeções segundo o agrado do parceiro.

No entanto, no caso das pessoas trans, observamos que, quando a personalidade coletiva transita pelo campo de sentido afetivo-emocional “Perverso e degenerado”, ocorre uma projeção direta do mal que as utiliza como depositários⁷³. Em outras palavras, bom é ser cisgênero e heterossexual, o que coloca ser trans, no sentido de “não ser cishetero”, como algo perverso, como “ser completamente mau”. Ora, sendo o mundo dividido entre bons e maus, resta, como melhor opção, extirpar a maldade, de modo simbólico ou concreto. Trata-se sempre, em última instância, de produzir violências e assassinatos⁷⁴.

Poderíamos pensar, portanto, o primeiro campo de sentido afetivo-emocional, “Perverso e degenerado”, como reflexo daquilo que Wittig (1992/2006) descreveu sob

⁷² Apesar do termo objeto, herdeiro do modelo freudiano pulsional, seguir sendo usado mesmo por autores como Bleger (1963/2007), conforme convenção que tem preferido manter o vocábulo ainda que alterando seu sentido, optamos por evitar o desconforto que as expressões “objeto bom”, “objeto mau” e “objeto total” compreensivelmente provocam, especialmente, mas não exclusivamente, quando o leitor não é psicanalista.

⁷³ Ao deter-se no estudo da estrutura de conduta paranoide, Bleger (1963/2007) recomenda o uso dos termos depositado, para referir a crença ou fantasia em jogo, e depositário, para referir a personalidade, individual ou coletiva, que recebe, geralmente de modo violento, aquilo que é projetado. Aliás, vale a pena destacar que mesmo quando o depositado corresponde a algo altamente valorizado, a violência está presente, na medida em que toda idealização se vincula estreitamente à crença na existência do “ser absolutamente mau”. Esta é a dinâmica dos chamados crimes passionais.

⁷⁴ Em nosso entendimento, ao colocar o “ser cishetero” como modelo ideal e rígido, mesmo pessoas que se desenvolvem nesses termos sofrem formas sutis de violência e mal-estares psicológicos, na medida em que imaginam que deveriam se sentir e se comportar a partir de padrões irrealistas de conduta, o que pode dificultar significativamente o desenvolvimento criativo de seu modo próprio de ser e estar no mundo.

o signo do “serás-hétero-ou-não-serás”, ou seja, como incapacidade de sociedades regidas pela cisheteronormatividade conceberem existências que rompem com essa normativa, relegando-as ao espaço do que poderíamos pensar como “degenerado”.

Para melhor entender o sentido da degeneração atribuída a todos que subvertem as normas de gênero, vale a pena recorrer ao tradicional e enciclopédico dicionário francês *Petit Larousse*, já que essa ideia ganhou grande proeminência na produção psiquiátrica daquele país, durante os séculos XIX e XX. O verbo degenerar significa perda de qualidades próprias a uma raça, abastardar-se e passar a estado inferior, podendo também significar figurativamente perda de mérito ou valor (Maubourguet, 1995). Parece importante destacar que a junção do mórbido com o degenerado deriva das concepções de Morel (1857), autor que operou uma verdadeira ampliação do campo da psiquiatria quando nele incluiu, para além das psicoses francamente delirantes, alterações menores do comportamento cotidiano, tais como a homossexualidade, o alcoolismo e outros vícios, definindo-os precisamente como degenerações. Em suas palavras, “...os seres degenerados formam grupos e famílias com elementos distintivos relacionados invariavelmente às causas que os transformaram em isso que são: um desvio mórbido do tipo normal da humanidade” (p. 75).

Magnan (1893), sucessor de Morel (1857), propõe uma sistematização diagnóstica na qual “aberrações” sexuais, perversões e outras anomalias figuram como síndromes hereditárias, de modo a considerar comportamentos que se afastam da heterossexualidade reprodutiva como patologia psiquiátrica resultante de processos degenerativos (Caponi, 2012). Desse modo, vemos claramente como um pensamento que se apresenta como baseado na ciência médica, biológica, pode fornecer bases que justificam e legitimam atos discriminatórios contra pessoas que não se adequam às normas de gênero. Trata-se, como se vê, de uma confusão entre o ser orgânico e o ser social, que devem ser vistos como ontologicamente diversos (Lukács, 1978/2013), a serviço de conservadorismos dominadores.

A ideia de anormalidade degenerada, atribuída à condição transgênera, vincula-se à figura particularmente emblemática do monstro para a qual aponta, a nosso ver, o campo “Perverso e degenerado”. A ideia de monstro é complexa e abrange diferentes imagens, desde o monstro de Loch Ness até o monstrengo que, no oceano Atlântico, aterroriza os marinheiros portugueses que, honrando seu rei e o espírito lusitano, aportaram às costas brasileiras (Pessoa, 1934/2015), incluindo

também aqueles que receberam a atenção de Michel Foucault (2001)⁷⁵. Nem sempre o monstro está associado à ideia de degeneração, mas é nesse exato sentido que ganha entrada no discurso científico, onde ganha cidadania no estudo das anomalias fetais.

Parece que, antes mesmo de se tornarem objeto de estudos científicos, certos fetos abortados ou natimortos foram designados como monstros, fato que explica os estudos de anomalias que podem comprometer o desenvolvimento fetal e inviabilizar a continuidade da gravidez ou a vida do bebê, como ocorre, por exemplo, nos casos de anencefalia (Cia, 2014), terem sido batizados como teratologia⁷⁶. Trata-se, inegavelmente, de um campo de estudos importante e significativo que aborda fenômenos que são atualmente compreendidos como derivados de agentes infecciosos, farmacológicos, ligados ao uso de pesticidas, à energia nuclear, enfim, a fatores ambientais que podem comprometer o "ser orgânico" – porque a vida, no sentido orgânico, não resiste quando certas condições naturais são alteradas para além de certos parâmetros (Mendes *et al.*, 2018). Como se pode facilmente concluir, essa ciência tende a ganhar reconhecimento cada vez maior na medida em que cresce a consciência ecológica da humanidade. Por outro lado, não surpreende saber que ocorra, atualmente, uma polêmica, entre os cientistas da área, quando à continuidade do uso de um termo tão infeliz para identificar uma ciência biológica.

Entretanto, o que aqui interessa ressaltar é que o fenômeno orgânico das anomalias fetais tem sido imaginariamente usado, sem nenhum fundamento científico, evidência ou comprovação, como modelo para explicar não apenas deformidades ou anomalias corporais, mas também condições outras, como a da chamada doença mental ou a da transgeneridade, vale dizer, ocorrências que, mesmo não sendo identificáveis no período perinatal, podem ser caracterizadas, à primeira vista, como desvios do socialmente esperado. Não surpreende constatar que essa visão venha a gerar todo o tipo de consequências nefastas, uma vez que, como sabemos, condições radicalmente anti-humanistas podem prevalecer, e tem efetivamente prevalecido, a

⁷⁵ Foucault (2001), por exemplo, fez uso desse para demarcar aquilo que transgrediria as normas sociais, combinando o impossível e o proibido, inspirando temores, dúvidas e punições, equivalendo ao mal e ao caos, devendo ser destruído, corrigido ou anulado, literal ou simbolicamente. A nosso ver, o campo de sentido afetivo-emocional, aqui produzido interpretativamente, aponta que as pessoas transgêneras são associadas, nos imaginários coletivos hegemônicos, em nosso país, ao monstro. Porém, vale frisar que muitos "outros", que fogem da universalidade fantasiosa do homem, cisgênero, heterossexual, viril, branco, classe média/alta – dentre outros marcadores sociais –, podem ocupar, de alguma forma, esse espaço.

⁷⁶ Literalmente, o "estudo dos monstros".

partir de expectativas sociais distorcidas, quando imperam formas violentas de organização social, como o sistema capitalista.

Em outros termos, se as anomalias fetais, claramente orgânicas, são explicadas à luz da legalidade orgânica que, como sabemos, sofrem a interferência da ação humana – basta pensar no fenômeno do desmatamento amazônico ou nas bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagashaki –, não se pode dizer o mesmo acerca de fenômenos tais como o da profunda insegurança ontológica do esquizofrênico (Laing, 1965/2010), ou da condição de todos aqueles que não se identificam segundo a cisheteronormatividade, nos quais não se rastreiam sinais de causalidade orgânica⁷⁷.

Assim, a ação prejudicial, que agentes orgânicos ou inorgânicos exercem sobre a formação fetal, é usada para pensar atos humanos, vistos como imorais ou pecaminosos, numa certa ordem social, como causa de anomalias do corpo ou de deformações do ser, que se torna degenerado. Como exemplo, citamos o estudo de Aiello-Vaisberg *et al.* (1989) que, ao investigarem o imaginário de familiares de doentes mentais sobre causas do transtorno, depararam-se com a crença de que os comportamentos conflituosos e desleais causariam problemas genéticos nos descendentes. Esse mesmo tipo de imaginário foi bastante estudado pela escola kleiniana, quando apontou que temores comuns de gestantes, de darem à luz crianças malformadas, vinculava-se claramente à fantasia de que a condição do nascituro revelaria os traços – benévolos ou malévolos – dominantes em seu caráter (Langer, 1951/1993).

Fica, assim, evidente, que quando fenômenos, como as chamadas perversões, são vistos conforme esse esquema, vale dizer, em termos de que delitos morais atuariam no desenvolvimento dos descendentes, tornando-os defeituosos – moralmente defeituosos, encontra-se em marcha um raciocínio por analogia, cuja falta de sustentação empírica não impede que venha a ser tomado como verdade por personalidades individuais e coletivas. Surge assim o imaginário da pessoa trans como "ser absolutamente mau", como monstro degenerado.

⁷⁷ É importante lembrar, com Winnicott (1958/1978), que a psicose pode ocorrer diante de total integridade orgânica, como fruto de falha ambiental, que o autor localiza no cuidado materno, deixando margem para que possamos compreender que este depende enormemente das condições do cuidado e da vida feminina nos contextos macrossociais em que se inserem (Bueskens, 2014; Federici, 2017, 2018). Isso não significa a impossibilidade de ocorrência de acidentes neurológicos graves, mas o que disso resulta não se confunde, na clínica, com os quadros em que a organicidade está preservada.

Esse esquema tem sido bastante usado, na psicopatologia, tanto para explicar psicoses como perversões, desde que a psicanálise demonstrou, de modo convincente, que os sintomas neuróticos seriam compreensíveis⁷⁸. O lance moral – normativo, portanto – geraria efeitos biológicos. Nessa linha, considera-se que o ato pecaminoso, errado, imoral, gera consequências orgânicas, “desorganiza”, desordena, fazendo com o indivíduo perca as qualidades da sua espécie. Logo, quando tomamos a degenerescência como conceito que abarca deformidades orgânicas, a partir de transgressões sociais, por exemplo, pessoas que nascem “disformes” em termos de aparência e/ou caráter, no sentido moral, não nos parece difícil perceber que uma amálgama se instaura entre a esfera orgânica e a esfera sócio humana, em favor de regimes de dominação e poder, entre os quais se insere a cisheteronormatividade.

Resgatar o "monstro", portanto, nos parece particularmente importante, visto concordarmos quando Wittig (1992/2006) afirma que:

A ordem simbólica participa da mesma realidade que a ordem política e econômica. Há uma continuidade em sua realidade, uma continuidade na qual a abstração atua fortemente sobre a materialidade e forma tanto o corpo como o espírito daqueles que ela oprime (p.84, tradução nossa).

Em outros termos, o "monstro", figura para nós tão elucidativa do campo "Perverso e degenerado", aponta para o impacto que tal imaginário suscita na experiência vivida de pessoas trans, as quais ocupariam esse espaço de degeneração, abjeção, monstruosidade – apontando para sofrimentos que têm sua raiz nas relações sociais que não se pautam no respeito ao humano. Desse modo, tal campo afasta a dissidência sexual do verdadeiro *self*, não a concebe como experiência humana que não se confunde com nenhuma forma de essencialismo. Ou ainda, conforme descreve Trevisan (2018):

...alguém que afirma uma incerteza, que abre espaço para a diferença e que se constitui em signo de contradição frente aos padrões de normalidade. Ou seja: trata-se do desejo enquanto

⁷⁸ Sabemos que, de acordo com a psicanálise, todas as condutas humanas, e não apenas aquelas da neurose, são compreensíveis por pertencerem ao acontecer humano, mas ainda hoje existem resistências à admissão desse fato, pelos mais diversos motivos. Entretanto, não nos deteremos nesse assunto para não nos desviarmos das questões mais importantes de nossa pesquisa.

dever e, portanto, como afirmação de uma identidade itinerante (p.42).

Para nós, da psicologia psicanalítica concreta, toda conduta humana, por mais bizarra, cruel e monstruosa que pareça, faz parte do acontecer humano (Politzer, 1928/2004). Assim, para a psicanálise, não existiriam "monstros", ainda que a vivência de certos sofrimentos possa levar indivíduos e grupos a acreditarem naqueles (Aiello-Vaisberg, 2005).

Aqui, convém lembrarmos que condições humanas que geram sofrimentos esquizoparanóides servem de caldo cultural a partir do qual podem brotar a "monstruosidades humana" (Aiello-Vaisberg, 2005, p.15), que deriva, em última instância, do medo daquelas que não admitem que as normas de gênero sejam descumpridas – certamente porque vivem tal descumprimento como ameaça à ordem das coisas. Assim, a situação que se apresenta, depois da afirmação social enquanto pessoa transgênera, acaba gerando sofrimento emocional de matizes depressivas, na pessoa trans, que emerge a partir de interações nas quais o outro expressa sua vontade de excluir de modo radical o diferente, operando por meio de ataques que visam despersonalizar/desumanizar aquele que não se submete às normas (Aiello-Vaisberg, 2017). Por outro lado, personalidades individuais e coletivas que apresentam comportamentos qualificados como transfóbicos demonstram, por sua vez, perturbações importantes. Suas dificuldades não são propriamente fóbicas, mas paranoides, e não devem ser subestimadas, na medida em que podem se associar facilmente a comportamentos violentos.

Convém, agora, refletir sobre o segundo campo de sentido afetivo-emocional interpretativamente produzido, na presente pesquisa, a partir da consideração psicanalítica dos vídeos estudados: "Ser ou não ser verdadeiro". Esse campo aponta para um conflito absolutamente nuclear, do ponto de vista existencial, indicando que está profundamente vinculado a uma forma radical de sofrimento emocional que, como sabemos, recebeu uma atenção bastante grande no pensamento winnicottiano.

Embora não tenha sido um autor inclinado a produzir textos sistemáticos, encontramos, em Winnicott (1988), uma visão psicopatológica bastante complexa e capaz de iluminar a compreensão de fenômenos que, ao que tudo indica, tem se tornado mais marcantes na contemporaneidade. Há um aspecto fundamental, em seus textos, ao qual Aiello-Vaisberg (2006) tem dedicado especial atenção, que

consiste no fato de conterem dois diferentes modelos psicopatológicos. Assim, podemos nele distinguir uma psicopatologia explícita, de caráter tripartite, que coincide, em termos gerais, com a adotada praticamente por todos os autores pós-freudianos, e uma psicopatologia implícita, que consiste numa teoria do sofrimento humano que tem lugar toda vez que a autenticidade pessoal se vê impossibilitada de realizar-se pela adoção de condutas submissas. Se para a primeira teoria o marco divisor entre saúde e doença é a manutenção ou perda do juízo de realidade, o que se encontra de fato em jogo, para a segunda, é a possibilidade da pessoa sentir-se viva, real e capaz de gestualidade espontânea, pela qual pode tanto transformar-se como transformar o mundo em que vive (Aiello-Vaisberg, 2012).

A psicopatologia tripartite parece apresentar certa utilidade em termos de organização do trabalho clínico, na medida em que pode indicar se as necessidades de um determinado caso exigirão maior disponibilidade do analista ou mesmo a ajuda de outros profissionais, como acompanhante terapêutico e psiquiatra. Entretanto, não podemos nos esquecer de que o autor enfatizou seguidas vezes que o fundamental, em termos da sanidade humanamente possível, ultrapassa grandemente a mera evitação do diagnóstico de psicose ou de condição *borderline*. Então, podemos compreender, com relativa facilidade, que a teoria psicopatológica na qual a impossibilidade de alcançar um posicionamento existencial autêntico e, a seu ver, brincante, corresponde ao mais grave problema que o ser humano pode enfrentar, sendo essa uma contribuição teórica altamente significativa. Aqui, faz sentido a célebre declaração de que somos pobres se somos apenas sãos (Winnicott, 1958/1978), que podemos bem compreender à luz de que o enriquecimento existencial derivaria da possibilidade de a pessoa sentir-se real:

Os pacientes psicóticos (e as pessoas normais de tipo psicótico), pouco se interessam por ganhar maior autoconsciência, preferindo viver os sentimentos e as experiências místicas e suspeitando do autoconhecimento intelectual ou mesmo desprezando-o. Estes pacientes não esperam que a análise os torne mais conscientes, mas aos poucos eles podem vir a ter esperanças de que lhes seja possível sentir-se reais. (Winnicott, 1988, p. 78)

Sentir-se real e verdadeiro é condição indispensável para um viver genuíno, pautado no verdadeiro *self*, concebido como lugar teórico a partir do qual surge o gesto

espontâneo, aquele por meio do qual a pessoa torna-se ela mesma. O ser humano tenderia, naturalmente, para a espontaneidade, caso não fosse interrompido, na sua continuidade de ser, desde fora, pelo ambiente. Portanto, o grande obstáculo da realização do verdadeiro *self* seria ver-se invadido por um ambiente dominador, que exige a submissão do indivíduo.

Desse modo, não causa espanto que Winnicott (1958/1978, 1963/1983, 1971/1975) tenha dedicado muita atenção ao binômio dominação/submissão, que abordou tanto no contexto da vida dos bebês, como no da vida de pacientes acometidos por angústias psicóticas, preocupando-se, contudo, em deixar pistas sobre sua importância ao longo da vida de todas as pessoas.

Na perspectiva winnicottiana de pensamento, quando a submissão tem lugar, antes da completa constituição do *self*, como unidade existencial relativamente separada, apresenta efeitos verdadeiramente devastadores, que promovem fragilidades propícias ao surgimento de angústias psicóticas e de agonias impensáveis (Winnicott, 1968). Entretanto, mesmo quando é vivenciada por alguém já constituído como *self* unitário, a submissão traz sempre prejuízos severos porque afeta a possibilidade da pessoa se sentir viva, real e capaz de gestualidade espontânea, tornando necessária a proteção cuidadora do falso *self*. Podemos aqui lembrar que:

toda vez que o sentido de continuidade de ser de alguém é interrompido, vale dizer, que sua possibilidade de estar presente à própria experiência é barrada, há possibilidade de uma retirada de si, enquanto o falso *self* assume o prosseguimento aparente da vida. Este falso *self* pode enganar a todos, inclusive a própria pessoa, e isto pode parecer eficaz durante muito tempo (Aiello-Vaisberg, 2002, p.12).

A bem da clareza, as noções de falso e verdadeiro *sel/ves* foram cunhadas para referir o modo como os próprios pacientes comunicavam as experiências que viviam para Winnicott (1963/1983). Em outros termos, o psicanalista aprendeu, com aqueles que atendeu, que se sentiam falsos e não autênticos, mas aspiravam por uma outra condição, em que poderiam sentir-se verdadeiros. Aqui é fundamental notar que a autenticidade só pode ser prejudicada, na perspectiva winnicottiana, pelo ambiente que, sendo opressor, impede a espontaneidade pessoal.

Não nos parece difícil perceber que o campo de sentido afetivo-emocional “Ser ou não ser verdadeiro”, que propusemos interpretativamente na presente pesquisa, a partir da consideração psicanalítica dos vídeos, indica que as pessoas transgêneras vivenciam um conflito entre seu sentimento de si mesma quanto às (im)possibilidades de gênero, visto aquilo que lhes foi e continua sendo designado desde fora, pelo outro. Seu drama gira, portanto, ao redor da possibilidade de submeter-se às normas de gênero, vividas como profundamente invasivas, com a finalidade de agradar aos demais, ou rebelar-se para afirmar seu sentir, perdendo amor, aprovação, respeito e reconhecimento, para se tornar alvo de ódio e violência, o que se justifica por meio das crenças ao redor das quais se organiza o primeiro campo proposto, isto é, “Perverso e degenerado”.

Na perspectiva winnicottiana, a sensação de ser falso apresenta um efeito verdadeiramente corrosivo, em termos afetivo-emocionais, trazendo um desconforto persistente e desesperante. Entendemos que viver sob a primazia do parecer, isto é, do gênero designado ao nascimento, ao invés do sentir-se, corresponde a uma carga emocional extremamente penosa até porque à inautenticidade vivida se acrescenta a impressão de estar atraído por algo nefasto, já que a cisheteronormatividade surge para todos como condição desejável. Por outro lado, afirmar o seu sentir e tornar-se alvo de preconceitos extremados que, em última instância, visam o banimento e até mesmo o extermínio daqueles que não se conformam às normas de gênero vigentes, coloca a pessoa num lugar bastante sofrido, de alvo de ataques despersonalizantes e desumanizadores (Aiello-Vaisberg, 2017).

Assim, nossos resultados interpretativos apontam para uma configuração bastante interessante na medida em que a referência ao nascimento coloca nesse evento o poder de portar uma verdade. Contudo, não podemos deixar de notar que, no material, tal verdade é claramente vinculada não apenas ao “parecer”, mas ao “ser” do bebê, enquanto algo que poderíamos denominar, inspirados em Winnicott (1971/1975), como potencial herdado de pertencimento à condição humana. Em outras palavras, quando falamos em gênero designado, este seria designado pelo outro, tendo relação com o “parecer”. Diante de tal configuração, podemos afirmar que a sociedade em que vivemos se organiza segundo uma crença de que o “parecer” corresponde ao “ser” da pessoa, simplificando a realidade complexa em que isso nem sempre se dá dessa maneira.

No pensamento ocidental, esse “parecer” se impõe, justificado como da ordem do biológico, considerado “mais real e mais concreto” do que o vívido – daí os mitos da pessoa natural, abstrata e isolada a serem superados, segundo Bleger (1963/2007). Em outros termos, o gênero designado é supostamente uma leitura objetiva da condição biológica (e real) da criança. Como se pode ver, há todo um caminho imaginativo cursado para que o gênero designado seja tido como “gênero real” da pessoa, prática inteiramente de acordo com o positivismo objetivante e simplificador da realidade. Portanto, nesse cenário, a pessoa transgênera deve lutar, seja para impor um “ser” que transborda a regra, seja para sufocar o seu próprio sentir/ser.

De acordo com a psicologia psicanalítica concreta, quando, nas ciências humanas, nos afastamos do estudo de seres humanos reais e concretos, passamos a acreditar, por exemplo, em uma essência humana, concebida como genuína, natural e ideal a todas as pessoas (Bleger, 1963/2007). Por conseguinte, outras possibilidades de existência, como a transgeneridade, seriam formas corrompidas e distorcidas do ser humano. Assim, nessa acepção, temos uma organização social imaginativamente invariável, fixa, boa e esperada, o que se articula a crenças de transgressões à cisheteronormatividade, como no caso das pessoas trans, como algo nefasto, abjeto e intolerável⁷⁹.

Ao analisarmos as crenças supracitadas, percebemos que essas são da esfera humana, da ontologia do ser social, mas transvestidas como normas naturais, sobretudo por meio do uso ideológico da biologia. Portanto, quando tomamos a realidade de modo crítico, perceberemos que a dissidência não se confunde, de modo algum, com a anormalidade ou patologia. Ao contrário, para nós, a cisheteronormatividade, sim, seria patológica, uma vez que apresenta efeito corrosivo, nocivo e adoecedor na vida das pessoas.

Enfim, tomando o pensamento de Wittig (1992/2006), esperamos ter demonstrado como os problemas “subjetivos”, “individuais” e “privados” das pessoas transgêneras são, na verdade, socialmente determinados, demarcando uma instituição social violenta e opressiva, permeada por interesses ideológicos. Portanto, o quadro geral aponta para grupos dominantes que, por meio das normas sociais,

⁷⁹ Novamente, salientamos que a realidade é complexa, havendo também espaços em que a transgeneridade é acolhida e valorizada, mas, como aponta o material de pesquisa, esses seriam minoria.

visam criar um campo que ameaça a existência individual daqueles que não se submetem ao que a autora descreveria como “serás-hétero-ou-não-serás”, pois essa seria uma condição necessária para a manutenção da existência e privilégios dos primeiros.

Tomando a teoria winnicottiana, por sua vez, cremos ter sido possível refletir acerca da submissão às normas de gênero e como essa incide sobre o potencial criativo e espontâneo, impactando a saúde mental, o que afetaria a todas as pessoas, inclusive as que se constituem em termos cisheteronormativos. Justificamos isso porque os efeitos nocivos das invasões ambientais incidem sobre o fato que a normalidade também pode ser vivida como algo patológico, não passando de submissão às normas, o que não deve ser confundido com sanidade, estado no qual se preservaria a autenticidade e a liberdade (Cooper, 1985). Portanto, uma pessoa pode “parecer” saudável, quando é apenas normal, ou ter suas condutas norteadas pela sua própria criatividade, sendo uma sexualidade sadia e “brincante”, para usar um termo winnicottiano, mais próxima desse segundo caso.

Desse modo, esperamos contribuir para uma melhor compreensão dos efeitos despersonalizantes das normas, pois ao se exigir submissão às mesmas, caso contrário você “não será”, nos colocamos diante de uma aguda percepção de ameaça do ser. Disso, decorrem sofrimentos, que se articulam às condições sociais – aqui, vimos a expressão dessa problemática humana na esfera do gênero, contudo trata-se de uma condição muito ampla que nos ensina sobre condições similares.

Assim, percebemos, com este trabalho, a importância de reconhecer e valorizar o outro em suas singularidades e em sua diversidade, mas atentos para não incorrerem a algum tipo de essencialismo, pois não devemos nos descuidar do social. Portanto, ainda que estejamos falando de sofrimentos socialmente determinados, uma vez que as normas são da esfera da ontologia social, lembramos que também é dessa que decorre a possibilidade de transformação, de criação, do novo – e, portanto, da diversidade.

Considerações finais

Aproximamo-nos do final dessa empreitada, durante a qual, adotando a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, estudamos a experiência vivida por pessoas transgêneras, que optaram por se manifestar sobre si mesmas em vídeos disponibilizados no YouTube.

A observação do uso do método psicanalítico permitiu que produzíssemos conhecimento compreensivo sobre as dificuldades que as pessoas transgêneras enfrentam e sobre os campos de sentido afetivo-emocional que habitam. Focalizamos seus depoimentos a partir desses dois pontos de vista, vale dizer, daquilo que está presente em seu campo de consciência – isto é, das dificuldades relatadas, bem como a partir daquilo que está presente no campo psicológico nem sempre consciente, ou seja, nos campos de sentido afetivo-emocional. Nosso trabalho apresenta, assim, um caráter binocular, a partir do qual concluímos estar diante de uma questão que deve ser considerada como expressão de sofrimento social que gera efeitos subjetivos radicais (Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Aiello-Vaisberg, 2017).

São inúmeras as dificuldades que despontam no campo da consciência das pessoas transgêneras que se manifestaram por meio dos vídeos aqui estudados: familiares, nas relações amorosas, na escola, no trabalho, na vida cotidiana, no sistema de saúde, na segurança pessoal, na relação com o próprio corpo e sensação de falsidade. Tais dificuldades ganham inteligibilidade quando produzimos interpretativamente os campos de sentido afetivo-emocional, intersubjetivamente criados e mantidos, que são “Perverso e degenerado” e “Ser ou não ser verdadeiro”. Esses dois campos são antagônicos entre si, na medida em que um deles deriva diretamente das normas hierárquicas de gênero, perfazendo a transgeneridade como uma das formas degradadas de ser, diante da supremacia cisheteronormativa, enquanto o outro corresponde a uma forma de valorização da individualidade, do sentir e da capacidade humana de criar o novo para além da esfera orgânica do ser (Lukács, 1978/2013).

A vigência do campo “Perverso e degenerado”, que é o modo como se traduzem, no cotidiano, as normas de gênero, não só explica as dificuldades relatadas

e o sofrimento social, quando atentamos para as pessoas transgêneras, como também se vincula à ocorrência de ataques violentos que visam atingi-las no cerne de seu sentir, despersonalizando e desumanizando, numa tentativa de anular seu pertencimento à humanidade (Aiello-Vaisberg, 2017). Tal violência deriva do fato das pessoas transgêneras serem consideradas como perigosas na medida em que desmentem, pelo seu próprio modo de ser, normativas reguladoras da vida social, entre as quais se insere a cisheteronormatividade, que favorecem relações de dominação, discriminação e opressão.

Quando tomamos a obra de Lessa (2012), se faz possível pensar que as normativas de gênero estão intimamente associadas à instauração de práticas violentas de exploração da força de trabalho do ser humano, que têm início histórico nos sistemas escravagistas, cuja manutenção fica facilitada quando se estriba na crença de que existiriam seres humanos que, por serem superiores aos demais, mereceriam os privilégios que detêm na sociedade desigual. Esse é o contexto histórico no qual surge o patriarcado, que se encontra na base das normas cisheterossexuais, diante das quais o varão representa o humano, em sua forma mais plena, e a mulher uma forma encolhida e depauperada de ser humano, que se mantém mais próxima da natureza, da animalidade. Outras possibilidades, como a do homem que rejeita a honra da virilidade, ou da mulher que se recusa ao destino de objeto do prazer masculino ou de aparelho de procriação, ou ainda a própria transgeneridade, como pudemos verificar nesta pesquisa, serão consideradas como deficitárias, para logo serem progressivamente pensadas como desnaturadas e monstruosas.

Cabe, entretanto, lembrar que o mesmo desenvolvimento histórico que, pela via da exploração do outro, permitiu a sucessão de sistemas de escravização, servidão e proletarização⁸⁰, também contribuiu para avanços que vieram a fortalecer processos de subjetivação, no bojo da qual se fortalece a valorização do indivíduo que, afinal, está em jogo quando se combate a cisheteronormatividade e se defende a diversidade. Portanto, podemos compreender que a dissidência só pode ser aceita e valorizada, como movimento criador, quando reconhecemos que a esfera humano-social do ser não se confunde com a esfera orgânica, mesmo que dela dependa (Lukács, 1978/2013). Assim, em resumo, fica claro que sistemas de exploração e

⁸⁰ Lembramos que a Europa é referência porque colonizou os demais continentes nos quais implantou formas sociais europeias enquanto destruíam culturas e mesmo populações locais. Assim, devemos nos referir à Europa porque sua dominação afetou efetivamente a vida em todo o planeta.

dominação se baseiam no desrespeito e na desvalorização do indivíduo e de sua criatividade. Em tais sistemas podem circular discursos democráticos, que, de fato, nunca são levados a sério.

Assim, no momento atual, parecem defrontar-se dois posicionamentos ético-políticos antagônicos. Temos, de um lado, aquele posicionamento que busca a manutenção do capitalismo, hoje neoliberal – forma sucessora do escravagismo e da servidão, por meio da qual se encontra concretizada a exploração e dominação econômica. Sendo essa uma posição conservadora, que quer evitar a mudança, naturalmente apela para a conservação do mesmo e para o fortalecimento de imaginários que desacreditam e temem a emergência de novas formas de viver⁸¹. Do outro lado, encontram-se os movimentos sociais, que visam defender formas equitativas, solidárias, éticas e cuidadoras de coexistência entre indivíduos e povos. Nesse segundo posicionamento ocorre a valorização dos dois polos constitutivos do ser social, indivíduo e humanidade (Lukács, 1978/2013), o que inclui inevitavelmente o respeito à pessoa que, a exemplo das variedades possíveis da vida erótica, existentes ou por serem inventadas, não colidem com o bem comum. Não se contrapondo ao humano genérico, o desenvolvimento criativo do indivíduo favorece um porvir humanizado de caráter eminentemente inclusivo, perfeitamente incompatível com agendas neoliberais, exploradoras no plano econômico e coerentemente conservadoras em termos de costumes.

No plano da experiência individual, cabe lembrar que todas as pessoas se defrontam, em sua trajetória vital, com duas opções: submeter-se ou transgredir a cisheteronormatividade. Muitas vezes a submissão passa despercebida pelo próprio indivíduo, permanecendo como mal-estar mais ou menos difuso, mais ou menos presente ao campo da consciência. Por outro lado, podemos cogitar que em muitos casos, podem ocorrer processos ao longo dos quais o indivíduo pode criar-se/encontrar-se como cisheterossexual segundo linhas que poderiam ser descritas, tomando por empréstimo uma colocação de Winnicott (1971/1975, p.63) como “... superposição de duas áreas de brincar”. Claro que essa possibilidade brincante acontece também entre os transgressores⁸², quando vivem em ambientes que

⁸¹ Nessa perspectiva, fica claro porque agendas econômicas neoliberais são conservadoras no âmbito dos costumes. Também fica claro que o que apresentam como pretensamente novo coloca inovações tecnológicas a serviço da velha ordem.

⁸² A pessoa ou o grupo se torna transgressor ou submisso em função da norma. Assim, o uso do termo não significa acusar ou patologizar personalidades individuais ou coletivas.

reconhecem o valor da diversidade sexual. De todo o modo, vale lembrar que um relacionamento brincante com a sexualidade só encontra espaço para se instalar quando vigora no ambiente alguma abertura crítica em relação à adoção do critério do gênero designado ao nascimento como “padrão ouro” na definição da humanidade plena das pessoas⁸³.

Entretanto, como ainda prevalecem, na sociedade contemporânea, ambientes que se aferram à cisheteronormatividade, as pessoas transgêneras, que não têm a possibilidade de participar, de algum modo, de ambientes capazes de sustentar respeito e valorizar a diversidade⁸⁴, enfrentam graves sofrimentos porque vivenciam com maior clareza o alto preço cobrado pela submissão ou pela transgressão das normativas sociais. Assim, ao se depararem com o dilema entre tornar-se infiel ao seu sentimento mais íntimo, sufocando seu verdadeiro *self*, ou se afirmarem socialmente, com todos os potenciais desdobramentos que mencionamos no capítulo anterior, colocam-se diante de duas possibilidades muito custosas. Uma delas consiste em submeter-se, sufocando o próprio sentir e renunciando a se sentirem vivas e reais – uma perda intolerável que, no entender de Winnicott (1971/1975), atinge o que há de mais sagrado⁸⁵ no ser humano. A outra consiste em afirmarem socialmente seu sentir, enfrentando formas mais ou menos explícitas, mas sempre inerentemente violentas, de preconceito e exclusão. A situação se complica quando lembramos que, por participarem da mesma formação social, as pessoas transgêneras sempre compartilham, em maior ou menor medida, os mesmos imaginários intolerantes, de modo que se dividem internamente. Nessa linha, partes diversas da mesma personalidade colocam-se em conflito interno, trocando acusações entre si.

Chegamos, assim, ao campo de sentido afetivo-emocional “Ser ou não ser verdadeiro”. Aqui fica claramente colocada a questão central – porque sabemos que,

⁸³ Lembramos que o “padrão ouro” não se restringe apenas ao gênero ou à sexualidade, mas engloba também raça, classe social, idade, condição física, religiosidade etc., isto é, resulta e insere-se em condições macrosociais.

⁸⁴ Vale aqui lembrar que as condições psicossomáticas do bebê atam-no de modo radical ao ambiente imediato. Por outro lado, na medida em que crescem, as pessoas ampliam seu ambiente. À guisa de exemplo, lembramos do escritor Yukio Mishima (2004), que relata uma experiência pessoal de ampliação súbita do próprio ambiente no livro autobiográfico “Confissões de uma máscara”. Ao descortinar de modo sustentado pela beleza, todo um panorama de outras possibilidades de existir, o encontro com uma ilustração abre-lhe acesso ao próprio sentir, até então dissociado.

⁸⁵ Bastante crítico em relação às religiões instituídas, em função dos perigos que o dogmatismo apresenta, ao exigir submissão dos indivíduos, Winnicott (1971/1975) algumas vezes recorreu a palavras do registro religioso, fazendo-o, a nosso ver, desde uma perspectiva que mescla seu gosto pela poesia com incursões etimológicas que muito apreciava.

no pensamento winnicottiano, está bem teorizada a possibilidade de sobreviver como falso *self* sempre que houver espaço para a esperança de que o verdadeiro *self*, que permanece oculto, venha um dia a se revelar, sendo aí atingida a possibilidade de sentir-se vivo e real (Winnicott, 1988). Contudo, quando a realidade não deixa margem para a esperança de transformação, assumir um “voltar as costas para o próprio sentir” gera um sofrimento radical, porque, vale lembrar, se o ser social tem dois polos, o indivíduo e a humanidade, optar por assumir a transgressão, independentemente do desagrado, da desaprovação e da hostilidade que tal gesto provoca, no meio social, toca em outro aspecto sagrado da existência humana: o pertencimento ao coletivo maior, à humanidade. Portanto, a necessidade de *holding*, de sustentação, que só o ambiente humano pode prover, é indispensável.

Queremos finalizar trazendo uma reflexão, de caráter ético-político, sobre a psicologia, enquanto ciência e profissão que se depara com problemáticas existenciais e sofrimentos radicais derivados da cisheteronormatividade. A nosso ver, os psicólogos ocupam posição estratégica na defesa da autodeterminação de gênero e da inserção de nossos serviços em diversos nichos, inclusive no sistema de saúde. Assim, temos um importante compromisso com a crítica às normas sociais, com vistas a instaurar práticas despatologizantes e inclusivas em relação às pessoas trans (Vieira *et al.*, 2019). Nessa linha de pensamento, cremos ser oportuno lembrar que devemos, como profissionais, embasar nossa atuação no Código de Ética Profissional da categoria (Conselho Federal de Psicologia, 2005), o qual estabelece que nos é vedado a prática ou conivência com situações de “negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão” (p.9), bem como nos ater ao compromisso com a pessoa humana, sua cidadania e direitos fundamentais⁸⁶. Acreditamos que essas declarações são imprescindíveis porque definem um compromisso radical em relação aos sofrimentos sociais, entre os quais se incluem aqueles das pessoas transgêneras.

Não deixando de reconhecer que vários referenciais têm se mostrado fecundos, consideramos que a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta se inclui entre as mais promissoras quando nos comprometemos com a abordagem do sofrimento humano socialmente determinado. Fundamentando-se filosoficamente na ontologia do ser social (Lukács, 1978/2013), essa perspectiva, que decorre de uma

⁸⁶ Essa questão foi retomada nas resoluções do Conselho Federal de Psicologia 01/99, 01/18 e 08/20 e no Documento de Orientação CRP 06 nº 002/19, conforme mencionamos anteriormente no capítulo 1 e 3 do presente trabalho.

revisão crítica da psicanálise à luz do materialismo histórico, rompe com psicologismos redutores para evidenciar a natureza social da pessoa humana, que vive porque convive, num cotidiano sempre situado em termos econômicos, culturais, históricos e geopolíticos. Assim, a produção de conhecimento psicológico compreensivo, que podemos e devemos compartilhar, pode trazer uma importante contribuição para lutas que nos encaminhem para um humanismo radical e libertário, ou seja, de respeito pela individualidade e diversidade e comprometimento com transformações que nos aproximem de sociedades mais justas, democráticas e equitativas.

Sobre tais mudanças, relembramos uma prerrogativa básica e fundamental da psicologia psicanalítica concreta: a de que tudo o que existe, no mundo humano, é produto dos atos humanos (Bleger, 1963/2007). Por conseguinte, cabe a nós, como indivíduos e sociedade, a luta por melhores condições de vida para todos, isto é, o protagonismo desse processo. Assim, no mesmo espírito que iniciamos esta dissertação, ao trazer o cordel "Travesti não é bagunça", de Jarid Arraes (2015), gostaríamos de finalizá-la. Trata-se de um convite, ou melhor, uma provocação, presente também em Wittig (1992/2006, p.29, tradução nossa): afinal, "o que estamos esperando?".

Referências

- Aching, Michele Carmona, & Granato, Tania Mara Marques. (2018). Role of a support network for refugee mothers. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(2), 137-147. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000200003>
- AfroReggae. (2015a). *InfoReggae: Além do Arco-íris, nº 104*. Recuperado de <http://www.afroreggae.org/wp-content/uploads/2015/12/inforeggae-104.pdf>, em 04 de setembro de 2020.
- AfroReggae. (2015b). *Relatório institucional 2015*. Recuperado de https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.afroreggae.org/wp-content/uploads/2016/02/relatorio_institucional_2015.pdf&ved=2ahUKewj8olzC9aXtAhX3lrkGHcVSCXsQFjAAegQIARAB&usg=AOvVaw2zFik2AGQsIR-u-jh4yNQ1, em 28 de novembro de 2020.
- Aiello-Fernandes, Rafael. (2013). *“Da entrada de serviço ao elevador social”: racismo e sofrimento*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 146p.
- Aiello-Fernandes, Rafael. (2018). *Racismo e psicanálise em produções acadêmicas*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 181p.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Nunes Junior, A. B., & Carvalho, J. E. C. (1989). Mexericos de sangue: representações de familiares de pacientes internados sobre etologia da doença mental. Em *Programa e Resumos*. Ribeirão Preto: Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.
- Aiello-Vaisberg, Tania Maria José, & Assis, Natália Del Ponte de. (2017). O uso da literatura científica na pesquisa qualitativa com método psicanalítico. Em Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo (Org.). *O procedimento de Desenhos-Estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso*. São Paulo: IP-USP. Recuperado de http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/15_Apoiar.pdf, em 19 de fevereiro de 2020.

Aiello-Vaisberg, Tania Maria José. (1999a). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese (Livre-docência) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo-SP, 343p.

Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (1999b). O uso do objeto “teoria”; desconstrução e mudança de representações sociais de estudantes de psicologia sobre o doente mental. *Interações*, 4(7), 77-97. Recuperado de <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2013/09/ARTIGO-aiello-vaisberg-INTERACOES-1999.pdf>, em 17 de dezembro de 2020.

Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2002). *Sofrimento humano e práticas clínicas diferenciadas*. Recuperado de <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2015/03/Aiello-Vaisberg-2002-SOFRIMENTO-HUMANO-E-PR%C3%81TICAS-CL%C3%8DNICAS-DIFERENCIADAS.pdf>, em 25 de agosto de 2020.

Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2005). Os monstros, o método e o estabelecimento da capacidade ética. Em Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, & Fabiana Follador e Ambrosio (Orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: reflexões éticas na clínica contemporânea* (pp.9-26). São Paulo: Instituto de Psicologia/USP.

Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2006). O ser e o fazer na clínica ampliada e a radicalidade psicopatológica do pensamento de D. W. Winnicott. Em David Calderoni (Org.). *Psicopatologia: clínicas de hoje* (pp.109-120). São Paulo: Via Lettera.

Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2012). Paradoxo e loucura: a radicalidade do pensamento psicopatológico de D. W. Winnicott. Em Heloisa Ramos, & Ines Sucar (Orgs.). *Winnicott ressonâncias* (pp. 231-238). São Paulo: Primavera Editorial.

Aiello-Vaisberg, Tania Maria José. (2017). Estilo clínico ser e fazer: resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41-62. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v37n92/v37n92a05.pdf>, em 13 de fevereiro de 2020.

Alberti, Sonia, & Martinho, Maria Helena. (2013). Sexuação, desejo e gozo: entre neurose e perversão. *Psicologia USP*, 24(1), 119-142. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000100007>

- Alexandre, Vinícius, & Santos, Manoel Antônio dos. (2019). Experiência Conjugal de Casal Cis-trans: Contribuições ao Estudo da Transconjugalidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 75-87. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003228629>
- Amatuzzi, Mauro Martins. (2007). Experiência: um termo chave para a Psicologia. *Memorandum: Memória E História Em Psicologia*, 13, 8-15. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2007.6699>
- Amatuzzi, Mauro Martins. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(1), 93-100. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>
- Ambrosio, Fabiana Follador e, Aiello-Fernandes, Rafael, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: considerações conceituais. Em Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo & Tânia Maria José Aiello-Vaisberg (Orgs.). *XI Jornada Apoiar: adolescência: identidade e sofrimento na clínica social*. São Paulo: IP-USP.
- Amorim, Sylvia Maria Godoy, Vieira, Fernanda de Sousa, & Brancaloni, Ana Paula. (2013). Percepções acerca da condição de vida e vulnerabilidade à saúde de travestis. *Saúde em Debate*, 37(98), 525-535. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-11042013000300016>
- Angonese, Mônica, & Lago, Mara Coelho de Souza. (2017). Direitos e saúde reprodutiva para a população de travestis e transexuais: abjeção e esterilidade simbólica. *Saúde e Sociedade*, 26(1), 256-270. <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902017157712>
- Antunes, Pedro Paulo Sammarco. (2010). *Travestis envelhecem?*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, São Paulo-SP, 268p.
- Araújo, Murilo Silva de. (2014). *“O amor de Cristo nos uniu”*: Construções identitárias e mudança social em narrativas de vida de gays cristãos do grupo *Diversidade Católica*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-Graduação em Letras, Viçosa-MG, 144p.
- Arraes, Jarid. (2015). *Cordel – Travesti não é bagunça*. Recuperado de <https://revistaforum.com.br/noticias/cordel-travesti-nao-e-bagunca/>, em 12 de fevereiro de 2020.

- Assis, Natália Del Ponte de. (2014). *Problemáticos ou invisíveis: o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 110p.
- Assis, Natália Del Ponte de. (2019). *Estudo psicanalítico sobre o sofrimento de meninas adolescentes*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 185p.
- Associação Americana de Psiquiatria. (1952) *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM*. Washington D/C.
- Associação Americana de Psiquiatria. (1968). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM*. (2a ed.). Washington D/C.
- Associação Americana de Psiquiatria. (1980). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM*. (3a ed.). Washington D/C.
- Associação Americana de Psiquiatria. (1995). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM*. (4a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Associação Americana de Psiquiatria. (2002). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM*. (4a ed. rev.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Associação Americana de Psiquiatria. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM*. (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais. (2017). *Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017*. Recuperado de <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>, em 04 de setembro de 2020.
- Augé, Marc. (2004). *¿Por Qué Vivimos?* Barcelona: Gedisa.
- Barreto, Maria Auxiliadora, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 107-114. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100015>

- Barrientos, Jaime. (2016). Situación social y legal de gays, lesbianas y personas transgénero y la discriminación contra estas poblaciones en América Latina. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (22), 331-354. <https://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.22.15.a>
- Bartky, Sandra Lee. (2015) *Femininity and Domination*. London: Routledge. (Original publicado em 1991).
- Batoni, Bruna Risquioto. (2020). *Trabalho Profissional e Trabalho Reprodutivo no Imaginário Coletivo de Universitárias*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 115p.
- Benevides, Bruna, & Nogueira, Sayonara Naider Bonfim. (2020). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE. Recuperado de <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>, em 13 de fevereiro de 2020.
- Benjamin, Harry. (1966). *The Transsexual Phenomenon*. New York: The Julian Press.
- Bento, Berenice, & Pelúcio, Larissa. (2012). Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, 20(2), 559-568. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200017>
- Bento, Berenice. (2011). Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos feministas*, 19(2), 549-559. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>
- Bento, Berenice. (2017). *O que é transexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Bercherie, Paul. (1980). *Histoire et structure du savoir psychiatrique*. Belgique: Navarin.
- Bergeret, Jean. (2006). *Personalidade normal e patológica* (3a. Ed.). Porto Alegre: Artmed (Original publicado em 1974).

- Binkowski, Gabriel. (2019). Fósseis do Campo Psi: sobre Conversão de Orientação Sexual e Gênero. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 236-241. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228542>
- Bleger, José. (2007). *Psicologia de la Conducta*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1963).
- Brasil. (2009). *Portaria nº 1820, de 13 de agosto de 2009*. Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. Ministério da Saúde: Brasília.
- Braun, Virginia, & Clarke, Victoria. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Braun, Virginia, & Clarke, Victoria. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. London: SAGE Publications Ltd.
- Braz, Camilo, Brigeiro, Mauro, Uziel, Anna Paula, Carrara, Sérgio, & Monteiro, Simone. (2019). Palavras-chave e indexação científica: uma crítica da categorização das experiências trans na área da saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(10), e00097319. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00097319>
- Briggs, Justin. (2018). *YouTube SEO Ranking Factor Study Retrived*. Recuperado de <https://www.briggsby.com/reverse-engineering-youtube-search>, em 13 de fevereiro de 2020.
- Bueskens, Petra. (2014). *Mothering and Psychoanalysis: Clinical, Sociological and Feminist Perspectives*. Ontario: Demeter Press.
- Butler, Judith. (1990). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. UK: Routledge.
- Butler, Judith. (2019). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, Judith. (2009). Desdiagnosticando o gênero. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(1), 95-126. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000100006>

- Butler, Judith. (2014). Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, (42), 249-274. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>
- Caponi, Sandra. (2012). *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Carrara, Sérgio, Hernandez, Jimena de Garay, Uziel, Anna Paula, Conceição, Greice Maria Silva da, Panjo, Henri, Baldanzi, Ana Camilla de Oliveira, Queiroz, João Pedro, D'Angelo, Luisa Bertrami, Balthazar, Adriana Maria Shad e, Silva Junior, Aureliano Lopes da, & Giami, Alain. (2019). Body construction and health itineraries: a survey among travestis and trans people in Rio de Janeiro, Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(4), e00110618, 1-15. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00110618>
- Carvalho, Mario, & Carrara, Sérgio. (2013). Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (14), 319-351. <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-64872013000200015>
- Chinalia, Maria Julia Souza. (2012). *Mulheres na prisão: estudo psicanalítico sobre um documentário brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 78p.
- Chinalia, Maria Julia Souza. (2017). *O sofrimento emocional de mulheres presas por furtos de bagatela: estudo psicanalítico*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 113p.
- Cia, Walkiria Cordenonssi. (2014). *Sonho desfeito: anencefalia e experiência emocional dos pais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo-SP, 114p.
- Clastres, Pierre. (2017). *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Ubu Editora.
- Conselho Federal de Medicina. (2019). *Resolução nº 2265, de 20 de setembro de 2019*. Dispõe sobre o cuidado específico à pessoa com incongruência de gênero ou transgênero e revoga a Resolução CFM nº 1955/2010. Conselho Federal de Medicina: Brasília.

- Conselho Federal de Psicologia. (1999). *Resolução CFP nº 001/99, de 22 de março de 1999*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Conselho Federal de Psicologia: Brasília.
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Código de ética profissional do psicólogo*. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>, em 25 de agosto de 2020.
- Conselho Federal de Psicologia. (2018). *Resolução CFP nº 001/18, de 29 de janeiro de 2018*. Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Conselho Federal de Psicologia: Brasília.
- Conselho Federal de Psicologia. (2020). *Resolução CFP nº 008/20, de 05 de agosto de 2020*. Estabelece normas de exercício profissional da psicologia em relação às violências de gênero. Conselho Federal de Psicologia: Brasília.
- Conselho Nacional de Justiça. (2018). *Provimento nº 73, de 28 de junho de 2018*. Dispõe sobre a averbação da alteração do prenome e do gênero nos assentos de nascimento e casamento de pessoa transgênero no Registro Civil das Pessoas Naturais (RCPN). Corregedoria Nacional de Justiça: Brasília.
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (2019). *Documento de orientação CRP 06 nº 002/2019*. Dispõe sobre a atuação profissional de psicólogas/os no processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo: São Paulo.
- Cooper, David. (1985). *Psiquiatria y antipsiquiatria*. Barcelona: Paidós Ibérica.
- Corbett, Elisa, Ambrosio, Fabiana Follador e, Gallo-Belluzzo, Sueli Regina, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2014). Produções imaginativas sobre dificuldades sexuais: um estudo psicanalítico. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 756-765. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000300024>
- Corbett, Elisa. (2014). *“Contos sem fadas”: mães e filhos em situação de violência doméstica*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 146p.
- Corradi-Webster, Clarissa Mendonça. (2020). *Recursos que colaboram no processo de recovery de mulheres com necessidades relacionadas ao uso de drogas*. Tese

(Livre-docência) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Ribeirão Preto-SP, 152p.

Cossi, Rafael Kalaf, & Dunker, Christian Ingo Lenz. (2017). A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, e3344. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3344>

Costa-Val, Alexandre, & Guerra, Andréa. (2019). Corpos trans: um ensaio sobre normas, singularidades e acontecimento político. *Saúde e Sociedade*, 28(1), 121-134. <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902019170251>

Coutinho, Carlos Nelson. (2010). *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Expressão Popular. (Original publicado em 1943).

Couto, Thais Helena Andrade Machado. (2007). *A mãe, o filho e a Síndrome de Down*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 134p.

Crenshaw, Kimberlé. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

Cunha, Eduardo Leal. (2016). O homem e suas fronteiras: uma leitura crítica do uso contemporâneo da categoria de perversão. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 19(1), 85-101. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016000100006>

Diaz, Marta Garcia. (2020). *La Síndrome de Harry Benjamin*. New York: Kindle Edition.

Diniz, Thaianne Lopes. (2020). *“Afiml, o que é cuidar bem de uma criança”: percepções de pais e avós no contexto da homoparentalidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 127p.

Drescher, Jack. (2014). O que tem em seu armário? Em Petros Levounis, Jack Drescher, & Mary Barber (Orgs.). *O livro de casos clínicos GLBT* (pp.21-34). Porto Alegre: Artmed.

- Duarte, Evandro Piza, & Santana, Leonardo da Silva. (2018). O movimento LGBT e a luta pelo Estado laico no Brasil. Em Leonardo Nogueira, Erivan Hilário & Thaís Terezinha Paz e Kátia Morro (Orgs.). *Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil* (pp.263-288). São Paulo: Expressão popular.
- Fairbain, William Ronald Dodds. (1980). *Estudos psicanalíticos da personalidade*. Rio de Janeiro: Interamericana. (Original publicado em 1952).
- Fanon, Frantz. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUfba. (Original publicado em 1952).
- Fassin, Éric. (2005) Préface à edition française . Em Judith Butler. *Troubles dans le genre*. Paris: La Découverte.
- Federici, Silvia. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante.
- Federici, Silvia. (2018). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante.
- Ferrari, Ilka Franco. (2016). Mulheres encarceradas e seus filhos: exercício da perversão no mundo capitalista? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 19(4), 678-690. <https://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2016v19n4p678.7>
- Ferreira, Marcela Casacio, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2005). Concepções psicanalíticas sobre adoção: algumas considerações éticas. Em Tânia Maria José Aiello-Vaisberg & Fabiana Follador e Ambrosio (Orgs.). *Reflexões éticas na clínica contemporânea* (pp.118-127). São Paulo: IP-USP.
- Ferreira-Teixeira, Marcela Casacio, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José (2017). Maldade, drogas ou desespero. *Memorandum: memória e história em psicologia*, 33, 128-141. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6653>, em 01 de março de 2020.
- Ferreira-Teixeira, Marcela Casacio, Gallo-Belluzzo, Sueli Regina, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2014). O imaginário da Adoção Homoparental no Filme “PATRIK”: Considerações preliminares. Em: Leila Salomão de La Plata Cury

Tardivo & Tânia Maria José Aiello-Vaisberg (Orgs.). *XII Jornada Apoiar – A clínica social: propostas, pesquisas e intervenções* (pp. 139-152). São Paulo: IP-USP.

Fontanella, Bruno José Barcellos, Ricas, Janete, & Turato, Egberto Ribeiro. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>

Foucault, Michel. (2001). *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes.

Fraser, Nancy. (1990). *Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy*. Durham: Duke University Press.

Frederico, Celso. (1979). *A vanguarda operária*. São Paulo: Símbolo.

Freud, Sigmund Schlomo. (1923). Two Encyclopaedia Articles. Em Sigmund Schlomo Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud (vol. XVIII)*. London: Hogarth Press.

Freud, Sigmund Schlomo. (1962). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Gallimard. (Original publicado em 1905).

Freud, Sigmund Schlomo. (1969). A interpretação dos sonhos. Em Sigmund Schlomo Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. IV)*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).

Freud, Sigmund Schlomo. (1972). Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925-1931). Em Sigmund Schlomo Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. XIX)*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, Sigmund Schlomo. (1973). *La vie sexuelle*. Paris: PUF. (Original publicado em 1927).

Freud, Sigmund Schlomo. (1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). Em Sigmund Schlomo Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. XII)*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).

- Freud, Sigmund Scholmo. (1997). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Gama, Maria Clara Brito da. (2019). Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (31), 4-27. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.31.02.a>
- Gaspodini, Icaro Bonamigo, & Falcke, Denise. (2018). Relações entre Preconceito e Crenças sobre Diversidade Sexual e de Gênero em Psicólogos/as Brasileiros/as. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(4), 744-757. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001752017>
- Giddens, Anthony (1993). *The transformation of intimacy*. Cambridge: Polity Press.
- Giongo, Carmem Regina, Menegotto, Lisiane Machado De Oliveira, & Petters, Simone. (2012). Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(4), 1000-1013. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000400017>
- Gomes, Romeu, Murta, Daniela, Facchini, Regina, & Meneghel, Stela Nazareth. (2018). Gênero, direitos sexuais e suas implicações na saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6), 1997-2006. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04872018>
- Gómez, Álvaro Daniel Reyes. (2020). "The piano teacher" and the question of perversion. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 23(1), 111-120. <https://doi.org/10.1590/1809-44142020001013>
- Greenberg, Jay, & Mitchell, Stephen. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed (Original publicado em 1983).
- Guba, Egon, & Lincoln, Yvonna. (1994). Competing paradigms in qualitative research. Em Norman Kent Denzin & Yvonna Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks CA: Sage.
- Guimarães, Jayane Santos, Zerbinati, João Paulo, & Bruns, Maria Alves de Toledo. (2019). Experiência religiosa lésbica: da exclusão à inclusão. *Revista do NUFEN*, 11(3), 01-16. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v11n3/a02.pdf>

- Hachet, Amal. (2005). Agressores sexuais: é possível um tratamento psicanalítico sob prescrição judicial? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 8(1), 47-62. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000100004>
- Herrmann, Fábio. (2001). *Andaimos do real*. São Paulo: Caso do Psicólogo (Original publicado em 1979).
- Hilário, Leomir Cardoso, & Cunha, Eduardo Leal. (2012). Possibilidades ético-estéticas da perversão: a sexualidade perverso-polimorfa como prática de liberdade em Marcuse. *Psicologia USP*, 23(2), 303-326. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642012005000005>
- Incerpe, Patrícia Regina Bueno. (2018). *A experiência de profissionais de um CREAS em relação ao atendimento a mulher em situação de violência*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 123p.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2018: breve análise da evolução da morte no Brasil*. Recuperado de https://servicodados.ibge.gov.br/Download/Download.ashx?http=1&u=biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3097/tcmb_2018.pdf, em 19 de novembro de 2020.
- Jesus, Jaqueline Gomes de. (2018). Travessia: caminhos da população trans na história. Em James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Caetano & Marisa Fernandes. *História do movimento LGBT no Brasil* (pp. 379-392). São Paulo: Alameda.
- Jurado, Thiago. (2013). *Produções imaginativas sobre a homoparentalidade por meio de Narrativas Interativas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 104p.
- Kergoat, Danièle. (1978). “Ouvriers = Ouvrières?” Propositions pour une articulation théorique des deux variables: sexe et classes sociales. *Critiques de l'économie politique*, 5,65-97. Recuperado de <https://cdn.atrria.nl/epublications/fragen/ANEF-1978093300001.pdf>, em 19 de novembro de 2020.
- Klein, Melanie. (2011). *The psycho-analysis of children*. London: Vintage Digital. (Original publicado em 1932).

- Laing, R. D. (2010). *Divided Self: Existencial Study in Sanity and Madness*. London: Penguin. (Original publicado em 1965).
- Langer, M. (1993). *Maternidad y Sexo*. Ciudad de Mexico: Paidós. (Original publicado em 1951).
- Lanz, Leticia. (2015). *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros*. Curitiba: Transgente.
- Laplanche, Jean, & Pontalis, Jean-Bertrand. (1967). *Vocabulário de psicanálise*. Lisboa: Moraes Editora.
- Lessa, Sérgio. (2012). *Abaixo a família monogâmica*. São Paulo: Instituto Lukács.
- Lévi-Strauss, Claude. (1958). *Anthropologie structurale*. Paris: Plon.
- Lima Filho, Ivo de Andrade, & Facundes, Vera Lúcia Dutra. (2014). A perversão no território: os efeitos do desmentido. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3), 686-695. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2014v17n3-Suppl.p686.10>
- Lucena, Bárbara Braga de, & Abdo, Carmita Helena Najjar. (2014). Transtorno parafilico: o que mudou com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição (DSM-5). *Diagnóstico & Tratamento*, 19(2), 94-96. Recuperado de <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2014/v19n2/a4147.pdf>, em 01 de março de 2020.
- Lukács, György. (2013) *Ontologia do Ser Social*. São Paulo: Boitempo. (Original publicado em 1978).
- Machado, Maria Christina Lousada, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2004). *O brincar e a sexualidade: considerações sobre o erotismo e o desejo à luz da psicanálise winnicottiana*. Recuperado de <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/brincar-e-sexualidade.pdf>, em 17 de setembro de 2020.
- Magnan, Valentin. (1893). *Recherches sur les centres nerveux. Alcoolisme, folie des héréditaires dégénérés, paralysie générale, médecine légale*. Paris: Masson.

- Martínez, Viviana C. Velasco. (2001). A nudez. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 4(2), 41-52. <https://dx.doi.org/10.1590/1415-47142001002005>
- Martins, Paulo César Ribeiro. (2007). *O amante competente e outros campos o imaginário coletivo de universitários sobre dificuldades sexuais masculinas*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 99p.
- Mattos, Amana Rocha. (2018). Discursos ultraconservadores e o truque da "ideologia de gênero": gênero e sexualidades em disputa na educação. *Revista Psicologia Política*, 18(43), 573-586. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300009&lng=pt&tlng=pt, em 17 de dezembro de 2020.
- Maubourguet, Patrice. (1995). *Le petit larousse*. Paris: Larousse.
- Mead, Margaret. (2009). *Sexo e temperamento* (4ª ed.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1935).
- Mendes, Isadora Cristina, Jesuino, Rosália Santos Amorim, Pinheiro, Denise da Silva, & Rebelo, Ana Cristina Silva. (2018). Anomalias congênitas e suas principais causas evitáveis: uma revisão. *Revista Médica de Minas Gerais*, 28, e-1977, 1-6. <http://www.dx.doi.org/10.5935/2238-3182.20180011>
- Mishima, Yukio. (2004). *Confissões de uma máscara*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mizael, Táhcita Medrado, Gomes, Ariane Rico, & Marola, Paula Pizzirani. (2019). Conhecimentos de Estudantes de Psicologia sobre Normas de Atuação com Indivíduos LGBTs. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, e182761, 1-20. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003182761>
- Moira, Amara, Brant, Tarso, Rocha, Márcia, & Nery, João. (2017). *Vidas trans: a coragem de existir*. Bauru: Astral Cultura.
- Monteiro, Simone, & Brigeiro, Mauro. (2019). Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(4), 1-12. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00111318>

- Montezi, Aline Vilarinho, Barcellos, Tomíris Forner, Ambrosio, Fabiana Follador, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2013). Linha de Passe: adolescência e imaginário em um filme. *Psicologia em Revista*, 19(1), 74-88. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2013v19n1p74>
- Moraes, Cleber José Aló de. (2017). *Tornando-se pai: narrativas de casais grávidos sobre a transição para a paternidade*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 176p.
- Morel, Bénédict. (1857). *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et Morales de l'espèce humaine et de causes qui produisent ces variétés malades*. Paris: L Ballière.
- Morera, Jaime Alonso Caravaca. (2017). El dispositivo trans: sobre realidades, complejidades y subversiones al aparato cisheterossexual. *Revista Enfermería Actual*, 32. Recuperado de <http://www.scielo.sa.cr/pdf/enfermeria/n32/1409-4568-enfermeria-32-00197.pdf>, em 13 de fevereiro de 2020.
- Naves, Emilse Terezinha. (1999). O papel da recusa nas relações entre o narcisismo e a perversão. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 2(2), 108-120. <https://dx.doi.org/10.1590/1415-47141999002008>
- Nery, João. (2011). *Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*. São Paulo: LeYa Brasil.
- Neves, Dulce Morgado. (2019). Sexualidade: Saber e Individualidade. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), 1-11. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254146>
- Oliveira, Debora Ortolan Fernandes de. (2020). *Gênero e drogas: Imaginário de Trabalhadores de um Serviço de Saúde Mental*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 126p.
- Oliveira, Itauane de, & Romanini, Moises. (2020). (Re)escrevendo roteiros (in)visíveis: a trajetória de mulheres transgênero nas políticas públicas de saúde. *Saúde e Sociedade*, 29(1), e170961. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902020170961>

- Orejuela, Johnny Javier, Piedrahita, John Jairo, & Renza, Faizury. (2012). La práctica/estilo de vida swinger: ¿una práctica social-sexual perversa? *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (10), 37-69. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000400003>
- Organização Mundial da Saúde (1993). *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Pacheco, Bárbara Guimarães Costa. (2017). *Psicologias e transexualidades: o estado da arte da produção teórica brasileira*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Uberlândia-MG, 195p.
- Park, Ian. (2006). Qualitative research. Em Peter Banister et al. *Qualitative methods in Psychology: a research guide* (pp.1-16). London: Open University Press.
- Pessoa, Fernando. (2015) *Mensagem*. New York: Kindle Edition. (Original publicado em 1934).
- Pichon-Rivière, Enrique. (2005). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Politzer, Georges. (2004). *Crítica dos fundamentos da psicologia: A psicologia e a psicanálise*. (Marcos Marcionilo, & Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva, Trans.). Piracicaba: Editora Unimep. (Original publicado em 1928).
- Pontes, Mariana Leme da Silva, Cabrera, Jaqueline Caldamone, Ferreira, Marcela Casacio, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em estudo*, 13(3), 495-502. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000300010>
- Pornhub. (2016). *Redtube & Brazil*. Recuperado de <https://www.pornhub.com/insights/redtube-brazil>, em 25 de agosto de 2020.
- Renault, Emmanuel. (2010). A critical theory of social suffering. *Critical Horizons*, 11(2), 221-241. <https://doi.org/10.1558/crit.v11i2.221>
- Ribeiro, Amanda Karoline de Oliveira, & Silveira, Lia Carneiro. (2020). Transfobia e abjeção: diálogos possíveis entre a psicanálise e a teoria queer. *Ágora: Estudos*

em *Teoria Psicanalítica*, 23(1), 66-74. <https://dx.doi.org/10.1590/1809-44142020001008>

Ribeiro, Letícia Jóia. (2018). *A experiência parental de casais homoafetivos: uma abordagem psicanalítica*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 146p.

Rocon, Pablo Cardozo, Rodrigues, Alexsandro, Zamboni, Jésio, & Pedrini, Mateus Dias. (2016). Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(8), 2517-2526. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015218.14362015>

Rocon, Pablo Cardozo, Sodré, Francis, Rodrigues, Alexandro, Barros, Maria Elizabeth Barros de, Pinto, Getulio Sérgio Souza, & Roseiro, Maria Carolina Fonseca Barbosa. (2020b). Vidas após a cirurgia de redesigna o sexual: sentidos produzidos para gênero e transexualidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(6), 2347-2356. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020256.26002018>

Rocon, Pablo Cardozo, Sodré, Francis, Rodrigues, Alexsandro, Barros, Maria Elizabeth Barros de, & Wandekoken, Kallen Dettmann. (2019). Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema  nico de Saúde. *Interface - Comunica o, Saúde, Educa o*, 23, e180633, 1-14. <https://dx.doi.org/10.1590/interface.180633>

Rocon, Pablo Cardozo, Wandekoken, Kallen Dettmann, Barros, Maria Elizabeth Barros de, Duarte, Marco José Oliveira, & Sodré, Francis. (2020a). Acesso   saúde pela popula o trans no brasil: nas entrelinhas da revisão integrativa. *Trabalho, Educa o e Saúde*, 18(1), e0023469. <https://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00234>

Rocon, Pablo Cardozo, Zamboni, J sio, Sodré, Francis, Rodrigues, Alexsandro, & Roseiro, Maria Carolina Fonseca Barbosa. (2017). (Trans)forma es corporais: reflexões sobre saúde e beleza. *Saúde e Sociedade*, 26(2), 521-532. <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902017171907>

Rodrigues, Letícia Molina. (2016). *O imaginário de adolescentes sobre o esporte: um estudo psicanalítico*. Disserta o (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Gradua o em Psicologia, Campinas-SP, 136p.

- Roggia, Larissa Bastiani, & Bastos, André Goettems. (2016). Perverse manifestations in a melancholic structure. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 19(2), 209-226. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016002004>
- Rosa Junior, Norton Cezar Dal Follo da, & Poli, Maria Cristina. (2013). Literatura, perversão e psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(4), 702-714. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000400016>
- Rosa, Débora Cristina Joaquina, Lima, Daiane Marcia de, Peres, Rodrigo Sanches, & Santos, Manoel Antônio dos. (2019). O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. *Psicologia clínica*, 31(3), 577-595.
- Roudinesco, Elisabeth, & Plon, Michel (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Saffioti, Heleieth. (1993). Diferença ou indiferença: gênero, raça/etnia e classe social. Em Sergio Adorno (Org.). *A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade.
- Schulte, Andréia de Almeida, Gallo-Belluzzo, Sueli Regina, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2019). A experiência emocional de autoras de mommy blogs. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 107-130. 10.5433/2236-6407.2019v10n1p107
- Schulte, Andréia de Almeida, Gallo-Belluzzo, Sueli Regina, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2016). Postagens em blogs pessoais: aproximação do acontecer humano em pesquisas psicanalíticas. *Psicologia revista*, 25(2), 227-241. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/30138/21350>, em 29 de fevereiro de 2020.
- Silva, Denise Quaresma da, & Folberg, Maria Nestovsky. (2008). De Freud a Lacan: as idéias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. *Estudos de Psicanálise*, (31), 50-59. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100007&lng=pt&tlng=pt, em 17 de dezembro de 2020.
- Silva, Felipe Cazeiro da, Souza, Emilly Mel Fernandes de, & Bezerra, Marlos Alves. (2019). (Trans)tornando a norma cisgênera e seus derivados. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), e54397, 1-12. <https://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254397>

- Silva, Gustavo Renan de Almeida da, Américo, Mayara de Souza, Ribas, Thaís, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (no prelo). “Minha vida mudou para sempre”: experiência vivida de perda por suicídio. Em Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo & Tânia Maria José Aiello-Vaisberg (Orgs.). *XVII Jornada Apoiar: violência social e autoinfligida – propostas de atenção e pesquisas*. São Paulo: IP-USP.
- Silva, Maria Emília Lino da. (1994). *Os avatares da função psicanalítica*. Recuperado de http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p12_texto03.pdf, em 17 de dezembro de 2020.
- Sousa, Diogo, & Iriart, Jorge. (2018). “Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(10), e00036318. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00036318>
- Souza, Heloisa Aparecida de, Bernardo, Marcia Hespanhol. (2014). Transexualidade: as consequências do preconceito escolar para a vida profissional. *Revista Bagoas*, 8(11), 157-175. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6548>, em 01 de março de 2020.
- Souza, Heloisa Aparecida de. (2012). *Os desafios do trabalho na vida cotidiana de mulheres transexuais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 128p.
- Suárez, Raudelio Machín, & Romero, Liudmila de la C. Santana. (2017). Hijas del desamor. Efectos de la perversión femenina materna en la constitución subjetiva de sus hijas. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 20(2), 349-367. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n2p349.9>
- Succi, Brunela. (2018). Por uma história da dissidência sexual e de sua (in)visibilidade no teatro da Buenos Aires sessentista. *Cadernos Pagu*, (53), e185316. <https://dx.doi.org/10.1590/18094449201800530016>
- Supremo Tribunal Federal. (2019). *STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa*. Recuperado de <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>, em 25 de agosto de 2020.
- Tachibana, Miriam, Ambrosio, Fabiana Follador e, Beaune, Daniel, & Vaisberg, Tânia Maria José Aiello. (2014). O imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre

a interrupção da gestação. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17(2), 285-297. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200009>

Tostes, Guilherme Wykrota, Assis, Natália Del Ponte de, Corbett, Elisa, & Aiello-Vaisberg. (2018). Dor cortante: sofrimento emocional de meninas adolescentes. *Contextos clínicos*, 11(2), 257-267. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.112.10>

Trevisan, João Silvério. (2018). *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (4a. ed.). Rio de Janeiro: Objetiva.

Turner, Víctor. (1988). *El proceso ritual*. Madrid: Taurus.

Veras, Elias Freitas. (2018). Travestis: visibilidade e performatividade de gênero no tempo farmacopornográfico. Em James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Caetano & Marisa Fernandes. *História do movimento LGBT no Brasil* (pp. 347-356). São Paulo: Alameda.

Vieira, Erick da Silva, Pereira, Carlos Allencar Servulo Rezende, Dutra, Clarissa Viola, & Cavalcanti, Céu Silva. (2019). Psicologia e Políticas de Saúde da População Trans: Encruzilhadas, Disputas e Porosidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 161-173. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228504>

Vieira, Helena, & Fraccaroli, Yuri. (2018). Violência e dissidências: um breve olhar às experiências de repressão e resistência das travestis durante a ditadura militar e os primeiros anos da democracia. Em James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Caetano & Marisa Fernandes. *História do movimento LGBT no Brasil* (pp. 357-378). São Paulo: Alameda.

Visintin, Carlos Del Negro, & Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. (2017). Maternidade e sofrimento social em mommy blogs brasileiros. *Revista psicologia: teoria e prática*, 19(2), 98-107. <https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p98-107>

Winkler, Vanessa Tanon Calderelli. (2019). *Imaginários coletivos de mulheres jovens sobre tornar-se adulta*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 106p.

- Winnicott, Donald Woods. (1968). O medo do colapso. Em Clare Winnicott, Ray Sheperd & Madeleine Davis (Orgs.). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Winnicott, Donald Woods. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1971).
- Winnicott, Donald Woods. (1978). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1958).
- Winnicott, Donald Woods. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I.C.S. Ortiz, Trad.) Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1963).
- Winnicott, Donald Woods. (1988). *Natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wittig, Monique. (2006). *El pensamiento heterosexual*. Madrid: EGALES (Original publicado em 1992).
- World Health Organization. (2019). *ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics*. Recuperado de <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>, em 06 de agosto de 2020.
- Zavaglia, Marina Miranda Fabris. (2020). *A experiência vivida de mães de filhos diagnosticados como autistas e sofrimento social*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 106p.
- Zucchi, Eliana Miura, Barros, Claudia Renata dos Santos, Redoschi, Bruna Robba Lara, Deus, Luiz Fabio Alves de, & Veras, Maria Amélia de Sousa Mascena. (2019). Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(3), e00064618, 1-13. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-3111x00064618>